



UFG

Universidade Federal de Goiás (UFG)
Faculdade de Educação (FE)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Samanta Silva Souza

Idosas no Brasil do cólera: reflexões psicossociais sobre a velhice

Orientadora: Professora Dra. Lívia Gomes dos Santos

Goiânia,
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

SAMANTA SILVA SOUZA

3. Título do trabalho

Idosas no Brasil do Cólera: Reflexões Psicossociais sobre a Velhice

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Samanta Silva Souza, Discente**, em 14/05/2025, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Livia Gomes Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 14/05/2025, às 13:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5210830** e o código CRC **F865D8F0**.

Referência: Processo nº 23070.004076/2024-61

SEI nº 5210830



UFG

Universidade Federal de Goiás (UFG)
Faculdade de Educação (FE)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Samanta Silva Souza

Idosas no Brasil do cólera: reflexões psicossociais sobre a velhice

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Linha de pesquisa: Processos Psicossociais e Educacionais

Orientadora: Professora Doutora Lívia Gomes dos Santos.

Goiânia
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Souza, Samanta Silva

Idosas no Brasil do cólera: [manuscrito] : reflexões psicossociais sobre a velhice / Samanta Silva Souza. - 2024.
xii, 138 f.

Orientador: Prof. Dr. Livia Gomes dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, 2024.

1. Vigotski. 2. psicologia da arte. 3. velhice. 4. desenvolvimento humano. I. Santos, Livia Gomes dos, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **03** da sessão de Defesa de Dissertação de SAMANTA SILVA SOUZA, que confere o título de Mestra em **Psicologia**, na área de concentração em **Psicologia**.

Aos **dezesesseis dias do mês de fevereiro de 2024**, a partir das **14h**, na **sala 242** da **Faculdade de Educação**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**Idosas no Brasil do Cólera**”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Lívia Gomes dos Santos (PPGP UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Tatiana Minchoni (FE/ UFG)**, membro titular externo, **cuja participação ocorreu através de videoconferência**; e Professora Doutora **Priscilla Melo Ribeiro de Lima (PPGP UFG)**, membro titular interno **participação ocorreu através de videoconferência**. Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Lívia Gomes dos Santos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **dezesesseis dias do mês de fevereiro de 2024**.

Professora Doutora **Lívia Gomes dos Santos - Presidente**

Professora Doutora **Tatiana Minchoni - Membro externo**

Professora Doutora **Priscilla Melo Ribeiro de Lima - Membro interno**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Idosas no Brasil do Cólera: Reflexões Psicossociais sobre a Velhice



Documento assinado eletronicamente por **Livia Gomes Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 22/02/2024, às 09:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Priscilla Melo Ribeiro De Lima, Professora do Magistério Superior**, em 23/02/2024, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Samanta Silva Souza, Discente**, em 14/05/2025, às 13:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tatiana Minchoni, Usuário Externo**, em 15/05/2025, às 09:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4386009** e o código CRC **C78D62F5**.

Referência: Processo nº 23070.004076/2024-61

SEI nº 4386009

Agradecimentos

A todo corpo docente e técnico administrativo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás, que, de forma admirável, realiza o seu trabalho, assegurando a continuidade da formação profissional com qualidade.

À minha orientadora Livia Gomes dos Santos, pela parceria, leveza e apoio fornecido nessa jornada. Obrigada por se fazer presente em todo percurso desta pesquisa, fornecendo fundamentos às minhas indagações e contribuindo com o meu desenvolvimento.

À minha intensa rede de afeto e solidariedade, família, amigas e amigos, da qual não poderia prescindir nem por um dia.

A arte, parece ser aquilo que Vygotsky adjetiva em Psicologia da arte: “[ela] está para a vida como o vinho para a uva [...], recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material” (Vigotsky, 1999, p.307-308).

“A arte, nesse sentido, pode ser encarada como uma potência de transformação da vida” (Alano, 2020).

Sumário

Resumo	VI
Abstract	VII
Introdução	8
Capítulo 1 - Velhice e suas interfaces	25
A velhice na sociedade capitalista.....	31
A velhice no Brasil	38
Desigualdades sociais e envelhecimento	44
A mulher envelhecida e seus desafios.....	46
Capítulo 2 – O território enquanto objeto de estudo da psicologia	53
Pessoas idosas e o direito à cidade.....	55
Desafios das pessoas idosas no espaço urbano	60
O território e a vida	62
Adoecimento das pessoas idosas na cidade	70
Direito à cidade	72
Capítulo 3 – A arte	76
A mulher idosa e sua relação com a teoria histórico-cultural	78
Literatura como potência	80
Idosas e o sofrimento.....	88
As mulheres retratadas no livro <i>O amor nos tempos do cólera</i>.....	93
Um mergulho em detalhes da narrativa.....	103
Considerações finais.....	116
Referências.....	122

Resumo

Os processos psicossociais que perpassam a vida da idosa e que a caracterizam foram nosso guia na pesquisa realizada. Com o aporte da teoria histórico-cultural e com a análise da literatura, principalmente o livro “*O amor nos tempos do Cólera*”, do autor latino-americano Gabriel García Márquez, abordamos diversos aspectos da velhice feminina. Como metodologia, realizamos a pesquisa com uma extensa coleta de dados acerca do fenômeno do envelhecimento feminino, por meio da análise documental. Diante disso, na presente pesquisa temos como objetivo principal: apreender os processos psicossociais que perpassam e caracterizam a vida da idosa. Elaboramos três objetivos específicos: o primeiro objetivo é apresentar um panorama da vida da mulher idosa, particularmente no Brasil, relacionado com seu desenvolvimento. O segundo é analisar os desafios e potencialidades enfrentados pelas idosas em relação ao território que habitam. O terceiro é compreender a velhice feminina por meio da literatura. Em relação ao aporte teórico, utilizamos a Psicologia Histórico-cultural de Vigotski, embasada no método materialista histórico-dialético. Trouxemos para o debate um panorama social e cultural da velhice feminina tendo a arte como mediadora para a expressão e reelaboração das emoções. Afinal, como nos falou Vigotski, acreditamos que o ser humano é histórico e social, também biologicamente constituído, mas sobre o qual triunfaram as leis sociais e culturais. Essa teoria, que apresenta conceitos que vão além do aspecto biologizante ainda muito comum quando se fala de desenvolvimento humano, nos mostra que este é marcado pelas condições históricas da humanidade e que possui atividades principais. A velhice feminina, nas relações sociais de produção precisa ser entendida a partir da análise destas.

Palavras-chave: Vigotski; psicologia da arte; velhice; desenvolvimento humano.

Abstract

The psychosocial processes that permeate the lives of elderly women and that characterize them were our guide in the research we conducted. With the support of historical-cultural theory and the analysis of literature, especially the book “Love in the Time of Cholera” by the Latin American author Gabriel García Márquez, we addressed various aspects of female aging. As a methodology, we conducted the research with an extensive collection of data about the phenomenon of female aging, through documentary analysis. In view of this, the main objective of this research is to understand the psychosocial processes that permeate and characterize the lives of elderly women. We developed three specific objectives: The first objective is to present an overview of the lives of elderly women, particularly in Brazil, related to their development. The second is to analyze the challenges and potentialities faced by elderly women in relation to the territory they inhabit. The third is to understand female aging through literature. Regarding the theoretical framework, we used Vygotsky's Historical-Cultural Psychology, based on the historical-dialectical materialist method. We brought to the debate a social and cultural panorama of female old age, with art as a mediator for the expression and reworking of emotions. After all, as Vygotsky told us, we believe that the human being is historical and social, also biologically constituted, but over which social and cultural laws have triumphed. This theory, which presents concepts that go beyond the biologizing aspect still very common when talking about human development, shows us that it is marked by the historical conditions of humanity and that it has main activities. Female old age needs to be understood based on the analysis of the social relations of production.

Keywords: Vygotsky; psychology of art; old age; human development.

Introdução

Este trabalho se dedica a apreender alguns processos psicossociais que perpassam a vida da mulher idosa e que a caracterizam, à luz da psicologia histórico-cultural, teoria psicológica que teve como principal expoente Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934). Esta pesquisa realizou a análise de uma obra de literatura. Trouxemos a ideia de arte como tendo a potência de realizar algumas mudanças sociais nesse contexto no qual a velhice é desinvestida.

Como destacados por Catão e Rocha (2019), compreendemos que é crucial visualizar o aspecto coletivo, ao mesmo tempo em que se destaca a pessoa e sua configuração psicossocial, pois é nela que se revelam as demandas e os direitos, incluindo as opressões e violências identificadas por pesquisas de gênero. Nesta direção, o intuito é questionar os discursos hegemônicos acerca da velhice, considerando as influências históricas, como apontado por Federici (2004) ao assinalar que “no processo histórico encontramos movimentos que culminaram na caça às bruxas e na inferiorização da mulher”.

Sendo assim, meu desejo de escrever sobre as idosas surgiu da prática estudantil e profissional. Meu primeiro contato com esse público foi como estudante de psicologia, na Universidade Federal de Goiás, na cidade de Jataí, no estágio específico, no qual permaneci por um ano, inserida em um equipamento do Centro de Referência de Assistência Social (Cras). Esse território fazia parte de uma região periférica, no qual havia violência, roubos, miserabilidade, poucos espaços coletivos de lazer, e por ser uma região afastada do centro comercial, o transporte público era precário e as pessoas idosas que frequentavam o Cras, sendo em sua maioria mulheres idosas apresentavam sofrimento psíquico.

Posteriormente, como psicóloga inserida em outro território, no município de Rondonópolis, Mato Grosso e trabalhando no Sistema Único de Saúde (SUS), por dois anos em uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) novamente me vi em um local com as mesmas

características citadas acima. Neste local, que inclusive ficava ao lado de um Cras, experienciei casos parecidos com os de quando realizava estágio, ainda na graduação.

No contexto de trabalho das políticas públicas, percebia que minha vivência enquanto mulher trabalhadora guardava semelhanças com as mesmas. Compartilhava com elas o transporte público, diversas dificuldades sociais ligadas a renda, trabalho, educação, etc. O que me tocou nessas vivências foi acompanhar de perto a realidade daquela população, meus questionamento quanto ao ser mulher no território e as condições de vulnerabilidade que vamos passando ao longo da vida.

A temática do envelhecimento me inquietava desde a graduação. Nos estágios tive contato com esse público nos diversos espaços nos quais as políticas públicas eram trabalhadas e por ser um recorte populacional que se encontrava bem presente nestes espaços, surgiu o interesse de me dedicar mais atentamente a essa demanda. Para mim, minha própria velhice parecia tão distante, mas, ao mesmo tempo, pensava que poderia ser marcada pelos mesmos preconceitos que aquelas pessoas relatavam.

Após a conclusão do curso de psicologia e atuando no Sistema Único de Saúde (SUS) continuei me indignando com o etarismo e me inspirando nas pessoas idosas, especialmente sobre as mulheres, afinal, partilhávamos de algumas experiências em comum, como por exemplo, a busca por uma renda extra, reações de misoginia por parte de homens que frequentavam os mesmos espaços em que estávamos, medo de sofrer alguma violência, entre outros.

Para além das experiências, essa fase de vida do ser humano me trazia reflexões profundas acerca do mundo do trabalho no capitalismo, outra área que também me colocava em movimento de constante pesquisa, pois, a aposentadoria parecia um mundo à parte. Lidei com vários falecimentos de pessoas que frequentavam o grupo de pessoas idosas onde fazia estágio

e também com tentativas de suicídio. Inserida nesse contexto, não pude deixar de ser afetada por essas vivências.

Ao buscar saber sobre a velhice, encontrei que nosso país envelhece de forma acelerada e as mulheres predominam nesta faixa etária, sendo a feminização da velhice também um dado global. Mas, existem diferentes tipos de “envelhecimentos” que variam conforme o espaço geográfico em que a mulher circula, a raça/etnia, a classe e a geração. Até mesmo o critério etário é diferente, a depender de alguns fatores. A definição por critério etário variou ao longo da história.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), a Constituição Federal (Brasil, 1988) e o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), uma pessoa idosa é a que tem mais de 60 (sessenta anos). Ainda, no Brasil, o Projeto da Comissão Social e Família (Projeto de Lei nº 1.118, 2011), estabelece que a pessoa com deficiência é considerada idosa aos 45 anos ou mais, devido à expectativa de vida dessas pessoas não ser a mesma das pessoas sem deficiência. (Silva & Chariglione, 2024, p. 152).

Já para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) , em países em desenvolvimento uma pessoa é considerada idosa com 60 (sessenta) anos e considerada idosa aos 65 (sessenta e cinco) anos ou mais em países desenvolvidos. O Brasil, neste contexto, se situa como país em desenvolvimento. Desde já é importante destacar que apesar do marco comum ser a idade, o que caracteriza o envelhecimento não é apenas características biológicas: o lugar em que o sujeito está inserido, a classe social e o gênero são questões imprescindíveis para pensar o desenvolvimento.

Sobre a realidade brasileira, o número de adultos e idosos no país é superior ao de crianças e jovens e as previsões apontam que, em 2050, cerca de 20% da população mundial será composta por pessoas idosas, conforme aponta Lebrão (2007) e Pires-de-Mello (2013). O envelhecimento dos brasileiros já era um evento antevisto desde o início do século XX, pois a

mortalidade apresentava declínio e a fecundidade diminuía significativamente, mostra Lebrão (2007).

Para Drumond (2019), o envelhecimento da parte ocidental do globo tem ocorrido tão rapidamente, que se antecipou às projeções. Sendo assim, conforme Rozendo (2022), neste cenário, as pessoas, o Estado e o mercado se arranjam progressivamente mais para uma experiência de vida longa. Isso ocorre pois conseguimos estender muito a vida.

No entanto, o processo de envelhecimento nos países desenvolvidos ocorreu lentamente e depois da construção de padrões elevados de vida. Isso ocorreu após ações para diminuir as desigualdades sociais e econômicas junto ao planejamento de estratégias institucionais para reduzir os efeitos das desigualdades residuais. Na América Latina o cenário é o oposto: ainda marcado por questões precárias de desenvolvimento e por forte desigualdade social, o envelhecimento também carrega as marcas deste contexto. Além disso, o acesso aos serviços e recursos coletivamente financiados foram reduzidos mostra Lebrão (2007).

Na América Latina, observa-se que o aumento da população desta região está mais relacionado com o avanço das questões médicas e de saúde pública, (sendo a diminuição da mortalidade infantil um dos pontos cruciais), do que melhorias nos padrões gerais de vida, segundo Maia, Duarte e Lebrão (2006) e Lebrão (2007). Assim, como apontam Carvalho e Andrade (2000), apesar dos países em desenvolvimento estarem vivendo um crescimento veloz, o quantitativo de pessoa idosas nestes locais ainda é menor que os dos países desenvolvidos. O impacto nos países em desenvolvimento já se traduz como desafio, pois, devido às proporções deste fenômeno, o desenvolvimento econômico e social encontra contratempos para manter a estabilidade do sistema de segurança social, do modelo produtivo.

Com a acelerada transição demográfica e epidemiológica, muito induzida pelas modificações no estilo de vida, pela urbanização, pela entrada da mulher no mercado de

trabalho, pelas mudanças nos arranjos familiares e pelos estímulos tecnológicos, ocorreu a alteração do perfil populacional do país, como apontam Manna, Leite e Aiello-Vaisberg (2018).

Alguns órgãos mundiais já iniciaram ações para enfrentar essas mudanças, por exemplo, em 2020, a Assembleia Geral das Nações Unidas apontou que de 2021 a 2030 será a década do Envelhecimento saudável (OPAS, 2021). O que representa a preocupação dos gestores para a realização de mudanças necessárias a fim de dar conta dessa nova realidade.

Porém, ainda vemos em nosso país, que as pessoas idosas têm muitas dificuldades econômicas e sociais, sendo por vezes, tratados como “problema”. Conforme Moura e Sarriera (2019) a pobreza afeta de modo negativo o bem-estar pessoal. Os laços de sociabilidade nos ambientes mais empobrecidos são recursos coletivos de luta para contra essa situação. No Brasil há a cultura da violência direcionada majoritariamente para as pessoas mais pobres. Praticada até mesmo pelos familiares, a violência afeta as pessoas idosas. Portanto, a eliminação da pobreza não concerne apenas na transferência de renda, ela exige mediações estruturais, culturais e simbólicas.

A concepção de que pessoas idosas integram um problema social vem sendo elaborada eminentemente pelo Estado. Na sociedade ocidental moderna, o Estado é o impetuoso regulador do curso da vida, desde a origem até o fim da existência, transitando pelas fases de escolarização, de atuação no mercado de trabalho e também da aposentadoria. Como consequência disso, a idade cronológica é uma instituição cultural de acentuado destaque no presente aparato jurídico-político que centraliza no sujeito a responsabilidade de direitos e deveres e no mercado de trabalho, o sustentáculo da economia, pondera Minayo e Coimbra (2002).

Outra instância, além do Estado, que também versa sobre a velhice é a ciência e isso teve repercussões. Precisamos destacar que tivemos perdas e ganhos com a forma como a velhice é

tratada pela ciência, por vezes, tendendo para a medicalização deste momento da vida, como mostra Iacub (2007):

O vocabulário que se tornou freqüente entre médicos para designar a particularidade da velhice inclui termos como “debilitamento”, “alteração”, “atrofia”, “degeneração”, “lesão”, “esclerose”, “ulceração”. Também surgiu uma longa série de patologias definidas pela idade, que recebiam o epíteto de “senis” como marca característica que as especificava: “arco senil”, “demência senil”, “psicose senil”, “gangrena senil” [...] Dessa maneira, os atributos ligados à sabedoria com que havia sido revestida a imagem do velho se transformaram e surgiu um novo imaginário, no qual o corpo do ancião apareceu como uma curiosidade próxima ao monstruoso (Iacub, 2007, p.71-72).

Também as ciências sociais, como a sociologia, antropologia e a psicologia, debruçaram-se sobre a velhice. A “terceira idade”, nesta direção, é um amálgama que envolve aspectos biológicos mas que também se relaciona com os diferentes significados e caracterizações que são atribuídos a esse período da vida. Esses significados também fizeram com que se modificasse a própria percepção de como deveria ser vivido esse período, ultrapassando outros estilos clássicos de velhice caracterizados por pessoas idosas resistentes, dependentes, isoladas, ociosas, com hábitos nocivos e com muitos vícios como fumar e não realizar exercícios físicos, conforme Haddad (1986).

Na mesma trilha, temos os trabalhos de Goldenberg (2013). A autora fala da bela velhice e do quanto é importante ter um projeto de vida, buscar o significado na existência, ter liberdade, ansiar pela felicidade, cultivar amizades, viver intensamente o presente, aprender a dizer não, respeitar a própria vontade, vencer os medos, aceitar a idade e dar muitas risadas.

Em complemento Barros e Castro (2002) associam a qualidade de vida na velhice a práticas específicas de sentir, pensar, falar e agir, denominando esse período de “terceira idade”. Silva (2009) destaca que o “ser jovem” tornou-se um imperativo também relacionado

ao aspecto “espiritual”, como mostra a expressão “espírito jovem” usada frequentemente para qualificar a terceira idade.

No entanto, é necessário destacar que alguns desses significados anteriores individualizam questões que são sociais de tal forma que fazem com que problemas e questões sociais sejam reduzidos à forma como a pessoa deveria ou não encarar a velhice. Nessa direção, problematizamos que o discurso de Goldenberg (2013) não contempla a maioria das pessoas idosas brasileiras. Como mostra Caldas e Thomaz (2010), a sociedade passou a enxergar a velhice de maneira diferente, permitindo que a mesma transite mais pelos espaços públicos e enfrente menos preconceitos, buscando mais prazer na vida por meio de viagens, prática de esportes. Mas, a identidade ainda está fortemente ligada a uma identidade-estigma, baseada no passado, que ressalta mais as perdas e ônus.

Como resultado de tantos campos buscando se apropriar da velhice temos vários discursos. Na imprensa do Brasil coexistem duas representações da velhice. Por um lado, é retratada como subjugada e obsoleta, por outro lado, destaca-se o respeito, a autoridade e a contribuição destes. Refletindo uma tendência crescente de se caracterizar a pessoa idosa mais positivamente. Essa circunstância oportuniza que a velhice se torne um elemento de escolha pessoal e de diferenciação entre aqueles que aceitam envelhecer e os que reprovam o envelhecimento, sublinha Debert (2002).

Temos então a relevância social e científica de se estudar a velhice de forma mais aprofundada. Mesmo na psicologia, a velhice não é uma temática muito debatida. Lima, Coelho e Günter (2011) destacam que, por um longo período, os estudos psicológicos e pesquisas sobre o desenvolvimento humano concentravam-se na infância e adolescência. Isso se devia ao entendimento de que, após a adolescência, ocorreria uma fase de estabilidade e que aprendizados significativos no desenvolvimento não ocorreriam posteriormente.

Ao estudar o ciclo vital humano, o mais comum e difundido é a divisão da vida em infância, vida adulta e velhice. Cada etapa é associada a uma característica, sendo, nesta sequência, um período de aprendizagem, ápice e declínio, ou seja, uma perspectiva que pode não ser adequada. Essa concepção utiliza-se de uma visão de ser humano que se constrói e se beneficiaria dessa dita “produtividade”. Após isso, é eliminado do sistema de produção, colocando-se a aguardar a morte, conforme Schwertner e Bodnar (2018).

Os estudiosos buscam oferecer cuidados mais personalizados para essa população em específico. A psicologia do desenvolvimento encontrava-se amparada em um ensino que foi alicerçado em manuais que corporificavam uma educação tradicional brancocêntrica, positivista, euro e americano centrada. Isso ocasionou o esvaziamento em seu sentido científico e reflexivo, desprezando sua competência para desenvolver junto aos estudantes, que posteriormente serão os profissionais da saúde, uma formação crítica, segundo Scorsolini-Comim (2021).

Outras áreas da psicologia tampouco se ocupam da velhice. Uma questão apontada por Montaleone e Witter (2017) é que mesmo com a ampliação da demanda por serviços clínicos para pessoas idosas (que representam uma parte expressiva da população após as mudanças demográficas), o processo psicoterapêutico com pessoas idosas não é um tema recorrente entre profissionais de psicologia. Esta situação evidencia um atraso no desenvolvimento de intervenções psicoterapêuticas voltadas para esse público, especialmente quando comparado ao que outras áreas, como medicina e enfermagem têm em termos de metodologias de intervenção para as pessoas idosas.

Inspiramo-nos em Bell Hooks (2013), Kilomba (2016) e Fanon (2008) que, abordaram, em um contexto de reparação, a importância de temas como a branquitude e como o racismo é prejudicial para a sociedade, visando a mudança estrutural e a denúncia de privilégios. Nesta perspectiva, utilizamos a reflexão também de Oliveira (2021), que busca “desimpalidecer”

epistemes, reconhecendo a centralidade dos discursos brancos na constituição da realidade social, no ambiente acadêmico e na criação dos “outros”, convertendo-os em insuficientes, simplórios e atrasados.

Em nosso texto, buscamos também “envelhecer” epistemes, considerando que houve um período na psicologia e em outras ciências dedicadas apenas à infância, à juventude e à idade adulta, negligenciando a pessoa idosa nos debates acadêmicos ou reproduzindo teorias e discursos que não captavam a real dimensão de suas vivências. Ainda ousamos acrescentar que era mais estudada a vida da pessoa branca. Oliveira (2020) acrescenta que, em nosso país, persiste a prática de marginalizar mulheres negras, as despejando em um quarto, fazendo alusão a Carolina Maria de Jesus.

Não deixamos de entender a importância dos marcadores etários, mas buscamos inserir outros que complementem a discussão, como os acima mencionados. Estamos de acordo com as reflexões de Scorsolini-Comim (2021), acerca dos estudos da psicologia do desenvolvimento:

O argumento defendido neste ensaio é o de que, embora esses marcadores etários sejam importantes para compreendermos as diferenças entre os organismos que ocorrem a partir da passagem do tempo e da evolução dos mesmos em termos físicos, cognitivos, psicológicos e sociais, tais marcadores não podem ser as únicas balizas que tratem da área conhecida como Psicologia do Desenvolvimento (Scorsolini-Comim, 2021, p. 154).

Cada vez mais, a psicologia tem sido demandada a contribuir, uma vez que o público das pessoas idosas foi historicamente desassistido pelo Estado e enfrenta diversas formas de violência. Observa-se um aumento no número de pessoas idosas que residem sozinhas, em instituições de longa permanência ou que não possuem renda, são viúvas e passam a maior parte dos dias sozinhas.

Nesta direção, concordamos que:

há uma tarefa importante que o psicólogo deve cumprir e que requer tanto o reconhecimento objetivo dos principais problemas que afligem os povos centro-americanos como a definição da contribuição específica do psicólogo em sua resolução. Pois se o psicólogo, por um lado não é chamado a intervir nos mecanismos socioeconômicos que articulam as estruturas de injustiça, por outro é chamado a intervir nos processos subjetivos que sustenta, e viabilizam essas estruturas injustas; se não lhe cabe conciliar as forças e interesses sociais em luta, compete ele ajudar a encontrar caminhos para substituir hábitos violentos por hábitos mais racionais [...] (Martín-Baró, 1997, p.22).

Para encontrar esses caminhos, o primeiro passo é virar nosso olhar para esse grupo social, compreendendo alguns dos aspectos psicossociais que perpassam as suas vivências cotidianas.

Nesta direção, o tema do presente trabalho é a mulher idosa. Temos como objetivo geral apreender os processos psicossociais que perpassam a vida da mulher idosa e a caracterizam, a saber, investigar como os fatores sociais e psicológicos se apresentam mediante as normas sociais, aspectos psicológicos, cultura, relações familiares, relações de cuidado, relações com as políticas públicas entre outros diversos temas. Partindo deste objetivo elaboramos três objetivos específicos:

O primeiro objetivo é apresentar um panorama da vida da mulher idosa, particularmente no Brasil, relacionado com seu desenvolvimento. O segundo é analisar os desafios e potencialidades enfrentados pelas idosas em relação ao território que habitam. O terceiro é compreender a velhice feminina por meio da literatura.

Além disso, no presente trabalho utilizamos como objeto de análise a literatura, e, principalmente o livro *O amor nos Tempos do Cólera*, de 1985, do autor latino-americano Gabriel García Márquez. Esta obra perpassa a velhice de FerminaDaza, Juvenal Urbino e Florentino Ariza, principalmente, personagens que viveram uma guerra civil e uma pandemia do Cólera. Nesta narrativa, a velhice e o peso do tempo se tornaram elementos de destaque, sendo o tempo um fio condutor.

A escolha da literatura se explica principalmente em decorrência da pandemia da Covid-19, iniciada em 2020. Esta pandemia trouxe seqüelas epidemiológicas, socioeconômicas e

políticas, devido ao seu caráter transmissível. Contexto que provocou sequelas em longo prazo. Os dados da Fiocruz (2022) mostram que esta pandemia gerou uma crise sem precedentes na história recente, com desfechos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos.

Foi nesse cenário que iniciei o mestrado, tendo em vista o objetivo inicial de realizar entrevistas com as mulheres idosas, vivenciar a pesquisa, interagir com elas, questionar e estar junto delas no cotidiano, enfim, ter um contato bem próximo. No entanto, a pandemia tomou proporções assustadoras e como o processo de vacinação estava em curso, foi necessário abrir mão desta parte da pesquisa.

Naquele momento, era prioridade pensar na segurança sanitária de todos e todas. Sendo o público-alvo as pessoas idosas, um recorte populacional considerado vulnerável, não foi possível realizar as entrevistas. Desse modo, a pesquisa tomou outro caminho. E, para que pudéssemos ter também um objeto de análise, no qual apreendêssemos as nuances desse fenômeno, optamos por fazer desta maneira.

Não realizar as entrevistas durante a pandemia de Covid-19 foi um ato de resistência contra a forma que o governo conduziu a pandemia (atrasando cuidados e acordos de compra de vacina, o que resultou em muitas mortes evitáveis). Como revela Moreira e Oliveira (2022), o cenário era de polarização, falsas notícias e uma pressão para o retorno do trabalho presencial em prol da economia e de fragilidade dos arranjos familiares, sociais e de classe na divisão de atividades e cuidados.

Antes de tomar a decisão definitiva de não realizar as entrevistas, analisei que as mulheres idosas poderiam ser entrevistadas por meio de tecnologias digitais. Contudo, as pesquisas apontavam que elas, especialmente, as mulheres com baixa renda, negras e periféricas eram as que mais possuíam dificuldade de acesso à internet, e, que, por vezes, eram analfabetas e sofriam processos de exclusão digital.

O público que eu intencionava entrevistar inicialmente não seria alcançado pela pesquisa. O contexto da pandemia foi um período particularmente difícil, no qual, as pessoas enfrentaram isolamento, solidão, crise financeira e intensificação do luto; para além do sofrimento, houve também uma condução negacionista da situação por parte do governo, tendo como consequência o genocídio da população de nosso país, em específico, da classe trabalhadora. Por isso, encontramos na literatura uma possibilidade de explorar aspectos da velhice, sem colocar em risco aquelas pessoas que visávamos compreender melhor. Reconhecendo as limitações desse processo, mas concentrados nas potencialidades de voltar o olhar para as mulheres idosas a partir de uma obra literária foi a alternativa encontrada para melhor alcançar os nossos objetivos.

Nessa direção, a escolha da obra *O amor nos tempos do cólera* se deu por ser um texto que permite que exploremos aspectos da condição da mulher idosa no Brasil, país latino-americano. Em sua escrita, o autor perpassava temas políticos e sociais e também condições humanas, como a solidão. O cólera, doença que era mais encontrada em países pobres, sem acesso a água potável e saneamento básico e que poderia ocasionar o óbito. A cólera, quando trocamos o artigo “o”, por “a”, diz sobre a fúria, a raiva, elementos também encontrados nesse território, que passou por guerras e diversas violências.

Esse romance, escrito após o autor colombiano ter sido premiado com o Nobel, em 1982, apresenta em partes, a história dos pais do autor. A passagem inexorável do tempo se faz presente, e o texto ainda inova ao narrar a vida e a morte, o erotismo e a deserotização, a sexualidade, a traição conjugal na vida de pessoas idosas, junto a uma variante de assuntos tabus.

O livro foi escrito, quando o autor estava na maturidade, com 57 anos. Ele apresentou a América Latina para todo o mundo, e além da literatura, sua obra foi adaptada para o cinema.

Também cumpre destacar que embora a obra tenha quase quarenta anos, trata-se de um clássico. Em um dos sentidos atribuídos por Calvino (1993), “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (p.15, grifos no original). Isso porque, embora alguns avanços tenham se apresentado nos últimos anos – inclusive o aumento considerável da expectativa de vida e o crescente envelhecimento populacional – seguimos com uma percepção etarista da velhice, marcada, sobretudo por uma invisibilização destas pessoas.

A literatura como análise foi utilizada, porque, como apontou Vigotski (1998) na obra intitulada *Psicologia da Arte*, as obras de arte também têm um significado histórico, visto que “(...) a arte é o social em nós” (p.315). A arte não seria somente a exteriorização do subjetivo, mas, também, um conjunto de elementos sociais; é uma construção histórica, coletiva e cultural, que pode ser compartilhada e apreciada no social, sendo capaz de fornecer experiências, sejam elas subjetivas e/ou materiais. Portanto, ela carrega aquelas determinações do contexto no qual foi desenvolvida. Vejamos um pouco mais detidamente sobre a forma como este autor compreende a arte para explicitar porque compreendemos que este é um importante recurso para apreendermos alguns dos aspectos psicossociais de uma forma a confrontar a literatura técnica sobre o tema.

Como representativo de sua ideia acerca da arte, o autor russo fez uma análise do livro de Shakespeare, *Hamlet*:

A tragédia pode obter esses efeitos incríveis [a catarse] sobre os nossos sentimentos precisamente porque os leva a transformar-se constantemente em seus opostos, a enganar-se em suas expectativas, a esbarrar em contradições, a desdobrar-se; e quando vivemos Hamlet temos a impressão de que vivemos milhares de vidas humanas em uma noite e, de fato, conseguimos experimentar mais emoções do que em anos inteiros da nossa vida comum (Vigotski, 1998, p. 243).

Observa-se a partir do fragmento acima, a arte como mediação, para que possamos expressar nossas emoções como também na reelaboração delas. Vigotski (1998) aborda o potencial criativo e transformador do ser humano acerca da obra de arte, quando ocorre a

ressignificação humana no seu contexto cultural e histórico. A arte e a expressão artística passam a ser instrumentos fundamentais para que a sociedade moderna possa ter contato com os elementos sensíveis e subjetivos que são parte do psiquismo humano. Além de ser instrumento psicológico é capaz também de alterar maneiras de ser e agir, conforme aponta Faria, Dias e Camargo (2019).

Para além de a obra ter grande importância social, existe também a experiência da autora desta dissertação. Experiência essa, capaz de identificar no romance do autor colombiano discursos escutados em seu cotidiano que costumavam se referir às pessoas idosas de forma muito negativa. Como indica Beauvoir (1970), a velhice suscita mais repugnância que a morte.

Nesta pesquisa, traçamos reflexões sobre o assunto, levando em conta que cada processo de envelhecimento é singular e dependente de vários determinantes, como renda, classe social, etnia, escolaridade e muitos outros. Considerando que, para evitar reducionismos, buscamos abarcar o máximo de elementos possíveis.

Diante disso, sabemos que os desafios estão postos, temos direitos que não se efetivaram concretamente, temos processos de exclusão marcados por violências, condições ainda não superadas das quais Gabriel García Márquez já havia retratado em sua obra. Ancoramo-nos na mudança de paradigma iniciada por Vigotski, que oferece a possibilidade de transformação de si e do social em um processo dialético. Nesse sentido, destacamos a importância de uma leitura profunda dos aspectos sociais e culturais para combater as opressões. Reconhecemos que a sociedade capitalista tem se desenvolvido sob a máxima de que as pessoas valem pelo que produzem, e caminhamos em direção a desafiar essa concepção.

Como metodologia, iniciamos a pesquisa realizando uma extensa coleta de dados acerca do fenômeno do envelhecimento feminino, por meio da análise documental. Consultamos bases de dados da SciELO, PePsic, portal de periódicos da CAPES, principalmente. O material selecionado foi lido na íntegra, apreciado e avaliado o que tinha relação com a pesquisa.

Selecionamos artigos, livros e textos de 2019 a 2024, e ainda usamos livros e obras anteriores a este recorte temporal, mas que ainda apresentavam relevância acerca da temática. Com essa metodologia nos propomos a investigar informações nos documentos por meio de questões e hipóteses de interesse dos pesquisadores utilizando documentos como fonte de estudo.

Estudos fundamentados em documentos como material principal, na forma de revisões bibliográficas ou pesquisas historiográficas permitem aos pesquisadores selecionar deles sentidos presentes na obra estudada por meio da organização, análise e interpretação segundo os objetivos da investigação proposta, apresenta Pimentel (2001).

Após isso, realizamos a análise do material encontrado, a saber, livros, artigos científicos, teses e dissertações, para posteriormente realizar um exercício de análise da obra *O amor nos tempos do cólera* por meio do método objetivo-analítico proposto por Vigotski. A partir da seleção do material documental, emergiram subcategorias quanto aos temas que mais eram debatidos nos textos e que foram narrados na obra analisada: viuvez, luto, solidão, suicídio, pessoas idosas e o direito à cidade, arte, violências. Esses assuntos foram sendo discutidos ao longo dos três capítulos que foram elaborados.

Superti e Vigotski (2013) ainda mencionam em seu trabalho que, a (o) psicóloga (o) pode fazer uso da arte como ferramenta para compreensão do ser humano, além de utilizá-la em sua prática com as pessoas que são atendidas. Existe a possibilidade de se realizar o contato de certas obras com essas pessoas, para assim, auxiliar para a expansão da consciência acerca das relações sociais.

Pensamos que abordar a temática da velhice feminina em articulação com essa obra literária em específico pode nos auxiliar a ilustrar algumas das relações experienciadas por essas mulheres na nossa sociedade. Buscamos evidenciar as possibilidades e impossibilidades dos espaços de escuta e de diálogo que essas pessoas acessam.

Buscando apreender o conteúdo e os recursos literários usados por Gabriel García Márquez, analisamos a narrativa fazendo registros, utilizando fragmentos da obra ou mesmo temas tratados na mesma para discorrer sobre. Avaliamos, principalmente, a concepção de Vigotski (1999) de apropriar-se da obra de arte enquanto unidade contraditória dos aspectos que compõem sua estrutura para, neste caso, pensarmos os possíveis efeitos que podem ocasionar no psiquismo.

Organizamos o presente trabalho em três capítulos:

No primeiro capítulo, realizamos um panorama geral da velhice (que tem sido majoritariamente feminina, dada a morte precoce dos homens), no Brasil, um país com especificidades próprias, mas que compartilha aspectos culturais com sua região, a América Latina. Buscamos apreender explicações socialmente construídas sobre a velhice. Adotamos a perspectiva da psicologia Histórico-Cultural, que compreende o desenvolvimento humano como um processo inserido em um contexto cultural.

No segundo capítulo, exploramos como as desigualdades do ambiente urbano afetam as pessoas idosas, especialmente as mulheres. Ressaltamos a importância do direito à cidade e a necessidade de garantir sua efetivação. Discutimos temas como a violência urbana, a dialética entre urbanidade e ruralidade, os obstáculos enfrentados no cotidiano e a estruturação das cidades no contexto capitalista. Buscamos apreender como as estruturas concretas das cidades são socialmente construídas e como afetam as pessoas idosas.

No terceiro capítulo, analisamos elementos do livro *O amor nos tempos do cólera*, uma obra que aborda a pandemia do cólera, a desigualdade na América Latina, a divisão social do espaço urbano segundo a classe social, a guerra, o racismo e o envelhecimento. Com base nos escritos de Vigotski e suas contribuições para a psicologia da arte, tencionamos articular a importância da literatura na formação da consciência de classe.

Destacamos sua relevância para pensarmos na mudança de paradigma da velhice feminina no Brasil, ainda vista como perda, como negativa e muitas vezes representada na mídia e no discurso social como um momento de estagnação.

Nas considerações finais, partindo de uma visão mais macrossocial da velhice no mundo e no Brasil, encontramos cenários muito distintos de acordo com a classe social. Vigotski, ao abordar o desenvolvimento contínuo ao longo da vida, foi um expoente de mudanças na psicologia. Discutimos as condições objetivas de vida das idosas da classe proletária e as articulamos com a literatura. No Brasil, a brutal desigualdade impacta objetivamente essas mulheres (na cidade, no território, nos processos de exclusão, isolamento, institucionalização) e de maneira simbólica (no discurso, nos preconceitos, na im(possibilidade) de acessar a arte e o mercado formal de trabalho).

Capítulo 1 - Velhice e suas interfaces

Uma das questões fundamentais para a Psicologia Histórico-cultural é a compreensão de que as questões concretas de existência, bem como as representações e explicações socialmente desenvolvidas sobre determinado fenômeno da realidade, constituem e determinam o funcionamento psíquico. Isso implica na necessidade de abordar questões que atravessam cotidianamente a existência desses sujeitos, tais como a classe e a situação econômica dessas pessoas, a raça e gênero. Com esses aspectos, procuramos demonstrar como é possível modificar a experiência e os sentidos e significados da velhice. Diante disso, o objetivo do presente capítulo é apresentar um panorama da vida da mulher idosa, particularmente no Brasil, bem como alguns aspectos de como compreendemos o desenvolvimento e as particularidades do envelhecimento como uma fase deste processo. As dualidades muito estudadas na psicologia, como por exemplo, subjetividade e objetividade, biológico e cultural, não são compreendidas de modo dicotômico, mas como unidades de contrários que guiam o entendimento de uma pessoa por inteiro, marcado pela história e pelo social, sem que se desconsidere sua particularidade. Nessa perspectiva, a constituição da pessoa e da subjetividade não é interpretada de maneira estática ou inflexível, mas como “acabamentos provisórios” (Molon, 2011).

Certamente, a análise de Martins (2020) destaca os desafios significativos presentes na realidade objetiva, especialmente considerando a inserção em uma sociedade capitalista. Nesse contexto, caracterizada pela produção de mercadorias, universalização do valor de troca e alienação, torna-se essencial compreender que o confronto com essa realidade demanda clareza subjetiva e vínculos coletivos objetivos de luta.

Martins (2020) ressalta que as relações sociais de dominação e os processos de apropriação e objetivação configuram-se como alienados e alienantes, restringindo os próprios alcances do

desenvolvimento psíquico. Nesse sentido, a proposta da psicologia concreta de Vigotski visa enfrentar as condições objetivas e subjetivas que alienam o trabalho e o trabalhador.

Essa ideia nos foi muito cara nesta análise, tendo em vista que estamos considerando a vida da mulher idosa. A psicologia, ao trabalhar com as relações humanas se depara com as mais diversas vivências que foram ocorrendo frente a essas condições objetivas e subjetivas de vida marcadas pela dominação. A psicologia frequentemente é convidada a trabalhar com essa realidade, das mais diversas formas, como quando é convocada a alcançar junto as populações maneiras de superar as injustiças sociais.

A compreensão teórica da Psicologia Histórico-cultural de Vigotski designou as bases para o estudo do desenvolvimento humano, tendo como questão central a forma como a cultura e as sociedades atuam na constituição dos sujeitos. Essa ideia separa-se do ponto de vista naturalista que interpreta o desenvolvimento a partir de fases universais e declara que as modificações equivalem aos progressos no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, estando culturalmente conectadas aos componentes da educação, formação profissional, trabalho e avanço da autonomia, conforme discorre Abrantes e Bulhões (2016).

Vigotski afasta-se das concepções ambientalistas e biologicistas do desenvolvimento, sendo contrário às referências aos padrões de normalidade que oprimem corpos que se distanciam do tipo psicofísico valorizado dentro de uma ordem social capacitista, injusta e desigual (Souza & Dainez, 2022). Estudos antropológicos, conforme apontados por Siqueira (2019), indicam que, assim como aconteceu com as fases da infância, adolescência e vida adulta, a velhice foi socialmente “criada”.

Na continuação deste trabalho, apresentaremos detalhadamente a forma como este autor concebe o desenvolvimento, dando destaque ao papel da cultura e das relações entre significado e sentido que constituem o psiquismo humano. Mas, por ora, apontamos que as explicações

socialmente construídas acerca de determinado fenômeno têm relação direta com a forma como esses sujeitos se percebem e orientam a sua ação na realidade.

Vale ressaltar que, ao compreendermos os processos de desenvolvimento humano, dentro de uma concepção histórico-cultural, os indivíduos não são tão somente expressões ou reproduções do meio. As continuidades e descontinuidades das experiências são sentidas e reelaboradas simbolicamente no plano psicossocial, marcadas pela dialética emocional da dependência e da separação inclusiva com outros sociais, segundo Valsiner (2000). No entanto, o ponto de partida é sempre o cultural e a experiência do sujeito nesse contexto.

Portanto, a compreensão destes aspectos é fundamental para a compreensão da subjetividade dos sujeitos singulares.

De fato, Marçal (2017) relata que a cultura favoreceu o desenvolvimento biológico, conforme elaborado por Vigotski, pois, ao pesquisar as funções psíquicas superiores, esse estudioso procurou apurar o desenvolvimento a partir das funções elementares. Ele constatou que as pessoas, ao operarem com instrumentos de trabalho, desenvolveram o cérebro. O biológico, historicamente, foi transformado e orientado pelo cultural. O progresso da cultura favoreceu, conseqüentemente, o desenvolvimento biológico.

Desta forma, compreendemos que o aprendizado é apreciado como sendo uma condição primordial para que as funções psicológicas superiores avancem. Funções como memória mediada, atenção concentrada, abstração, criatividade e diversas outras se formam a partir da relação promovida na sociedade. A aquisição da cultura, da herança formada historicamente, vai oportunizar o aperfeiçoamento dessas funções. Por conseguinte, evidencia-se a atenção que é preciso dispensar para o processo de escolarização e para o processo de humanização, como nos convida ao debate Facci e Anache (2022).

Além disso, é importante destacar que o desenvolvimento não se encerra em uma fase específica, justamente porque as condições concretas de sobrevivência, articuladas também

com as transformações biológicas, são continuamente modificadas. Por isso, é necessário que nos detenhamos brevemente no processo de desenvolvimento antes de compreender como isso permanece na vida adulta.

Um primeiro elemento da investigação do desenvolvimento realizada por Vigotski é a recusa de que se encontram fases naturais universais incontestáveis para todas as pessoas em qualquer circunstância e a qualquer tempo, como nos traz Martins, Abrantes e Facci (2020).

A estruturação da teoria da periodização do desenvolvimento psíquico pela teoria de Vigotski fala que toda nova tarefa que se estabelece e se firma a cada novo estágio do desenvolvimento possibilita uma herança, tornando-se preparado para o desenvolvimento da práxis, nos diz Martins, Abrantes e Facci (2020).

As análises executadas por Vigotski lidam com o desenvolvimento humano como sendo ininterrupto, concebido psicossocio-historicamente. As referidas análises certificam que, quando o ser humano se encontra na idade adulta, o desenvolvimento psicológico fica ainda mais acentuado, o que proporciona ao adulto uma maior capacidade de operar e encarar a realidade e seus desafios, nos mostra Catão (2001).

Os anos de trabalho e de contato social viabilizam a ampliação de funções psíquicas, como a memória, linguagem, imaginação, que facultam alternativas de ressignificações de existência no decurso de envelhecimento e da aposentadoria, como nos diz Felix e Catão (2013). Além disso, conforme Silva e Chariglione (2024) a teoria de Vigotski enfatiza o desenvolvimento humano na trajetória de vida concreta.

O desenvolvimento psíquico é um processo dialético, no qual a passagem de uma idade para outra acontece de modo revolucionário, não uniforme, nem mesmo retilíneo ou evolutivo. O desenvolvimento humano, na Teoria Histórico-Cultural, é caracterizado pela contradição, muitas vezes, interrompido pelo surgimento, no seu curso, de novas formações. Desse modo, para compreender a formação do sujeito, deve-se considerar o enfoque histórico dos ritmos de

desenvolvimento, o avanço histórico da humanidade, sendo que as características de cada idade se movimentam em meio às condições concretas na qual o sujeito está inserido (Elkonin, 1987).

Segundo Martins (2013), os sentidos e as significações do envelhecer estão atrelados à própria condição do homem como sujeito ativo e interativo. O homem enquanto um ser histórico se constitui dialeticamente, abrangendo presente, passado e futuro, em um processo de constante transformação física, psíquica e social.

As pessoas idosas vivenciam o tempo e suas implicações nos processos de desenvolvimento, como sofrimentos, limitações previsíveis, superações, mas, também, possibilidades não imaginadas até bem pouco tempo atrás. Tal afirmação dialoga com Vigotski quando defende que o desenvolvimento humano é ilimitado e processual e com a interseccionalidade, por um entendimento heterogêneo para todos aqueles que envelhecem (Silva & Chariglione, 2024, p.157).

Em resumo, Vigotski nos incentiva a apreender o desenvolvimento psíquico como processo não previamente determinado exclusivamente pela hereditariedade ou por leis naturais, inquirindo-o para além daquilo que mostra como sintomas ou evidências comportamentais. Apoiado em uma abordagem integral (não atomista) do psiquismo, ou seja, interpretando-o como totalidade dinâmica que se fortalece pela intercalação entre movimentos graduais cumulativos (que salvaguardam relativa constância) e situações revolucionárias disruptivas (que se anunciam como brusca modificação qualitativa), nos mostra Martins, Abrantes e Facci (2020).

No entanto, é necessário não confundir essa continuidade com uma espécie de linha reta, na qual a progressão é sempre em direção a um fim específico. Ao contrário, seguindo a lógica de Vigotski (1995), o desenvolvimento é um processo dialético e, como tal, feito de avanços e retrocessos e de novos direcionamentos e reorganizações a depender de uma série de variáveis que incidem sob o indivíduo.

A proposição fundamental assumida por Vigotski decorre de que a lei principal do desenvolvimento humano, o que intenta o seu curso, estabelece-se nas contradições que são introduzidas entre progressos biológicos e culturais. Essas contradições são estabelecidas pela vida social segundo a apropriação dos signos da cultura nos diz Martins, Abrantes e Facci (2020).

Ressalta-se a necessidade de contemplar o conceito da dialética de desenvolvimento difundida por este pensador, uma vez que sendo processo, o desenvolvimento é movimento e, com isso, conta com contradições internas que o movem. Essa instrução metodológica manifesta relevância inigualável para a análise da periodização do desenvolvimento, demonstrando previamente, que o desenvolvimento não decorre nem da direção da pessoa nem do objeto (condições de vida), todavia de natureza e qualidade das mediações intermediadas entre um e outro. Como resultado, os recursos biológicos naturais “situados” na pessoa, como por exemplo, a idade cronológica, não são indicadores reais que restringem a evolução/transformação dos intervalos vivenciados pelos sujeitos, assim aponta Martins, Abrantes e Facci (2020).

Com isso, queremos apontar que a repercussão psicológica que a velhice causa nos seres humanos tem origem histórico-cultural que se converte em algo psíquico e individual. Ou seja, efeito de indícios de uma cultura que representa a pessoa idosa como alguém improdutivo, inábil de novos empreendimentos, não apreendendo a pessoa idosa como dispendo de viabilidade para evoluir. Nesse sentido, necessitamos sempre retomar que o perfil histórico-cultural do desenvolvimento humano diligência uma progressão contínua, desde a concepção até no momento de finitude da vida, assim acreditava Vigotski, segundo Félix e Catão (2013).

Por isso, para falar do desenvolvimento na velhice é imprescindível que consideremos também a situação objetiva desse período da vida, tema ao qual nos detemos adiante.

A velhice na sociedade capitalista

Moreira e Nogueira (2008), em suas pesquisas, encontraram falas que identificam um conceito tradicional de envelhecer como sendo condição negativa. Todavia, subentende-se que ele pode ser superado se a pessoa se conservar ativa e financeiramente produtiva, o que mostra os valores representativos de uma sociedade capitalista. Uma considerável porção dos inconvenientes experimentados no envelhecer parece provir da estigmatização e do preconceito presente em nossa cultura e sociedade, que não estão organizadas para acolher essa fase da vida, os corpos que não são “perfeitos”, “padrão” e a morte.

Como apontamos, a longevidade tem crescido muito nas últimas décadas. Embora isso seja visto como um fato positivo, as percepções que se têm acerca da velhice ainda são marcadas por uma série de preconceitos e estereótipos, que associam a beleza e a própria vida à juventude.

Como aponta Moreira e Nogueira (2008), envelhecer em um contexto que evidentemente reverencia a jovialidade e a beleza, que impele as pessoas a buscarem um modelo estético como o paradigma a ser alcançado, altera essa experiência, que é um acontecimento biológico irremediável, em um fenômeno cultural visto como inconveniente. A pessoa idosa é muito mais vista como uma pessoa sem valor.

Como aponta Caldas e Thomaz (2010), o corpo mostra a chegada da velhice; ele se apresenta mais vagaroso e propenso a doenças, aparecem as rugas e a firmeza e o vigor diminuem. Esse corpo não é tido como bonito em nossa sociedade e, além disso, ainda ocorre uma diminuição de valor social. A aposentadoria vem acompanhada de diminuição do status social e econômico e ainda ao decréscimo do círculo de relações da pessoa.

Interessante saber que na Grécia não existia essa oposição entre a velhice e a juventude, porém as modificações sociopolíticas caminharam para outra concepção em razão das novas relações de poder e de sua conseqüente hierarquização. Além disso, em Roma, os velhos não

mais tinham destaque a partir do momento em que o Senado precisou transferir seu poder político para os militares, mais jovens, apresenta Secco (1999). Mais uma vez, a jovialidade, a força física e a capacidade laboral foram colocadas como destaque, o que perdura (ainda que com algumas novas configurações) até hoje.

Sobre isso, Beauvoir (1990), ao se dedicar a análise dos variados grupos de sociedades, demonstrou o quão diversificadas são as criações culturais concernentes ao envelhecimento, caracterizadas cultural e socialmente, enfatizando o modo como as sociedades ocidentais historicamente regem esse fenômeno, como apresenta Moreira e Nogueira (2008). No entanto, o enfoque deste trabalho é voltado para a concepção ocidental acerca da velhice feminina.

Além disso, como indica Moreira e Nogueira (2008), estamos imersos em uma sociedade acentuadamente individualista, narcísica, exibicionista e que apresenta baixa solidariedade, na qual ao envelhecimento é atribuído valores negativos, fazendo da velhice e do envelhecer um momento inconveniente e causador de sofrimento. Ao mesmo tempo em que a juvenildade é altamente celebrada, a velhice é marginalizada e estigmatizada.

Na sociedade capitalista, o velho tem seu poder de trabalhador produtor de bens e seu consumo por vezes reduzido, e isso causa desprestígio social e, assim, como resultado, perde valor social. Esses são os motivos pelos quais a gerascofobia tem assustado cada vez mais pessoas. A gerascofobia, portanto, seria um tipo de fobia que se define pelo medo constante, anormal e infundado de envelhecer, ocasionando tristezas a despeito da boa saúde e do quão estável economicamente o indivíduo fóxico esteja, conforme apontam Delboni et al. (2013).

O destaque demasiado do ideal jovem em desfavor de tudo que seja permanente ou constante representa uma reprodução pouco aprazível da maturidade, o que torna excepcionalmente árduo se tornar adulto para uma fração expressiva da população juvenil, ressaltam Penna e Araújo (2021).

Esse contexto estimula a busca por conservar (ou recuperar) as funções celulares e da juventude. Há um grande engajamento para a utilização de recursos que sigam um estilo de vida que abrange realizar regularmente atividades físicas e dietas complementadas por vitaminas, minerais, aminoácidos e antioxidantes, um genuíno ‘elixir da vida’ que reúne cada vez mais seguidores, analisa Rozendo (2022).

Ressaltamos que existe uma diferença entre se buscar um envelhecimento com mais qualidade de vida e o medo ou “pressão” de envelhecer de forma “inadequada” que esbarra nas mesmas ações de se alimentar de maneira saudável, praticar exercícios físicos, etc. São as mesmas ações, mas busca-se resultados diferentes.

A crítica quanto a esses recursos é que, por mais que eles possam ser benéficos- afinal, se vivemos mais, é bom e necessário usufruir de recursos que nos auxiliem a ter mais qualidade de vida, há um estímulo ao consumismo desmedido, com promessas por vezes enganadoras. Tomemos como exemplo as vitaminas; é inegável que têm suas qualidades, mas é problemático quando são vendidas a altos custos, quando somos estimulados a consumi-las sem necessidade e como sendo verdadeiros milagres.

O que tem predominado é uma pressão estética e um apagamento dos demais desafios e potencialidades do envelhecimento, justamente quando ele é mais expressivo e até mesmo inédito na história. Teixeira (2015) estuda que o conceito de terceira idade e o estilo de vida *ageless* têm penetrado em todo o planeta, inclusive em países com culturas mais tradicionais como a Chinesa e a Coreia do Sul. O termo “*ageless*” refere-se à insurgência de uma experiência de (anti) envelhecimento que corresponde a tratamentos no corpo, à busca da juventude, assim analisa Featherstone e Hepwoth (1991). Em complemento, Rozendo (2022) mostra que, simultaneamente, demonstra a rejeição da velhice em seus aspectos: estéticos, cronológicos, simbólicas e comportamentais.

Neste cenário, as pessoas de meia-idade figuram como público-alvo e compradores (os que possuem maior poder aquisitivo) de técnicas e tratamentos de rejuvenescimento, embora a busca por tratamentos ocorra igualmente em idades mais prematuras, com um movimento contínuo de tentativa de afastamento da velhice. As mulheres ainda têm sido o ponto de interesse da indústria da beleza e são as pessoas que de forma mais considerável pagam por esses serviços, produtos e tratamentos que lhes oportunizam a utopia de beleza e juventude infinitas. Os homens ainda se apresentam em menor quantidade nas clínicas de estética, contudo já se pode verificar uma agitação para adaptar os equipamentos e serviços para recepcionar a procura crescente da população masculina, conforme a pesquisa de Moreira e Nogueira (2008).

Para Vigotski, a lógica social capitalista tem coordenado a devastação mais profunda da personalidade humana e de sua capacidade de crescimento, ao invés de promover a humanidade a uma posição mais elevada; sem dúvida, isso se reflete sobre a velhice.

Vygotsky (1994) afirma que:

(...) um ser humano evolui e se desenvolve como um ser histórico e social. Somente a elevação de toda humanidade para um nível mais alto na vida social, a libertação de toda humanidade, pode levar à formação de um novo tipo de ser humano (p. 182).

Desta forma, atesta-se o caráter coletivo não só do desenvolvimento humano individual, mas também da transformação da humanidade como um todo, destacando-se a necessidade da mudança nas relações sociais para que se alcance uma mudança da personalidade humana.

É necessário destacar também que Teixeira e Martins (2018) discorrem que no interior das sociedades de consumo, por vezes, só se considera a existência daqueles que participam do processo produtivo do capital. O tempo de existir se apresenta com mais escassez, ao passo que, inserido na racionalidade capitalista, o indivíduo fica privado de ser, pois foi orientado, no decorrer de sua vida, apenas a possuir bens, para, deste modo, sentir-se adequado ao mundo.

Santos (2015) aponta que a tendência é seguir essa ideia de que, por intermédio de intenso apelo simbólico empreendido pela mídia, fomentado pela robusta indústria da moda e de cosméticos, vende-se a concepção de que apresentar os sinais de envelhecimento é um enorme indício de insucesso e/ou fragilidade. O vocabulário hermético que inclui símbolos semióticos, neologismos e pessoas célebres com idade avançada, mas que se apresentam com a expressão mais rejuvenescida, porta a enganadora concepção de que qualquer um consegue controlar o tempo e o envelhecimento, apenas se utilizando do ‘consumo correto’.

As pessoas recebem frequentemente comunicações, propagandas e mensagens relacionadas à noção de que, para ser bem quisto pela comunidade, é imprescindível que a pessoa tenha jovialidade e beleza. Isso provoca uma dificuldade de ter bom relacionamento com a idade, sendo o tempo considerado um adversário, e isso ainda estimula o medo de envelhecer, como mostram Delboniet al. (2013).

Como analisam Moreira e Nogueira (2008), o suporte no discurso científico parece levar as pessoas a vincularem os tratamentos estéticos com a concepção de cuidados com a saúde, de tal forma que elas empregam recursos econômicos nessa aquisição, desassociando essa aplicação financeira do conceito de futilidade e gastos desnecessários. Já Altman (2014) relata o conflito e o drama da pessoa na modernidade que se vê na condição daquele que não pode se resignar com um envelhecimento natural e com a diminuição de suas funções, pois se encontra regido por um padrão de beleza.

A ambição do sistema em expandir incessantemente a produção converte todo bem eminentemente descartável, ocasionando um custo ambiental desmesurado, dado que experimentamos um modo de consumir muito mais do que o essencial para a conservação da vida. Produz-se uma extensa demanda pelo desnecessário, quando qualquer item se torna efêmero e momentâneo, engendrando dois desperdícios: um do nosso tempo de trabalho (que vai ser dedicado para conseguir um produto que possui prazo de validade já antecipadamente

esgotado), e dois, dos recursos naturais, provocando um sofrimento no âmbito ecológico, perigoso para a nossa sobrevivência no planeta. A repercussão é que o indivíduo passa a residir em um mundo já preliminarmente destinado à destruição, revela Lustoza (2009). Tudo que é considerado velho tem sido descartado na sociedade capitalista que nos impele a sempre buscar novidades, e isso tem sido transportado também para as pessoas e relações.

Nesta direção, a infância e a velhice, dois momentos da vida em que as pessoas não fazem parte das corporações de produção, pairam, idealizadas, acima da condição humana. A velhice então passa a ser marcada como sendo uma segunda infância, pertencendo a pessoa idosa o repouso como compensação pelos anos de labuta. Esta apreciação romântica da velhice é dúbia e incongruente, na medida em que a pessoa idosa, por não ser força produtiva, declina completamente sua função social (Secco, 1999).

Essa noção idealizada da velhice faz com que as pessoas não sejam preparadas para essa transição (do trabalho para a aposentadoria, apesar de sermos preparados para o trabalho durante longa fase da infância e adolescência). De acordo com Félix e Catão (2013), no período em que o trabalhador se encontra aposentado, frequentemente sente-se desorientado por efeito da ruptura da estrutura em torno da qual se acostumou a estar coordenado. É preciso, portanto, que a conduta das instituições de trabalho se modifique para receber essa solicitação, quando ainda estão em momento contíguo da aposentadoria, como uma maneira preventiva de ação, para que, ao totalizarem sua ocupação profissional, as pessoas consigam enxergar que são sujeitos que permanecem em crescimento, que tem potencial para se revitalizar e ser pessoas participantes durante essa recém-adquirida experiência em seu percurso de vida.

O envelhecimento e a aposentadoria são expressos socialmente como sendo a interrupção de uma etapa de viço e potência. Nessa mesma perspectiva, entende-se que no trabalho, a pessoa eficiente é aquela que produz em sua ação laboral, corroborando, assim, com a acepção discriminatória e excludente de que o envelhecimento e a aposentadoria equivalem ao

encerramento do desenvolvimento humano. Diante disso, aposentar-se pode ser um período de inquietude e receio, mesmo quando vem entremeado pelo alívio e pelo dever cumprido, após longos anos de execução da mesma atividade (Félix & Catão, 2013).

Neste cenário onde as pessoas vivem mais, fala-se sobre o desequilíbrio nas contas previdenciárias e a modificação do perfil epidemiológico já descrito acima. Pesquisas no Brasil e no exterior constataam que, mesmo com o declínio das taxas de mortalidade e das melhorias nas condições de saúde, uma parcela dos trabalhadores ingressa mais tardiamente no mercado formal de trabalho (pois permanecem por mais tempo na escola) e saem mais cedo dele (porque se aposentam mais cedo), segundo Camarano, Carvalho e Kanso (2019).

Ainda temos outra parte das pessoas idosas que, conforme Cockell e Peticarrari (2011), enfrentam dificuldades para se aposentar. O sistema de aposentadoria atual, no Brasil, pautado nos direitos trabalhistas e previdenciários baseado na idade ou no tempo de trabalho, apresenta alguns entraves para os trabalhadores informais. Mesmo aqueles que trabalharam sem interrupções e começaram a trabalhar ainda na infância possuem trajetórias profissionais incertas. Eles enfrentam adversidades para contabilizar o tempo de trabalho, especialmente nas funções desempenhadas nas zonas rurais e urbanas. De acordo com Marques (2022), ao observarmos o contexto global, a América Latina foi a região que mais avançou na reforma de seus sistemas de proteção social, tema ao qual nos dedicaremos um pouco mais adiante.

A velhice no Brasil

É crucial abordar as políticas públicas, uma vez que impactam diretamente na vida dessas mulheres idosas. Elas ingressaram no mercado de trabalho, resultando no aumento da escolaridade, na diminuição nos diferenciais por gênero na vida privada e social, e na redução no número de cuidadores nas famílias, ou seja, mudanças muito significativas.

Como resume Camarano (2013):

A redução da oferta de força de trabalho implicará em uma diminuição no número de contribuintes para a seguridade social, o que leva a se perguntar se será possível para o Brasil continuar mantendo a dissociação entre envelhecimento e pobreza (p. 3).

O Brasil é um dos territórios nos quais a população tem envelhecido significativamente, e as conjunturas históricas não são favoráveis. Vemos modificações consideráveis na dinâmica social, o que requer a precisão de se ponderar a perspectiva acerca do prosseguimento da vida ativa independente. Esse crescimento do envelhecimento se expressa como uma grande adversidade para a sociedade (Félix & Catão, 2013).

Nesse contexto, o Estatuto da pessoa Idosa evidencia um colossal avanço em meio às políticas de atenção a este público, pois consiste em uma configuração legal de proteção aos direitos. Contudo, podemos compreender que, na vida rotineira, muitos dos direitos das pessoas idosas ainda são desrespeitados, pois há uma grande ausência de informação e fortalecimento dessas leis, como pode ser notado em diversas políticas que são confeccionadas. Percebemos que, quando se produz uma lei de proteção, é porque direitos estão sendo ativamente invalidados, ou mesmo que a sociedade não está conseguindo manejar as disfunções que cria na forma como as relações sociais de produção estão sendo encadeadas (Martins, Abrantes, & Facci, 2020).

O envelhecimento no Brasil é tão veloz que o Estado ainda não conseguiu organizar as ações necessárias e mais elementares, e o tema foi inserido na pauta das políticas públicas sob uma ótica negativa do processo, por exemplo, como “problema”. Contraditoriamente, essa

perspectiva também auxiliou na sanção de certos direitos sociais, a saber, a aposentadoria, assentos disponíveis nos transportes públicos, gratuidade nos transportes urbanos, e diversos outros (Camarano, 2013). Ressaltamos ainda, que, a conquista de políticas públicas tem sido fruto de lutas por parte das minorias.

Na Lei 10.741 de 2003, que institui o Estatuto da Pessoa Idosa e versa sobre a regulação dos direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, consta que a pessoa idosa possui prioridade na elaboração e no cumprimento de políticas sociais públicas, representativas e orientação privilegiada de capitais públicos nas esferas atinentes com a proteção desse público, assim como a garantia de acesso à rede de saúde e assistência social. No entanto, detecta-se que a situação existente discrepa do que é apresentado no Estatuto da pessoa Idosa.

Devido à complexidade da temática da aposentadoria, temos ainda, como abordam Lancman, Sznelwar e Jardim (2006), que as pessoas têm permanecido mais tempo no mercado de trabalho. Este fato é consequência do aumento da idade mínima para a aposentadoria e na continuação ou retorno à busca de trabalho para complementar a renda. Os trabalhadores que tendem a se (re) inserir no mercado de trabalho, principalmente em atividades precárias, informais e insalubres, são os de classe social menos favorecida, os mais velhos e com baixa escolaridade (precisamos considerar que até a década de 1990 não era cobrada a qualificação profissional ou escolaridade como atualmente). Isso nos dá uma dimensão de que os fatores relacionados à previdência social em nosso país são amplos e desafiadores, apresentando repercussões sociais, econômicas e pessoais, segundo Cockell (2014).

Por outro lado, de acordo com França e Vaughan (2008), algumas pessoas de classe alta relatam preocupação ao se aposentarem e não mais terem o salário e os benefícios que usufruíam, mas também apontam que veem benefícios em dispor de menor renda, pois se dedicariam ao lazer, cultivariam relações, possuiriam mais tempo livre, etc.

Esses fatores acima descritos mostram que está ocorrendo mudanças na visão de uma parte da sociedade sobre a aposentadoria e uma separação entre a aposentadoria como sendo o fim da existência. A ligação entre aposentadoria e velhice tem se mostrado mais flexível no imaginário social, tendo em vista que pessoas que não são velhas têm se aposentado e nem todas as pessoas idosas se aposentam (Luborsky & Leblanc, 2003).

Em acréscimo, Simões (2004) apresentou que a aposentadoria não eximiu as pessoas idosas das obrigações de prover, em muitos casos, o sustento familiar. Pelo contrário, os encargos se tornaram maiores, sejam gastos com medicações, com saúde, ou ajudando familiares mais jovens. Esse fato contribuiu para que essas pessoas não fossem vistas como inativas ou como tendo mais proximidade com a morte, mas sim como produtivas. Esse fato já foi analisado por Gramsci (2001), que afirmou que existiria o “arrimo da velhice”, que indica a consciência instintiva da precisão econômica de que se mantenha certa conexão entre jovens e velhos em toda a área social.

Para Cockell (2014), os valores das aposentadorias, sendo mais baixos, juntamente com o desejo de alguns em ainda estarem trabalhando e/ou a necessidade de complementação de renda, apontam que há grandes desafios a serem mediados pela saúde, previdência e trabalho. As desigualdades sociais e o modelo atual de trabalho provocam efeitos na saúde dos mais velhos, na sobrevivência das famílias, na dinâmica do mercado de trabalho e na manutenção do sistema previdenciário. Aqueles que ainda permanecem no mercado informal de trabalho precisam de políticas públicas específicas, com ações focadas na saúde, no mercado de trabalho, nas atividades efetivas de proteção social, assegurando qualidade de vida nesta etapa.

Segundo Cokell (2014), os domicílios chefiados por pessoas idosas são mais bem encontrados nas famílias mais pobres, principalmente nas classes C, mas também são frequentes na D e E, e em menor proporção na classe B. Os números mostram que, os brasileiros com 65

(sessenta e cinco) anos ou mais, aproximadamente 3,1 milhões (22,5%) permanecem trabalhando, sendo que 74,7% são aposentados.

Motta (2000) aborda a nova posição de destaque da pessoa idosa na família, como provedora, e afirma que esta situação acontece em razão do lado negativo da pressão da crise econômica, do desemprego estrutural ou da precariedade das ocupações e pela diminuição progressiva das atribuições sociais do Estado.

Para dimensionar a problemática da desigualdade, podemos verificar os números. Sthal, Berti e Palhares (2010) mostram que a maior parte das pessoas idosas é aposentada ou pensionista (mulheres viúvas). Elas enfrentam muita pobreza devido à dificuldade de retornarem ao mercado de trabalho, tornando-se assim mais vulneráveis, sem outras fontes de renda além da aposentadoria.

Apesar de a aposentadoria constituir a garantia de direitos e de inclusão social (Alvarenga et al., 2009; Rodrigues & Neri 2012; Ferreira, 2017), na maior parte dos casos, são quantias que não suprem as necessidades de sobrevivência, sobretudo para lidarem com doenças e incapacidades. Isso ocorre porque 70% dos aposentados e pensionistas do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) recebem um salário-mínimo por mês.

O cenário que já é crítico tende a piorar devido às reformas previdenciárias que estão sendo debatidas:

[...] qual o impacto, em termos de proteção, da substituição do tempo de serviço por tempo de contribuição? Para os trabalhadores, que sempre estiveram vinculados ao mercado formal de trabalho, a adoção do tempo de contribuição em nada altera sua situação. Além disso, essa proposta, comparada à de idade de 60 anos, é mais justa, pois possibilita que o trabalhador que começa a contribuir mais cedo também se aposente mais cedo. Os que perdem com a implantação do tempo de contribuição são, certamente, os trabalhadores que, durante a vida ativa, na parte ou no todo, exercem atividade junto ao mercado informal de trabalho. São os trabalhadores dos empresários que vivem à margem das leis trabalhistas ou que, simplesmente, deixam de recolher as contribuições (Marques, 2022, p. 154).

Rodrigues e Johansen (2022) analisaram microdados dos Censos Demográficos (1980, 1991, 2000 e 2010). Estes dados evidenciaram que, no grupo de pessoas mais velhas, as

mulheres e as pessoas negras são as mais prejudicadas em relação a estarem ativas no mercado de trabalho, especialmente se não tiverem maior escolaridade.

As propostas de privatização da proteção social, no entanto, têm sofrido forte resistência nos países europeus e têm mais facilmente encontrado guarida em países da América Latina. Isso denota que, embora os sistemas de fato enfrentem problemas sérios de financiamento, decorrentes do envelhecimento da população, do aumento do gasto com saúde e do nível de desemprego, a sociedade, se assim quiser, tem como firmar novo pacto que viabilize a criação dos postos de trabalho necessários e o financiamento da nova realidade. Para isso, no entanto, seria necessário que a lógica do pensamento neoliberal fosse abandonada, isto é, aquela que pretende recompor a lucratividade das empresas a partir da redução de custos promovida pela destruição das conquistas dos trabalhadores (Marques, 2022, p. 156).

Outro ponto que é interessante é que no Brasil, os homens estão menos inseridos nas atividades econômicas quando comparados aos homens de outros locais do globo. Os brasileiros considerados inativos estão precocemente aposentados ou sofrem discriminação quando buscam uma ocupação. Ter alguma doença crônica se mostrou como um fator significativo para a não inserção em alguma ocupação, conforme apontam Camarano e Fernandes (2018).

Uma importante contribuição de Minayo e Coimbra (2002) indica que o lugar social estereotipado que a suposta atenção proveniente do ambiente social destinou às pessoas idosas diz respeito à reclusão interior (que trata mais de um eufemismo para falar acerca do desligamento do espaço laboral), à inatividade (categorização das pessoas que já se aposentaram), à prudência em relação a possíveis adoecimentos (medicalização da idade) ou às festinhas destinadas às pessoas longevas (infantilização deste momento da existência).

Ainda assim, vem aumentando também o total de aposentados que se encarregam pelo sustento de suas famílias. Essas pessoas idosas que ainda se encontram inseridas no mercado

de trabalho possuem na sua identidade ainda a característica de poder e o prestígio de provedor. Estando integralmente introduzidos na vida doméstica e, isto posto, mais distante da marginalização. Frequentemente, são eles que portam o maior poder financeiro na residência, como afirma Félix e Catão (2013). Porém, é imprescindível saber que algumas dessas pessoas idosas trabalham na maior parte das vezes por necessidade e, por vezes, em trabalhos informais e em locais distantes de sua moradia, o que é mais comum nos grandes centros urbanos. Essas pessoas muitas vezes são exploradas até o limite de suas existências.

As repercussões desses desrespeitos consistentemente direcionados à pessoa idosa, juntamente com a aposentadoria, desencadeiam crises, conforme pondera Facci e Reis (2020). Segundo a teoria vigotskiana, uma das crises vivenciada pelo ser humano é a de não ser mais um trabalhador. Ocorre que a pessoa possui experiência, instrução, mais recursos para refletir sobre os fatos de sua vida, sendo esse um novo ganho adquirido nesse período de desenvolvimento. No entanto, ela não é mais tão produtiva como antes. A crise acontece porque suas competências, alcançadas através da troca com a natureza, não são utilizadas na sociedade da produção e do lucro. Geralmente, pouco empenho é dedicado para que a pessoa idosa continue encontrando possibilidade de desenvolver-se e apreender novos saberes.

A falha na comunicação com as pessoas idosas e o preconceito sobre sua existência também trazem problemas de ordem social, como a depressão, suicídio e a pouca abertura para a prevenção de outras doenças. Segundo Vasconcelos (2004), por exemplo, a sexualidade entre as pessoas idosas é tida como um tabu, situação que tem somado para o aumento dos índices de contaminação por infecções sexualmente transmissíveis (IST) e do vírus da imunodeficiência adquirida, pois, além da vergonha que as pessoas idosas possuem de sua sexualidade (podendo ser um entrave para que sigam as recomendações de prevenção), os profissionais também não se encontram bem capacitados para intervir nesses casos, conforme denuncia Provinciali (2005).

Outro ponto fundamental para a qualidade de vida é a educação, a qual não tem recebido expressiva atenção nas políticas públicas voltadas as pessoas idosas, principalmente para as mulheres. Os benefícios da educação são destacados por Ferreira et al. (2012), que alegam que ela proporciona ganho de qualidade de vida, sendo uma fonte de inspiração de mudanças no comportamento humano e pode induzir transformações.

Em nosso país, o direito à educação ainda não se mostra igualitário para as pessoas. Considerando o desenvolvimento como processo que acontece durante toda a vida, estamos também, por conseguinte, compreendendo, que o aprendizado também se dá por toda a vida. Conforme Vigotski (2001), a aprendizagem propicia desenvolvimento. As pessoas idosas sofreram injustiças em seus processos educacionais, sendo atualmente, um dos recortes populacionais com as maiores taxas de analfabetismo. Sendo assim, é necessário investir neste setor para que as pessoas idosas possam acessar seus direitos. Os espaços educativos precisam ser de todas as pessoas, sem se pensar no critério idade, aponta Costa (2022)

Desigualdades sociais e envelhecimento

Foi estudado por Sousa et al. (2021) que as desigualdades sociais impactam os indicadores de envelhecimento. Pessoas idosas com maior tempo de escolarização e recursos financeiros acessam mais programas que proporcionam saúde e bem-estar, como atividades sociais, físicas, de lazer e intelectuais. A pesquisa ainda encontrou que pessoas que dependem exclusivamente do Sistema Único de Saúde (SUS) têm menor engajamento em atividades que são identificadas como promotoras de melhorias nas condições de saúde, como as atividades intelectuais e socioculturais, participação em grupos, associações, voluntariados e atividades físicas para lazer.

Esse contexto de discriminação, estigmatização e segregação pode ser causador de sofrimento psíquico. Frente a tantas violências, o mal-estar atual das pessoas idosas está

relacionado ao medo da solidão, da morte, de doenças, da dependência física e psíquica, de não poder mais ocupar espaços e papéis adquiridos, dos embates intergeracionais, do declínio do poder aquisitivo e de uma possível degradação das condições de vida no futuro, destaca Moreira e Nogueira (2008).

Como menciona Dalgarrondo (2008), a depressão é o transtorno mais presente e que impossibilita as pessoas idosas a buscarem melhores condições de existência. Além de representar um problema para a saúde pública, acarreta muitos custos para o sistema de saúde e é considerada a principal doença crônica e causa de suicídio nesse grupo.

Identifica-se que nos últimos anos a taxa de suicídio de pessoas idosas tem aumentado de maneira veloz. No entanto, pesquisas, ações, discussões comunitárias que associem o envelhecimento e o suicídio ainda são raras, com escassos debates acadêmicos. A bibliografia aponta que os mais relevantes fatores predisponentes para o suicídio são as doenças graves e degenerativas, dependência física, distúrbios e sofrimentos mentais e depressão severa. Estudiosos constatam que a depressão é o fator mais destacado explicativo do suicídio e deveria receber máxima atenção do Sistema Único de Saúde (SUS), porém, não tem ganhado o merecido destaque em território nacional, avalia Fernandes-Eloi e Costa Lourenço (2019).

A ameaça de tentativas de suicídio propende a aumentar conforme a pessoa envelhece, à medida que esse momento da existência se aproxima a processos biopsicossociais que podem impulsionar a pessoa idosa a não conseguir prosseguir com a própria vida ou mesmo a incorporar atos autodestrutivos, observam Côrte, Khoury e Mussi (2014). Verifica-se ainda a premência de detalhar os debates que associam os processos de envelhecimento e as adversidades biopsicossociais ao longo do seguimento da existência para articular melhorias na qualidade de vida no percurso da velhice, mencionam Fernandes-Eloi e Costa Lourenço (2019).

Almeida (2018) nos convida ao importante debate acerca da contradição entre o aumento da expectativa de vida e, ao mesmo tempo, o aumento do suicídio. Aponta que existe um processo de patologização da vida, que pode ser notado no grande crescimento de diagnósticos de patologias, os quais se referem a modos diversos de ser no mundo. É possível observar uma intensificação no adoecimento exatamente devido às circunstâncias adoecedoras a que grande parcela da população está exposta, como instabilidade e inexistência de projetos de vida ou consumação dos mesmos. Essa conjunção suscita a falta de sentido nas ações, até mesmo de significado da própria existência, demonstrado pelo aumento de suicídios, apesar do incremento da expectativa de vida na maior parte dos países do globo.

Gutierrez et al. (2021) discorrem sobre o quanto as queixas das pessoas idosas são depreciadas, os sinais que demonstram e as adversidades que vivenciam, por vezes, são vistos como comportamentos para “chamar atenção”. Seja na instância pública ou privada, o que temos é o imperativo do preconceito acerca da pessoa idosa, o que pode inibir que ela fale sobre si, suas aspirações e sobre seu desejo de morrer.

A mulher envelhecida e seus desafios

Não podemos debater a temática do envelhecimento feminino sem falar sobre os atravessamentos de classe, gênero, raça e as desigualdades que esses elementos causam na forma de existir nesta sociedade. Diante disso, precisamos ter sempre a perspectiva de que não existe uma velhice hegemônica; pelo contrário, há disparidades significativas e contradições acerca do envelhecer no Brasil.

De acordo com Marçal (2017), a economia concentrada na desigualdade em relação ao acesso à renda entre as classes sociais propicia que a classe alta detenha grande parte da riqueza, enquanto as demais classes experimentam marginalização social e econômica. Essas desigualdades são criadas pela cultura e encontram-se em tarefas atribuídas ao gênero

masculino e outras ao feminino. Ao homem, a masculinidade pode ser fixada na dominação familiar (filhos e companheira), na responsabilidade de ser o provedor superior e na expectativa de ser servido em suas exigências domésticas (obter alimentação e refeições feitas, roupas lavadas, casa higienizada, ser servido sexualmente, entre outros). (Ferreira, Isaac & Ximenes, 2018).

Apesar do desejo de aprofundar a temática de gênero em nosso trabalho, percebemos em nossos estudos que, mesmo na epistemologia feminista e nas ciências, as mulheres, e mais ainda as mulheres idosas e mulheres negras, sofreram um apagamento. Assim, trazemos essa reflexão: temos muito a lutar ainda para que nossas vivências tenham visibilidade.

Devido ao capitalismo não poder abster-se do racismo e do cis-hetero-patriarcalismo, as mulheres negras são as mais prejudicadas em aspectos referentes a renda e a política, tornando-se a parcela mais explorada e a que mais paga proporcionalmente tributos. Em suma, por receberem menos da metade do ordenado de um homem branco e por destinar quase a totalidade dessa quantia para adquirir provisões para atender às necessidades básicas, são mais atingidas pela tributação direta sobre o consumo. O elemento econômico ainda perpassa outros âmbitos, como a moradia, conforme destaca Oliveira (2021).

Um ponto que sobressai dentro desse processo de envelhecimento mundial é a maior longevidade das mulheres em comparação aos homens, fato que tem sido denominado de feminização da velhice, presente em quase todos os locais do mundo. Algumas das possíveis explicações incluem diferenças biológicas, menor exposição das mulheres a situação de risco (uma vez que os homens tendem a desempenhar funções mais perigosas), menor consumo de álcool e tabaco, além de uma maior predisposição ao cuidado frente a doenças e incapacidades, sendo mais atentas a sinais e sintomas (Lebrão, 2007).

A maior longevidade das mulheres contradiz a ideia socialmente difundida de que o homem é mais forte, como aponta Gomes (2008). Classicamente, nossa sociedade retrata o

homem como resistente, soberano, possuidor de uma masculinidade idealizada, oposta à concepção do feminino como frágil, vulnerável e subordinado. Para Giddens (2008), a concentração feminina nas etapas mais avançadas no processo de envelhecimento faz com que se refira sociologicamente a uma feminização crescente da velhice.

De acordo com Maia, Duarte e Lebrão (2006), ao estudar sobre a vida das pessoas que não apresentam incapacidades, observou-se que as mulheres sobrevivem mais que os homens, no entanto, vivenciam mais situações incapacitantes. Além disso, as mulheres encontram menos auxílio para realizar atividades diárias, enquanto os homens contam com maior apoio para as mesmas atividades. Uma parcela dessas mulheres ainda experimenta, de acordo com Silva et al. (2018), um apagamento social, principalmente aquelas que se dedicaram unicamente à maternidade e a manutenção do lar.

As mulheres vivem a velhice por um período maior, entretanto, enfrentam mais desafios que os homens, como a violência doméstica, menor acesso à educação, renda, alimentos, trabalho significativo, cuidados de saúde, heranças, medidas de segurança sociais e poder político. Essas condições, quando somadas, nos proporcionam uma dimensão de que as mulheres, em comparação aos homens, estão mais suscetíveis a condições de pobreza e incapacidades relacionadas a diversos problemas de saúde, à medida que envelhecem, segundo Lebrão (2007).

Elas também apresentam maior vulnerabilidade em relação à pobreza, solidão e isolamento social, uma vez que são mais propensas a ficarem viúvas (pois se casam com homens mais velhos que falecem antes delas e nem sempre casando-se novamente). Além disso, têm uma tendência a ter mais cuidados com a saúde e estão menos expostas a situações de violência, exceto no caso da violência doméstica. Por outro lado, os homens tendem a se casar com mulheres mais jovens e a se casar novamente quando ficam viúvos, raramente vivenciando situações de solidão, isolamento social e vulnerabilidade relacionadas à viuvez, conforme

assinala Lebrão (2007). As viúvas idosas têm um peso demográfico significativo, contudo, são escassos os estudos que abordam essa população, mesmo nos estudos de orientação feminista, observa Motta (2005).

A mulher desempenha mais o papel de cuidadora familiar, e isso pode acarretar, com o avançar da idade, condições de pobreza e desgaste de sua saúde em geral. Esse papel, tradicionalmente direcionado as mulheres, pode fazer com que elas não se insiram no mercado formal de trabalho ou saiam dele para cuidar da família. Essa função, exercida em tempo integral e não remunerada, pode colocá-las em condição de instabilidade econômica e prejudicar sua saúde, de acordo com Lebrão (2007).

Diante desse cenário, pode-se concluir que o envelhecimento feminino, segundo Maia, Duarte e Lebrão (2006), parece ser vivido com sofrimento mais significativo, particularmente pela parte mais empobrecida da população. O que requer mais atenção no momento de criação de políticas públicas, de modo a contemplar as especificidades da pessoa idosa, contribuindo para um envelhecimento feminino que garante mais qualidade de vida e vise também à prevenção dos óbitos dos homens idosos.

Contudo, a realidade se mostra diferente, segundo Veras e Oliveira (2018). Há uma insuficiência e/ou contenção de capital para uma demanda que só aumenta. A pessoa idosa precisa fazer uso de mais serviços voltados à saúde, sendo as internações hospitalares mais recorrentes e o tempo de ocupação do leito mais longo nessa faixa etária. Esse fato decorre do padrão das doenças das pessoas idosas, que são crônicas e múltiplas, e precisam de monitoramento mais frequente, cuidados continuados, medicações constantes e exames regulares.

Em relação aos homens, uma das variáveis que mais exige maior atenção é a urgência em se estabelecer uma cultura de autocuidado. Além disso, é importante compreender que, quando os homens se afastam do trabalho para se aposentarem, sua rede de apoio social se estreita,

tornando-se mais vulneráveis socialmente, concluem Sousa et al. (2018) E, ainda, para as mulheres, especialmente na velhice, o casamento tem sido fator de risco, enquanto para os homens tem sido fator protetor, segundo Silva et al. (2018).

No contexto brasileiro, as idosas com idade igual ou superior a 80 (oitenta) anos apresentam baixa escolaridade e são as que precisam de cuidados por períodos mais longos. Quando requerem assistência médica, muitas afirmam que ela é de baixa qualidade e acabam tendo acesso apenas à Atenção Primária à Saúde, de acordo com Ceconet al. (2021).

Essas idosas são assistidas por cuidadores membros da própria família ou por cuidadores formais. Sendo que, os cuidadores formais são predominantemente mulheres negras, sem registro formal de trabalho, com formação precária ou ausente para realizar tal função. Elas recebem remuneração aproximada de um salário-mínimo, têm entre 40 (quarenta) e 59 (cinquenta e nove) anos, sendo os trabalhos domésticos os mais desempenhados, conforme Ceconet al. (2021).

Os cuidadores que são membros da família constituem a maioria, sendo compostos majoritariamente por filhas e cônjuges, com faixa etária de 50 (cinquenta) anos ou mais. Eles afirmam trabalhar integralmente e de forma solitária. Para desempenhar o cuidado não possuem auxílio de políticas públicas de proteção e, devido à sobrecarga de trabalho, relatam enfrentar dificuldades em suas vidas particulares, como adoecimento, desemprego e não conseguem ter vínculos satisfatórios com suas redes de apoio social e afetiva. As filhas que assumem os cuidados dos pais idosos também são idosas, criando um cenário em que pessoas idosas são cuidadas por cuidadores também envelhecidos, segundo Ceconet al. (2021).

Biroli (2019), ao discorrer sobre gênero e desigualdades, destaca a domesticidade como elemento do feminino e as condições de empregabilidade, constatando que as mulheres negras e seus filhos compõem a camada mais pobre da população. Ser mulher, idosa e negra no Brasil, tende a significar vivenciar situações de muita precariedade, pois, como aponta

Brasil (2019), nas Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(as) na Atenção Básica, as populações especialmente vulneráveis incluem os idosos, a mulher, a população LGBTQIA+ e as pessoas negras.

Como nos alerta Leal et al. (2017), o aperfeiçoamento da qualidade da atenção à saúde exige eliminar iniquidades raciais, pois, compreende-se que tais elementos são indissociáveis.

Além disso, de acordo com Oliveira (2021), o trabalho reprodutivo (que é entendido pela teoria da reprodução social, fundamentada na teoria valor-trabalho de Marx, como o trabalho doméstico, gratuito, de cuidado) é desempenhado principalmente por mulheres. Isso é ideologicamente justificado como sendo a execução de um ato de amor, considerado “natural” das mulheres, que supostamente teriam uma tendência biológica para o cuidado. É por isso que o ambiente familiar é o local onde as mulheres trabalham de forma mais desgastante que os homens.

A reprodução social realizada pelas mulheres garante o processo propriamente dito de regeneração do/a trabalhador/a; a manutenção e regeneração da família do/a trabalhador/a e; por fim, o processo de reprodução biológica de novos/as trabalhadores, o que está diretamente relacionado à reprodução geracional da massa de trabalhadores que estará apta a ocupar postos de trabalho futuramente. Nessa perspectiva, apreendemos a totalidade da classe trabalhadora como um conjunto de trabalhadores/as inseridos/as no mercado de trabalho, mas também uma série de sujeitos que não estão trabalhando, como as crianças, os idosos, os doentes e as pessoas consideradas inválidas (Oliveira, 2021, p.59).

As mulheres idosas permanecem mais tempo no lar, pois são as pessoas que desempenham o chamado trabalho reprodutivo e de cuidado, lavando, cozinhando, cuidando de membros da família. Conforme Oliveira (2021), o capitalismo, ao transformar o trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres em um “ato de amor” obtém uma enorme quantidade de trabalho necessário para a reprodução ampliada do capital, de forma gratuita. Isso se apresenta não

apenas como uma dimensão funcional ao modo de produção capitalista, mas também constitutiva de suas relações sociais, transformadas continuamente por meio de processualidades sócio-históricas.

No quadro brasileiro, a influência da exploração sexual esteve estruturalmente intrínseca ao processo de inserção da força de trabalho livre de mulheres negras no mercado de trabalho, da mesma maneira que na época da escravidão. Isso repercute atualmente no modelo do trabalho doméstico no Brasil, no qual as mulheres negras ainda representam a maior parcela. Dados do Sindicato das Empregadas e Trabalhadoras Domésticas da Grande São Paulo, em 2018, apontam que a violência sexual foi registrada no ambiente laboral de 7,5% das mulheres que sofreram abusos. As mulheres que exercem a função de domésticas podem estar mais expostas a essa violência específica devido à própria característica do trabalho, conforme Oliveira (2021).

A violência sexual não é somente cultural ou interpessoal; é um modo de disciplinamento da força de trabalho, é uma maneira pela qual a exploração é experienciada por essas trabalhadoras no espaço de trabalho e fora dele, conforme explicam Arruzza e Bhattacharya (2020).

Diante disso, vislumbra-se que, neste século, a sociedade e o governo poderão enfrentar diversos reveses, ou mesmo já estão em processo de enfrentamento, para a construção de uma sociedade igualitária, justa e mais humana, singularmente pelo fato de o quantitativo de pessoas idosas estar em crescimento. À vista disso, dissertar sobre as temáticas relacionadas à velhice e à aposentadoria é um desafio impetuoso, atentando para sua profundidade, relata Facci e Reis (2020). Como demonstra Costa (1998) experienciamos a chamada “era do envelhecimento”, que compreende de 1975 a 2025 e isso traz desafios.

Capítulo 2 – O território enquanto objeto de estudo da psicologia

Neste capítulo, trataremos da relação das pessoas idosas com o ambiente urbano, que não tem sido centrado nas pessoas, mas nos veículos, nas mercadorias e na ideia de progresso. A dialética entre urbanidade e ruralidade, a violência urbana, o adoecimento, o direito à cidade e a movimentação simbólica e material nas vias públicas, principalmente das mulheres idosas (que podem ter algum comprometimento físico, cognitivo etc.) por esse território. Ainda são escassas as pesquisas sobre esta temática tão urgente. Observaremos também como a literatura, principalmente as personagens do livro intitulado *O amor nos tempos do cólera*, traz essa questão da vida da pessoa idosa na cidade

Iacub (2007) relata que no século XIX, quando a ciência se apropria da velhice, o corpo passa a ser objeto privilegiado de interesse. Esse interesse foi motivado pela ascensão da industrialização com o advento do capitalismo moderno, onde o corpo era considerado um bem necessário para o trabalho e para obtenção de renda. Esse contexto deu início à consciência corporal, à higiene, à necessidade de ter saneamento básico nas cidades e à preocupação de sepultar os cadáveres.

A relação entre velhice e território emergiu como uma temática relevante na psicologia, especialmente após a consolidação do capitalismo moderno e da expansão da ciência. Sawaia e Purin (2018) destacam que o território não é uma categoria analítica clássica da Psicologia, mas tornou-se um objeto de estudo na modernidade, ao ser incorporado como princípio organizativo das políticas de saúde e de assistência social em nosso país. Assim, o território se revela como um local importante para a atuação dos psicólogos.

Na década de 1990, o território se consolidou como objeto de estudo da psicologia ambiental, avançando na compreensão não apenas pelo viés do reducionismo materialista, mas também

ressaltando diversas características da dimensão subjetivo-simbólica, como os afetos e, sobretudo, a identidade (Sawaia & Purin, 2018).

Sawaia e Purin (2018) e Bertini (2014) mostram que as pessoas, ao desenvolverem modos de viver, morar e transitar na cidade estimulam fluxos de enfrentamento ao igual espaço vago, um igual com o qual a pessoa não se identifica, uma totalidade de solitários, que o filósofo Espinosa nomeou de “cidade solidão”.

Para além das vulnerabilidades observadas nos territórios, existem também as potências. O território reflete a vida cotidiana e não pode ser plenamente compreendido nos gabinetes isolados. Milton Santos os denominou como “rugosidades” para mostrar que o território se constitui pelo que é vivido em uma rotina de vivências e práticas, sendo o espaço a matéria trabalhada por primazia. Não há outro objeto social que exerça mais influência sobre a pessoa e esteja tão presente na rotina. A residência, o local de trabalho, os locais de reunião, os caminhos que unem esses pontos, são elementos passivos que condicionam as ações das pessoas e regem a prática social de acordo com Paulinelli (2018) e Santos (1977). Santos (1977, p.92) afirma: “a práxis, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado socioeconômico, mas é também tributária dos imperativos espaciais”.

Esse objeto social, o território, é tão influente que pode interferir na quantidade de anos que uma pessoa vive. O Mapa da Desigualdade da Cidade de 2021 realizado pela Rede Nossa São Paulo mostrou que em comparação ao ano de 2019, os casos de feminicídio aumentaram 2,6 vezes. O distrito em que as pessoas vivem mais é o Alto de Pinheiros, onde as pessoas atingem aproximadamente 80,9 anos de idade, enquanto o local em que se vive menos é Cidade Tiradentes, onde a expectativa de vida é de apenas 58,3 anos. A média da cidade de São Paulo de 68,2 anos. Nas franjas da cidade, as pessoas se encontram em processos intensos de vulnerabilização.

Um dos novos indicadores apresentados no Mapa da Desigualdade da Cidade de 2021, promovido pela Rede Nossa São Paulo foi a mortalidade por COVID-19, que mostra o peso proporcional de mortes por Covid-19 em 2020, mais intenso na população mais jovem, contradizendo a ideia de que os grupos de maior risco da doença seriam as pessoas mais idosas, evidenciando assim o significativo impacto do território.

O envelhecimento, tanto no período da pandemia quanto no pós-pandemia, requer estratégias que visem políticas públicas capazes de mitigar as desigualdades. É fundamental compreender que vivenciamos envelhecimento díspares, nos quais uma parte das pessoas enfrenta dificuldades para acessar serviços urbanos e não existe ainda a priorização de uma reformulação da estrutura urbana. O empenho pelo desenvolvimento social, urbanístico e da saúde para todos está relacionado ao envelhecimento saudável, ao enfrentamento do ageísmo e à promoção de ambientes amigáveis a todas as faixas etárias, como nos mostram Moura e Maciel (2020).

Pessoas idosas e o direito à cidade

Importante pensar primeiramente a relação da velhice com a urbanização, processo esse, que fez com que as pessoas migrassem em grandes contingentes das zonas rurais para as urbanas, devido a conflitos agrários, mudanças climáticas, busca por emprego etc. Nas cidades, elas encontraram melhores condições de saneamento básico, tiveram mais acesso a serviços de saúde (possibilidade de diagnóstico e tratamento mais precoces e com mais chances de cura e sobrevivência). Tiveram também, mais possibilidades de inserção no mercado de trabalho com a industrialização, inserção em políticas públicas, que auxiliaram as pessoas a terem mais acesso à educação formal, à redução da pobreza e desigualdades, possibilidades de prevenção de gravidez indesejada e no planejamento familiar.

Barreto (2012) aponta que o aumento da urbanização é um fenômeno que tem ocorrido em todo o mundo. Aproximadamente a metade da população mundial reside em cidades, e, até 2030, essa proporção pode ultrapassar 60%, segundo estudo da Organização Mundial de Saúde (2005). No território nacional, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, mensuraram que mais de 80% das pessoas vivem em locais considerados como ambientes urbanos.

De acordo com Barreto (2012), aproximadamente trinta anos se passaram após os primeiros estudos multidimensionais acerca do contingente de pessoas idosas no Brasil, mas ainda é uma temática que requer mais buscas, tendo em vista que o território é muito amplo, a cultura muito diversificada e existem muitas desigualdades sociais e de saúde. Temos, então, uma dificuldade de ter uma real dimensão dos desafios a serem enfrentados, mas podemos abordá-los.

Vemos que em nível global, tem-se essa dificuldade também. Centeio et al. (2010) alertam que as cidades do mundo têm dispensado pouca atenção para as demandas específicas das pessoas idosas. Isso ocorre, em certa medida, porque o envelhecimento populacional e esse contingente de pessoas idosas nas áreas urbanizadas é um fato recente, apesar de ter se intensificado.

Conforme sublinham Alencar et al. (2010), embora haja uma quantidade significativa de material produzido sobre estudos da velhice, grande parte destes foca nas pessoas idosas que residem em espaços urbanos, havendo menos informações sobre o envelhecimento no contexto rural.

Segundo Harvey (2014), existe uma relação entre o avanço do capitalismo e a urbanização. O capitalismo busca constantemente produzir excedentes que a urbanização precisa, e vice-versa. O capitalismo necessita da urbanização para consumir essa parte sobressalente do que foi produzido e que nunca deixa de ser produzido.

A cidade é caracterizada pela segregação, construindo muros invisíveis que afastam todos aqueles que não carregam em seus corpos os sinais da posse de bens. Identificar os territórios marcados por essas segregações não é difícil e nem precisa de investigação detalhada. Ao caminhar pela cidade, as marcas estão evidentes na arquitetura, na organização do espaço e nos símbolos presentes nos corpos que passam, conforme aponta Paulinelli (2018).

Devido ao grande quantitativo de pessoas circulando pela cidade, era previsível que aparecessem conflitos variados, sendo um deles o conflito pelo espaço. Na procura por espaço, diversos processos ocorrem, desde a especulação imobiliária, a interferência da política, a falta de políticas públicas adequadas, a posse da propriedade até a luta de classes, conforme destacado por Paulinelli (2018).

O mercado imobiliário está constantemente em busca de novos mercados e, com isso, faz especulações visando ter mais lucro. Essa situação acaba por deslocar as pessoas do local, muitas vezes forçando-as a se mudarem para as periferias devido ao aumento de preços. O nome dado a tal fenômeno é conhecido como gentrificação que vem do inglês *gentrification*, termo relacionado a pessoas ou grupos de origem nobre, segundo Paulinelli (2018).

O relatório “Perspectivas da Urbanização Mundial”, confeccionado pela Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (Desa), avalia que, em 2011, atingimos a marca de 8 (oito) bilhões de habitantes no mundo, sendo que 54% dessas pessoas residem em grandes centros urbanos. A projeção é que, até 2050, dois terços da população global viverão em grandes centros urbanos. Assim, nas cidades, a luta por espaço e moradia tende a aumentar significativamente, e o relatório aponta que cerca de 1,03 bilhões de pessoas viverão em favelas (Paulinelli, 2018).

A urbanização e o envelhecimento são fenômenos que têm mudado a história. Segundo Moura e Maciel (2020), o ano de 2020 marca o começo da chamada Década do Envelhecimento (2020-2030), que defende uma visão de mundo na qual as pessoas possam envelhecer de forma

longeva e saudável. No entanto, esse período também foi marcado por uma pandemia que evidenciou não apenas o vírus da Covid-19, mas também o vírus cultural do ageísmo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), no ano de 2005 confeccionou um documento denominado *Age-Friendly Cities* com o objetivo de impulsionar as cidades ao redor do mundo na promoção do envelhecimento ativo. Essa iniciativa visa incentivar as cidades de todo o globo a serem mais receptivas às pessoas idosas, fomentando o envelhecimento ativo, especialmente considerando dois grandes acontecimentos: o aumento do envelhecimento da população mundial e a crescente urbanização, aliada à desocupação das áreas rurais, como apontado por Centeio et al. (2010).

O estudo de Pimentel et al. (2018) observou como o ambiente urbano influencia as quedas no território brasileiro. Na década passada, a Organização Mundial de Saúde apresentou o documento denominado de *Global Age-Friendly Cities Project*, visando à adequação do ambiente urbano às demandas dos mais velhos. Os objetivos deste projeto versavam sobre a segurança para a locomoção nas ruas e edificações, a acessibilidade, a inexistência de barreiras e o incentivo à participação em ações civis, culturais e ao trabalho voluntário. Porém, o Brasil apresenta dados não tão favoráveis, já que cerca de 50% das pessoas idosas moradoras de regiões urbanas alegaram ter medo de cair por conta dos defeitos nos passeios, e medo de atravessar as ruas apareceu como elementos independentemente relacionados à ocorrência de quedas.

Apesar da iniciativa de criar cidades amigas para a pessoa idosa, essas políticas e o próprio termo se mostram imprecisos nos estudos, envolvendo conceitos como o envelhecimento ativo, bem-estar, inclusão social, envelhecimento bem-sucedido, sem um consenso sobre a perspectiva teórica predominante. Países que mais têm pensado sobre isso, como Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e a Austrália têm sido mais proativos na formulação dessas

estratégias, conforme apresentam Maciel e Moura (2023). Questionamos então, se existe hoje alguma cidade realmente amiga da pessoa idosa.

Como conclusões:

É necessário articular o conceito de Cidade Amiga da Pessoa Idosa com uma abordagem teórica e cultural para compreender mais profundamente as perspectivas do urbano e do social sob a lógica do envelhecimento populacional principalmente para a América Latina. A análise teórica nestes estudos e na gerontologia favorecerão discussões mais críticas sobre o envelhecimento, o idadismo e a crescente desigualdade social em curso (Maciel & Moura, 2023, p. 1).

Barreto (2012) observa que as cidades são alvo de análises de variadas áreas do conhecimento científico. A urbanização crescente e o envelhecimento populacional são dois eventos que são grandiosos, acelerados e que são interligados, tornando-se uma pauta para os gestores públicos. Refletir sobre como as cidades maiores, com sua população numerosa de pessoas idosas, vão funcionar e determinar, em alguns casos, suas políticas públicas de atenção social e de saúde é urgente. Refletir sobre o futuro das grandes cidades é discorrer sobre a mobilidade urbana para as pessoas já idosas e para quem está em processo de envelhecimento, ou seja, para todas as pessoas.

Albuquerque et al. (2018) ressaltam que os primeiros estudos acerca das pessoas idosas muitas vezes se referiam aos ambientes institucionais, com o objetivo de compreender a transição e o enfrentamento da saída de casa para os ambientes institucionais destinados ao cuidado de idosos.

No Brasil, Milton Santos (1926-2001), teórico e militante que se opunha à exclusão socioespacial fruto da ocupação desigual do território, discorria sobre como as vulnerabilidades se manifestavam em meio a jogos de interesses. Ele observou que os mais poderosos circunscrevem a posse e a utilização dos espaços, criando desigualdades sociais. Em consonância, Lefebvre (2001) reitera que na época presente, com a cidade moderna tornando-se centro decisório, a exploração de toda a sociedade, particularmente das classes mais pobres,

é acentuada. Isso significa que a cidade não é apenas um local passivo de produção ou de convergência dos capitais, mas interfere ativamente na produção.

Para Feitosa et al. (2018), o território precisa ser percebido como uma confluência de diversos elementos, como os naturais, econômicos, políticos e culturais, pois abrange toda a história humana, sendo um dos componentes ontológicos de sua composição.

Nas palavras de Maricato (2013), a cidade é um patrimônio erigido histórico e socialmente, entretanto, sua posse pode ocorrer de maneira assimétrica para as pessoas que nela residem, este fato ocorre, sobretudo em consequência da globalização e do capitalismo.

Um exemplo da ação da globalização e do capitalismo sobre os territórios foi identificado por Barreto (2012) em suas pesquisas. Ele encontrou pessoas idosas que moravam há mais de trinta anos em um mesmo bairro, mantendo uma forte identificação com o local. Essas pessoas tinham uma interação social significativa com os vizinhos, formando uma rede de cuidado, além de conhecerem profundamente o espaço geográfico. No entanto, estavam ameaçados de serem removidos para dar lugar a outros empreendimentos.

Para Bosi (2003), os bairros possuem uma forma e biografia, um ciclo de vida, por assim dizer, que contorna um sentido de identidade. Silva et al. (2009) corrobora com essa noção, mostrando que o bairro é um espaço simbólico e ideológico que faz referência a identidades sociais urbanas. Os bairros de uma cidade, portanto, possuem um sentido de identidade e pertencimento.

Desafios das pessoas idosas no espaço urbano

A violência urbana versa sobre a coação de duas condições básicas do sentimento de segurança existencial, a saber, a integridade física e a garantia patrimonial (Silva, 2004). A presença de sentimentos de medo e insegurança assim como o uso majoritariamente das estratégias individuais para acabar com a violência, é uma situação preocupante. Sendo o

engajamento coletivo ainda escasso, verifica-se que é frágil esta mobilização e que isso estimularia a proposição de ações mais duradouras, que beneficiariam o cuidado do espaço público pelo coletivo e o estado de direito, mostra Rosa et al. (2012).

O Brasil apresenta, de acordo com Bonadimanet al. (2017), elevada prevalência de transtornos de ansiedade, o que se destaca em relação a outros países estudados. Dentre os itens revisados, sobressai a violência urbana generalizada. Nos questionamos: como essa violência urbana generalizada impacta o fenômeno do superenvelhecimento?

Embora a violência impacte significativamente na vida de grande parte da população, as discussões sobre as possibilidades de intervenções têm sido escassas, mesmo nos organismos sociais legitimados, sejam eles integrantes da esfera governamental ou não, segundo Rosa et al. (2012).

Moser e Mcilwaine (2006) destacam uma incompatibilidade entre as pesquisas acadêmicas e o direcionamento do foco governamental. As pesquisas abordam a complexidade do fenômeno, enquanto a política busca categorizar os tipos de violência, mensurar seus custos, apontar suas consequências, por vezes numerando taxas de homicídio e vitimização.

As pessoas idosas enfrentam diariamente inúmeros obstáculos para se deslocarem no ambiente urbano, além da violência urbana, como apontam Moura e Maciel (2020). Neste momento atual, a estrutura das cidades pode expor a população envelhecida a dificuldades que impactam negativamente sua saúde. Exemplos dessa situação incluem entraves físicos nas vias públicas, ausência de acessibilidade ao transporte e a barreira virtual, relacionada às cidades inteligentes que possuem tecnologias sofisticadas.

Além disso, a pandemia de Covid-19 evidenciou fragilidade na saúde urbana, destacando a necessidade de cidades saudáveis e inclusivas. Com essa pandemia, os urbanitas puderam perceber que seus corpos podem carregar agentes capazes de adoecer as pessoas, contribuindo

para uma melhor compreensão dos espaços urbanos como espaços biopsicossociais complexos, parte importante na saúde da coletividade (Moura & Maciel, 2020).

Durante a pandemia de Covid-19, testemunhamos a veiculação na mídia de discursos ofensivos que não levaram em consideração a importância social das pessoas idosas, sugerindo que não havia importância a morte delas. Uma parte considerável da sociedade mostrou-se favorável e aliviada com essas notícias. Nos capítulos anteriores, abordamos a precariedade das moradias na cidade (que se evidenciou ainda mais durante a pandemia, dado que o isolamento social era uma medida essencial para conter a propagação do vírus) e como o direito/acesso às políticas públicas específicas para as pessoas idosas foi dificultado e negado.

De acordo com Silva e Elali (2015), os especialistas afirmam que muitas pessoas idosas por vezes não vão a determinados ambientes externos. Ao evitar esses locais, eles perdem os benefícios sociais, intelectuais, físicos e psicológicos que esses espaços podem oferecer

Precisamos considerar ainda as dificuldades macrosociais, como revela Barreto (2012), onde as taxas de analfabetismo e de baixa escolaridade ainda são altas em algumas regiões do Brasil, sendo mais verificadas entre as pessoas idosas. Este cenário de envelhecimento com escassos recursos de educação formal pode impactar sobremaneira a vida dessas pessoas, especialmente diante da realidade veloz e globalizada, mais notória nos grandes centros urbanos.

O território e a vida

Os territórios são definidos com base em identificações, nos vínculos afetivos, na participação das pessoas para a edificação de locais, na história patrimonial, na história de vida das comunidades, nas relações de vizinhança, como revela Góis (2008), entre outros elementos compartilhados entre o micro e o macrosocial. Esse fato nos ajuda a entender, por exemplo, o comportamento de pessoas que, mesmo habitando regiões dadas como vulneráveis, não querem se mudar de suas casas, mesmo quando oferecidas segurança em outro local. Isso ocorre porque

a segurança psicológica proporcionada pelo território conhecido e apropriado muitas vezes é maior que a segurança física que teria em outra localidade, conforme apontam Macêdo e Bonfim (2003). No entanto, o ageísmo e a megaurbanização podem atrapalhar que a pessoa idosa permaneça no local que se identifica.

O ageísmo está fortemente relacionado ao direito à cidade, restringindo a pessoa idosa de vivenciar espaços urbanos, uma vez que ela, por vezes, sofre violência e preconceito nesses locais. Como demonstra Harvey (2012), quando discutimos que tipo de cidade queremos, não se pode separar essa pauta do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos que almejamos. O direito à cidade não se restringe à liberdade individual de usufruir dos recursos que esta oferta, mas trata-se do direito de nos transformarmos pelas mudanças da cidade. Ressaltamos que é um direito comum antes de individual, tendo em vista que esta modificação se encontra impreterivelmente relacionada ao poder coletivo de modelar o processo de urbanização. A liberdade de elaborar e reelaborar a cidade e a nós mesmos é um dos direitos humanos mais valiosos e subestimados.

Cada vez mais, testemunhamos projetos de mega urbanização impactantes, marcados por injustiça social e desperdício ambiental. Concordamos com Lefebvre (2001), quando o autor aborda a “problemática urbana”, que teve início com a industrialização, promovendo transformações e representando a sociedade moderna. Em torno da cidade, estabelece-se uma periferia desurbanizada que necessita da cidade.

Não apenas na literatura, mas também na prática, a desigualdade se mostra de maneira gritante. Barreto (2012) destaca disparidades notáveis no acesso das pessoas idosas aos bens e serviços disponíveis em cidades maiores, ressaltando que essa assimetria compromete demasiadamente o avanço desse grupo populacional, podendo se intensificar se não reconhecermos sua expressividade. Torna-se urgente conhecer a relação entre as pessoas idosas e as cidades, verificando como o espaço urbano tem atendido às demandas da atenção integral.

Para que ocorra a oferta do envelhecimento saudável, é preciso que as práticas de saúde pública sejam modificadas para ações governamentais intencionais. Isso implica compreender a interferência dos determinantes comerciais e sociais na saúde das pessoas, assegurando o acesso coletivo a sistemas integrados de proteção social e saúde nas áreas urbanas. A agenda política voltada para dar suporte ao envelhecimento saudável e promover a inclusão social, cultural e produtiva dessa população precisa envolver a educação, saúde, segurança que engajem ativamente essas pessoas e incentivem as comunidades a repensarem uma cultura urbana que diligencie atividades sensíveis ao envelhecimento e que atendam às competências e demandas das pessoas idosas (Moura & Maciel 2020).

Na Política Nacional de Mobilidade Urbana Sustentável do ano de 2004, em seus preceitos, inclui a universalização da utilização do transporte público coletivo, a mobilidade urbana prioritária no deslocamento das pessoas (em especial aquelas que possuem mobilidade reduzida) e o transporte coletivo urbano como serviço prioritário regulado pelo Estado. Em suas diretrizes, ressalta-se o apoio a políticas e planos diretores urbanos que propiciem uma melhor distribuição das atividades no território, reduzam a necessidade de deslocamentos motorizados e cooperem para a promoção do transporte público para melhorar a qualidade e eficiência dos serviços (Barreto, 2012).

Em relação aos transportes utilizados em nosso país, Barreto (2012) revela que o modal a pé é o primeiro a ser considerado, pois os pedestres se deslocam para buscar o que necessitam (inclusive para acessar outros modais, como por exemplo, o ônibus, a pessoa vai a pé até o local de embarque). O ônibus se mostrou um transporte significativo utilizado pelas pessoas idosas para locomoção, mas a opção a pé ainda predomina ,afinal, todos somos pedestres em muitos percursos cotidianos.

Outra problemática para a circulação das pessoas idosas são os transportes. Como mencionado por Centeio et al. (2010), os transportes são de extrema relevância no

deslocamento urbano, interferindo na participação social, cívica e no alcance aos serviços comunitários.

A cidade, o bairro e os locais por onde a pessoa transitou ao longo de seu processo de envelhecimento são pontos fundamentais em sua constituição e dizem muito sobre sua saúde. Atualmente, o conceito de saúde tem se apoiado principalmente no modelo da queixa-conduta, sendo, portanto, uma ação por vezes pontual, acrítica e descontextualizada. Muitas vezes, esse modelo silencia as potencialidades dessas pessoas e suas criações coletivas, ou seja, vai à contramão da idéia do autor acima descrito, não levando em conta a trajetória deste ser humano e em sua condições materiais de vida e moradia.

Minchoni (2019) aborda as condições de habitação e deslocamento na cidade superurbanizada de São Paulo, permeadas por moradias de uma precariedade dramática, como a convivência com a falta de saneamento básico, ruas sem asfalto e renda muito baixa. São desafios significativos que não foram obstáculos insuperáveis para essa população, que engendrou alternativas para superar essas adversidades. Além disso, destacou-se a riqueza nas ações coletivas, utilizando intervenções da linguagem artística como recursos encontrados por essas comunidades para lidar com os entraves advindos, muitas vezes, da inclusão social perversa na sociedade do capital.

O afeto associado aos locais tem papel importante nos fatores de proteção. É notório, portanto, que a afetividade que desponta em territórios vulneráveis pode ser um elo com as estratégias de enfrentamento e uma base para a proposição de políticas públicas e atividades de proteção. Na concepção dialética e integral do ser humano, intervir nos territórios também significa repensar o campo, criando afetos que potencializem as pessoas e contribuam para o aumento da autoestima, a autoeficácia e atestem a perspectiva de futuro, permitindo que as pessoas se envolvam positivamente com os locais e com a coletividade, como alerta Feitosa et al. (2018).

Feitosa et al. (2018) ao abordarem a afetividade como categoria de resistência à negação da existência e como meio de proporcionar modos de desafiar as situações divergentes, apoiam-se na noção de que podemos, baseados em uma visão dialética, apurar e denunciar as relações e as práticas que minam nossas potências, que são compatíveis com a ideologia dominante, e que instituem a servidão e a tristeza. Da mesma maneira, na realidade multifacetada dos territórios, podemos detectar e encorajar as relações e as redes potencializadoras que propiciarão alegria e bons encontros. No conceito de vulnerabilidade, coabitam o risco e o perigo, mas também a possibilidade de as pessoas responderem no território aos desafios, quando se agregam para combater os problemas, quando estão potencializadas o bastante para buscarem o encontro com o outro, constituindo relações solidárias.

Bosi (2003) expõe que os urbanistas devem escutar os residentes dos bairros e estar dispostos a observar sua memória, que é a memória de cada rua e de cada bairro. Resgatar a perspectiva humana do espaço é uma problemática política das mais imediatas. A existência de uma comunidade está intrinsecamente ligada à morfologia da cidade; essa conexão se desfaz quando a especulação urbana provoca um nível inadmissível de desenraizamento.

Em uma investigação sobre sexo e atividades fora do domicílio, Barreto (2012) encontrou que os homens, em relação às mulheres, têm melhor mobilidade, como por exemplo, dirigem seu próprio automóvel, afirmam que conseguem sair sozinhos e não solicitam auxílio, enquanto as mulheres o fazem em menor proporção.

Alencar et al. (2010) analisou que as mulheres idosas que moravam em áreas urbanas apresentavam melhores escores em alguns domínios estudados do que as que estavam localizadas na zona rural. Isso foi atribuído ao fato de que as mulheres idosas urbanas têm melhores níveis econômicos, o que auxilia no maior acesso aos meios de comunicação, saúde, lazer, aquisição de bens de consumo, por exemplo.

Socialmente, essas atividades de manutenção física são desempenhadas com a posse física direta. Um exemplo são as instituições religiosas que captam essas mulheres e as direcionam gratuitamente para o trabalho de manutenção em hospícios, asilo, abrigos, entre outros. Interessante observar que não se fala aqui de “caridade” religiosa, tendo em vista que os homens que ocupam essas instituições religiosas não prestam essas ações de manutenção das outras pessoas, segundo Abreu et al. (2016).

Quando idosos, os homens e as mulheres fazem uso do tempo livre de maneiras distintas, seguindo características impostas culturalmente. Os homens ouvem mais rádio e frequentam mais o espaço público (como por exemplo, jogos esportivos), enquanto as mulheres frequentam mais locais religiosos e ocupam mais tempo se dedicando a atividades manuais. Além disso, a mobilidade fora do local de residência é mais presente entre as pessoas idosas chamados de “idosos jovens”, compreendendo a faixa etária de 60 (sessenta) a 69 (sessenta e nove) anos, conforme mostra Barreto (2012). Essas situações estão muito relacionadas ao gênero, às práticas discursivas e às produções culturais.

Essa característica de ocupar o espaço público ou não parece permanecer ao longo da vida das pessoas e se acentua na velhice conforme o gênero. As mulheres idosas (acentuadamente as de classe popular) permanecem nos trabalhos de cuidado (da casa, das crianças, de outras pessoas idosas da família) e restritas ao ambiente doméstico, pois a elas o descanso não é permitido tendo em vista que as atividades domésticas não são compartilhadas de forma igualitária. Essas atividades que realizam ainda tendem a ser mais solitárias, desgastantes física e psicologicamente. Para elas a aposentadoria não é usufruída de forma plena.

Além do local onde residem (zona urbana ou rural) do sexo e gênero influenciarem se a pessoa idosa terá maior acesso a lazer, trabalho, mobilidade, quais transportes utilizará, também precisamos nos atentar em como é composto esse domicílio e qual a distribuição das

peças pela cidade, sempre atentos à falta de dignidade, humilhação, vergonha e ao assistencialismo que essas pessoas podem estar expostas.

De acordo com Alves (2006), quanto à distribuição nas cidades, os idosos, assim como outros grupos minoritários, centralizam-se em locais mais antigos e centrais, que deterioraram suas características residenciais, tornando-se mais ruidosas, poluídas e violentas. São ambientes que se localizam nas franjas e interstícios urbanos, por vezes com riscos ambientais agravados e índices sociais e sanitários desfavoráveis. Não podemos ignorar as pessoas idosas que ainda vivem na zona rural e a relação da urbanidade com a ruralidade.

Avaliam a cidade como tendo escassa acessibilidade e pouca segurança. Asseverar, por meio de políticas públicas intersetoriais, a mobilidade das pessoas no perímetro urbano é oportunizar a capacidade funcional e a saúde e colaborar com o envolvimento na cidadania das pessoas idosas no dia a dia da cidade, conforme Barreto (2012).

As pessoas idosas podem dividir suas casas com filhos e netos, devido à necessidade econômica destes descendentes, já que as pessoas idosas por vezes possuem casa própria e renda. Em alguns contextos, as famílias que possuem uma pessoa idosa na residência apresentam condições econômicas mais favoráveis. Outro dado relevante é que ter uma incapacidade física ou dificuldades financeiras faz com que a pessoa idosa precise habitar com os filhos e netos, e as mulheres viúvas demandam mais cuidados físicos e cognitivos, além de terem renda mais precária. Os homens idosos tendem a coabitar com a companheira também idosa, ou com mulheres mais jovens com as quais constituíram um segundo casamento, como apresentam Rabelo e Neri (2015).

De acordo com Minayo (2019), Batista et al. (2008), Kalache (2014), vem crescendo as famílias intergeracionais, nas quais convivem bisavós, avós, filhos e netos em uma mesma residência, o que pode ser fator de enriquecimento humano ou estressante do ponto de vista

relacional, especialmente para a pessoa idosa no momento em que ela se sentir ignorada, sem espaço físico ou sociocultural que respeite suas demandas.

Economistas e demógrafos notam dois tipos de família, as “de idosos” e as “com idosos”. Nas “de idosos”, a pessoa idosa em geral é mais jovem, apresenta boa saúde, ainda está inserida no mercado de trabalho produzindo e é a protagonista desta família. Esse membro familiar ainda contribui economicamente com as gerações mais novas. Já na “com idosos”, eles são pessoas que são familiares de quem sustenta a família, são idosos mais velhos e são as mulheres idosas que mais vivem nestas condições, não conseguindo prover a sua sobrevivência e requerem auxílio para desenvolver atividades cotidianas, conforme Rabelo e Neri (2015).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2005, com o projeto de Política de Saúde chamado de “Envelhecimento Ativo”, visando otimizar oportunidades de saúde, participação e segurança, com a finalidade de aprimorar a qualidade de vida conforme as pessoas ficam mais velhas, sublinha que: os custos na área da saúde sobem na medida em que as pessoas envelhecem. Aspectos relacionados à acessibilidade urbana e à arquitetura são consideráveis para a vida saudável e com qualidade; a violência entre pessoas idosas aumenta com o envelhecimento populacional acelerado e com a mudança da dinâmica social. Portanto, notamos a importância de se considerar as especificidades do grupo das pessoas idosas em todas as políticas públicas.

A OMS, ao apreciar a prática de exercícios físicos para uma vida com mais qualidade, principia o conceito de Envelhecimento Ativo. Essa abordagem busca empreender uma ação mais ampla, não apenas focada na saúde física, mas que promova o envelhecimento populacional com êxito. A ideia do Envelhecimento Ativo carrega a noção de que é possível manter um estilo de vida saudável na velhice, desafiando a concepção anterior de que esse era um momento de descanso e inatividade. A premissa agora é de que a pessoa idosa ativa realiza atividades e desenvolve habilidades mentais, afetivas, físicas e sociais (Silva & Elali, 2015).

Adoecimento das pessoas idosas na cidade

De acordo com Centeio et al. (2010), atualmente, temos pessoas idosas morando sozinhas em habitações muito precárias, o que coloca em risco sua integridade física. Essas pessoas precisam lidar com a insegurança em relação a essas moradias, correndo risco de quedas e outros acidentes domésticos. É preciso considerar diversos fatores, como os espaços exteriores e edifícios, o funcionamento dos transportes, a habitação, o respeito e a inclusão social, a participação social, a comunicação e informação, a participação cívica e o trabalho, o apoio comunitário e os serviços de saúde.

Realizar deslocamentos, seja da casa para o trabalho, para visitar amigos, para lazer, entre outras atividades, é muito benéfico para as pessoas, especialmente para as mulheres viúvas e idosas. Conforme reflete Santos et al. (2018), quando ocorre um falecimento na família, em especial dos companheiros, as idosas conseguem ter mais suporte para superar tal situação. Podem alcançar mais independência, desenvolver atividades e relações conexas ao mercado de trabalho, ações que podem auxiliar a enfrentar o luto de forma menos dura. Ao contrário do que ocorria anteriormente, período no qual as mulheres idosas e viúvas não tinham sequer a chance de construir sua subjetividade e independência.

Como reflete Barreto (2012), a despeito do contexto demográfico vigente no Brasil, a experiência coletiva com o envelhecimento massivo e suas necessidades é uma novidade para a sociedade nacional. Questões sobre o que é ser idoso, como age uma pessoa idosa, o que se espera desse recorte populacional e qual é seu lugar em uma sociedade globalizada ainda permanecem como perguntas em aberto. É relevante destacar como tem sido a vida das pessoas idosas na cidade e se seus direitos têm sido respeitados. Como Oliveira (2021) aponta, existe uma incompatibilidade entre a igualdade jurídica e a desigualdade econômica real.

As pessoas idosas pobres têm sido ocultadas no espaço urbano, sendo pressionadas a se deslocarem para a periferia das cidades. Uma hipótese para explicar essa situação é apresentada por Santos et al. (2018), que sugerem que envelhecer e morrer em sociedades nas quais o funcionamento demográfico as caracteriza como mais “velhas” se atribui de uma institucionalização peculiar de “ocultamento”, em contraste com o “compartilhamento” em sociedades de pirâmide etária mais jovem, como as da América Latina e do Brasil. De acordo com Melo e Medeiros (2018), neste momento da existência, as pessoas idosas requerem interação com outras faixas etárias e precisam ser assistidas por profissionais em ações interdisciplinares que colaborem para enriquecer suas experiências.

Consideramos, portanto, que as pessoas idosas são ainda um público desassistido, apesar dos avanços em algumas ações e políticas públicas. As mulheres idosas são por vezes excluídas da cidade, vivenciando uma espécie de segregação socioespacial. Elas não conseguem caminhar livremente pelos espaços, sendo obrigadas, por vezes, a percorrer longas distâncias, tornando o deslocamento demorado e difícil. Além disso, estão sujeitas a exposição a poluição, baixos níveis de acessibilidade e a necessidade de evitar passar por certos locais, resultando em trajetos mais longos para evitar violências diversas (por exemplo, tendo de andar por ruas mais movimentadas e com mais trânsito), entre outros empecilhos.

É importante abordar os principais aspectos desse território e da violência estrutural para compreender como mudar esse panorama e auxiliar as pessoas idosas a terem uma melhor qualidade de vida.

Bonfim (2003) destaca que visualizar o território a partir da afetividade pode colaborar para uma melhor compreensão das maneiras pelas quais as pessoas interagem com os ambientes, sejam construídos ou não. Isso inclui compreender como se envolvem com a realidade e como isso afeta a estima de lugar, entendida como a avaliação afetiva do ambiente, dirigida para sentimentos e emoções relacionadas a este.

Direito à cidade

Harvey (2012) chamava atenção para o direito à cidade e ressaltava o quanto essa luta deveria ser global, direcionada contra o capital financeiro, uma vez que o processo de urbanização havia atingido todo o mundo. Ele enfatizava que essa ação política para estruturar esse confronto seria desafiadora e assustadora, porém, existiam diversas frentes de embate. Isso se justificava, uma vez que as crises relacionadas à urbanização se manifestam em níveis local e global, tornando a metrópole o epicentro de colisões massivas. Nesse espaço, seria possível convocar também a luta de classes para enfrentar a acumulação por despossessão, responsável por gerar enormes desigualdades e privilegiar poucas pessoas. Além disso, seria necessário lutar também contra a onda desenvolvimentista, que buscava colonizar o espaço em favor dos ricos.

Mas, essa proposta enfrenta obstáculos, conforme identificado por Harvey (2012) em seus estudos, que apontam que o direito à cidade, tal como está estabelecido, abrange apenas a elite que possui meios para moldar a cidade de acordo com suas predileções. Aliado a isso, o poder financeiro, com o auxílio do Estado, muitas vezes pressiona pela desobstrução de alguns bairros mais empobrecidos, chegando a confiscar drasticamente terras já habitadas por toda uma geração. A acumulação de capital por meio da atividade imobiliária é, assim, impulsionada, uma vez que a terra é obtida a custos muito baixos.

Pensamos como Harvey (2012) que a cidade precisa ser para todas as pessoas:

A cidade, como a história de vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma. Talvez evocando a perda fisionomia de um bairro, Baudelaire se lamentava: “A forma de uma cidade muda mais depressa, ai de nós, que o coração de um mortal” (Bosi, 2003, p. 206).

Seguindo a ideia proposta por Bosi, reiteramos a cidade como local de vida que abrange também as vulnerabilidades. Feitosa et al. (2018) destaca que a psicologia ambiental se atenta para as variadas maneiras em que a vulnerabilidade se apresenta nos territórios,

compreendendo que essas manifestações são espacializadas, materializando-se no dia a dia das pessoas. Essa disciplina se apoia em uma concepção interdisciplinar, incorporando conhecimentos de diversas áreas, como a psicologia, arquitetura, urbanismo, geografia, ciências ambientais, entre outros. Isso ocorre porque são diversos os ângulos que precisam ser considerados para se conseguir abranger os aspectos físicos, sociais, culturais e simbólicos que se cruzam nessas inter-relações.

Um exemplo da importância dessas inter-relações estudadas pela psicologia ambiental é evidenciado no trabalho de Pacheco e Bomfim (2022). Ao estudarem uma comunidade, constataram que a participação das mulheres idosas era significativa naquele espaço de moradia destinado a mulheres viúvas e pobres. Algumas idosas constituíram novo casamento, outras faleceram, e seus familiares permaneceram no local. Essas idosas desempenharam um ponto importante na resistência para impedir a remoção dessa comunidade. Por outro lado, a participação dos homens, tanto jovens quanto idosos, era mais baixa, pois muitos consideravam as atividades comunitárias como “atividades femininas”.

Os homens são influenciados por discursos que enfatizam que “não importa o que aconteça, um homem deve apresentar ser forte para os outros”. Isso está relacionado à contenção das emoções e à ocultação da vulnerabilidade, de acordo com Guerra et al. (2014).

A luta de moradoras de um bairro, que reivindicavam não só manter suas habitações, como também representavam uma luta feminina pela visibilidade da posição de mulher idosa na cidade, reavendo seus papéis sociais guiado pela autonomia e no respeito aos seus saberes históricos, culturais e sociais, provou que ser revolucionário não é papel desempenhado somente pelos mais jovens, segundo Pacheco e Bomfim (2022) em seu estudo, ressaltaram esta importante constatação.

Pacheco e Bomfim (2022) abordam as mulheres idosas que resistiram a sair da comunidade, destacando o esforço delas em afirmar que, além de moradoras daquele território,

queriam manter a identidade pessoal e coletiva. Elas protestaram contra os modos de exclusão na construção do espaço urbano, buscando continuar existindo como idoso-guardião da memória, cultura e social, resistiram como implicação psicossocial do empoderamento do cidadão.

O ato de maternar como trabalho de cuidado também mobilizou essas idosas, exigindo delas uma capacidade inventiva de resolução de problemas, conforme discutido por Melo e Medeiros (2018). O maternar requer habilidades singulares, envolvendo a compreensão e a mobilização de uma inteligência inventiva.

Incluir as pessoas idosas e debater sobre seu uso dos espaços públicos, além de ouvir suas necessidades no processo de planejamento das cidades, é valorizar o caráter ativo e expressivo de suas contribuições, estendendo e viabilizando a acessibilidade nas grandes cidades. A observação de que não existe um paradigma único de ambiente para a utilização e ocupação já é um progresso para que se ponderem as singularidades humanas. Isso é ainda mais importante ao evidenciar pessoas que têm pouco destaque no emaranhado urbano, guiando estudos que possibilitam a observação, audição e registro das solicitações relacionadas aos processos nos contextos de envelhecimento humano, como contribui Albuquerque et al. (2018).

Uma etapa na direção de unificar essas lutas é assumir o direito à cidade tanto como lema operacional quanto ideal político, considerando que ele destaca a questão de quem governa a junção necessária entre a urbanização e o uso do produto excedente. A democratização desse direito e a criação de um extenso movimento social para consolidar seu desígnio são imperativas, se os despossuídos aspiram conquistar para si o controle que lhes tem sido negado há muito tempo, assim como buscar formas inovadoras de urbanização. Lefebvre estava correto ao reiterar que a revolução tem de ser urbana, no sentido mais amplo deste conceito, ou nada mais, assim diz Harvey (2012).

Apresentar o território levando em conta apenas seus recursos interligados às necessidades biológicas e mercadológicas, salientando tão somente a utilização racional de seus espaços, não engloba toda a sua complexidade territorial em suas diversas dimensões micro e macrossocial. A racionalidade do consumo nos ordena que olhemos o ambiente de maneira prática, como sendo mais um capital, tal como os econômicos e humanos. São desvalorizadas, por conseguinte, as qualidades ambientais do ser humano e em sociedade, estruturadas a partir das correspondências pessoa-ambiente, que tanto incluem relações de poder quanto conexões afetivas e simbólicas, relata Feitosa et al. (2018).

A pauta do direito à cidade é importante para as pessoas idosas, pois, a cidade é uma construção coletiva e que precisa abarcar diversos elementos para garantir moradia, transporte, trabalho, segurança, saneamento básico, lazer, acessibilidade a essa população. Nossas cidades cresceram marcadas com desigualdades e exclusão, e precisamos rever este contexto.

Capítulo 3 – A arte

A arte auxilia no desenvolvimento humano, e para Vigotski (2001), a arte se encontra em perpétua relação com a realidade objetiva. A arte não modifica apenas o humor imediato das pessoas, mas também objetiva sentimentos e distintas potencialidades humanas. Ela tem a capacidade de ocasionar mudanças no psiquismo das pessoas, proporcionando-lhes uma nova organização psíquica, o que permite a ascensão à condição de indivíduo particular, organismo até certo ponto elementar e fruto da evolução natural, à de gênero humano e universal (Barroco & Superti, 2014).

A arte literária, por exemplo, além de incitar a decodificação dos signos, também difunde significados e apresenta ao leitor aspectos para que atinja novas composições e objetivações. Compreendemos, portanto, que o processo dialético de objetivação- apropriação conduz à formação do humano no ser, convertendo a ação do ser humano na realidade por esta se constituir em uma ação mediada que exige alterações psíquicas e estabelece novas necessidades, além das de sobrevivência (Barroco & Superti, 2014).

Vigotski (1999) apostava que a arte é a objetivação dos sentimentos humanos, uma técnica criada pelos humanos que os auxilia a socializar um sentimento, ao mesmo tempo em que o torna individual, sendo integrante do psiquismo. A arte seria capaz de instigar uma nova organização psíquica mais aperfeiçoada, por ser instrumento cultural que objetiva, em sua forma e conteúdo, importantes forças humanas, como a abstração, a criatividade, a percepção, a emoção e a imaginação (Barroco & Superti, 2014).

Sendo assim, aqueles que têm maior capacidade de imaginar e de expressar isso, por exemplo, seriam os adultos e as pessoas idosas, tendo em vista que a imaginação depende do quanto se conhece a realidade. Essa visão contradiz o que é difundido no senso comum hoje,

de que a criança seria a que mais teria capacidade imaginativa e de que as capacidades cognitivas declinam com o envelhecimento.

Vigotski considerava que os adultos e idosos tinham grande capacidade. Ele inova ainda no campo da análise de uma obra de arte ao inserir o leitor/espectador como parte dela, conforme os fragmentos abaixo:

A crítica de leitor é denominada por Vigotski (1916/1999) como uma crítica estética, de caráter subjetivo e que busca evidenciar as impressões artísticas imediatas suscitadas no leitor. É uma crítica considerada também diletante, ou seja, a crítica de alguém que não está necessariamente inserido no campo da crítica literária, e é feita de forma apaixonada (Pozza & Magiolino, 2018, p.806). Nesse sentido, a proposição de Vigotski (1916/1999) é mais uma vez dissonante. Para ele, a obra de arte só existe como obra a partir do espectador/leitor. No caso de Hamlet, ao se distanciar da “crítica dos críticos”, Vigotski coloca o leitor no lugar de também produtor da obra de arte (Pozza & Magiolino, 2018, p.806).

Trazendo para nossa discussão, se nossas idosas da classe proletária puderem ter contato com a obra de literatura, poderão também ser parte produtora dela, sentindo o que essas narrativas querem comunicar, pois são obras que dialogam diretamente com o leitor e fazem parte da memória coletiva e singular:

A produção literária do autor colombiano Gabriel García Márquez é caracterizada por representar a vida cotidiana, a cultura e a tradição mescladas à mitologia popular, ao realismo mágico e às histórias contadas por seus familiares, na América Latina. O romance *O amor nos tempos do cólera* (1995) traz esse caráter de sua escrita, que é bastante enfatizado e explorado, através da construção dos protagonistas e do contexto sócio- histórico que envolve toda a trama (Xavier, 2013, p.11).

Nossa memória guarda a memória familiar por meio das recordações partilhadas por essas pessoas, as quais nos contam suas histórias desde a mais tenra idade, compartilham fatos acerca do grupo e de nós próprios. Vigotski (2010) reflete que o meio propicia o desenvolvimento de propriedades e qualidades humanas próprias que estão em cada ser humano, pois este é integrante de certo grupo social, é uma parte da história, vive em dada época histórica e em certas condições históricas, segundo Braga e Smolka (2020). Portanto, acreditamos que as mulheres idosas se beneficiariam de discussões mediadas pela arte.

Com base nas colaborações de Vigotski (1999), é possível considerar que o objeto da psicologia da arte trata-se da análise da estrutura da obra de arte, examinando as funções psicológicas peculiares ao ser humano, englobando o sentimento que a obra desperta. Para investigar as estruturas das obras de arte, o autor russo dedicou-se mais à literatura (Barroco & Superti, 2014).

Vigotski (1999) nomeia de “método objetivo analítico” a pesquisa da psicologia da arte através da estrutura da obra, com a intenção de encontrar o que é característico do humano, condensado no objeto cultural elaborado. A psicologia da arte evidenciaria, então, as funções psicológicas colocadas em deslocamento pela estrutura da obra, expondo, deste modo, as leis de funcionamento da resposta estética no psiquismo, bem como as modificações suscitadas na pessoa. Com isso, podemos ponderar que a psicologia da arte apresenta ter dois objetivos primordiais: um é mostrar a vivência psicológica que a obra de arte objetiva e o outro é elucidar as repercussões da resposta estética no psiquismo do ser humano (Barroco & Superti, 2014).

A mulher idosa e sua relação com a teoria histórico-cultural

Para refletir mais detalhadamente acerca da vida da mulher idosa, tomando como ponto de referência a personagem feminina principal da obra “*O amor em tempos do cólera*”, pode ser analisada à luz da teoria histórico-cultural. Demarcamos a relevância de se pensar as emoções seguindo a teoria mencionada, pois observamos o quanto as pessoas idosas têm suas emoções ignoradas, ridicularizadas ou patologizadas, sendo essa situação agravada pela classe social.

Visamos realizar uma análise segundo os escritos de Vigostki. Nesse trabalho utilizamos a obra de Gabriel Garcia Márquez, fundamental para o nosso trabalho. O autor aprofunda em seus escritos questões sociais de classe por meio das personagens femininas. Recorremos às contribuições da psicologia da arte de Vigotski para destacar as emoções enquanto funções psicológicas superiores. Vale ressaltar que, de acordo com Siqueira (2019), os estudos de

Vigotski não abordavam diretamente o processo de envelhecimento, mas trouxeram conceitos que nos servem de ferramentas para trabalhar nosso objeto.

É importante destacar, conforme Siqueira (2019), que a teoria de Vigotski foi desenvolvida em um período histórico em que a ciência buscava criar uma psicologia capaz de lidar com complexos conflitos sociais na comunidade soviética no início do século XX. Esses conflitos envolviam questões como desemprego, desabastecimento, guerra, entre outros.

A teoria histórico-cultural, fundamentada na conjuntura histórica e no materialismo histórico-dialético, foi norteadada pelos estudos que visavam uma nova psicologia, a construção do novo homem soviético e a suplantação das forças de produção capitalista, como indica Marçal (2017). Utilizando o materialismo histórico-dialético, essa abordagem propõe estudar as funções psíquicas superiores considerando seu movimento histórico, isto é, de maneira dialética.

A Revolução Russa teve impacto significativo nas concepções da psicologia, desafiando o viés individualizante e reducionista. Contudo, a psicologia de Vigotski, segundo Parker (2014) e Rivière (2002), foi assimilada pela psicologia do desenvolvimento dominante como apenas mais uma teoria do desenvolvimento humano.

Mas como importante contribuição, tivemos que:

No texto “História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores”, Vigotski (2000) deixa claro que a compreensão de como se desenvolvem as funções psíquicas é fundamental para que possamos compreender o desenvolvimento da personalidade do indivíduo. O que diferencia as funções psíquicas elementares das superiores é que estas últimas têm origem cultural, pois se formaram ao longo do desenvolvimento histórico dos homens. É a partir da cultura que o homem constrói sua personalidade, mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo, assim, suas funções superiores, como o raciocínio lógico, o pensamento abstrato, a capacidade de planejamento e outras funções (Aita & Tuleski, 2021, p. 64-65).

Com isso:

Isto significa que toda função psicológica superior aparece em dois planos, sendo primeiramente intersíquica, presente nas atividades coletivas e sociais, para depois tornar-se intrapsíquica, como propriedade interna do psiquismo. Toda função superior foi antes externa, social, para depois tornar-se interna (Aita & Tuleski, 2021, p.63).

Compreender a importância do estudo da cultura, com a contribuição da arte da literatura, é essencial, uma vez que as funções psíquicas têm sua origem na coletividade e no contexto social. Analisar a mulher idosa sob essa perspectiva permite examinar como a cultura molda a representação dessa mulher e como ela se apropria desses discursos para moldar a realidade.

Literatura como potência

A literatura desempenha um papel essencial na formação da consciência de classe, oferecendo uma representação humanizada e generalizada da realidade, predominantemente sensorial. Isso permite que as pessoas se reconectem com a sua humanidade, muitas vezes alienada pelo trabalho, e integrem significados e sentidos nas funções psicológicas superiores e na consciência como uma unidade. Além disso, a complexidade e humanização da literatura possibilitam o enfrentamento das contradições da realidade objetiva, estimulam reflexões e abrem espaço para a imaginação e a busca de concepções revolucionárias (Superti, 2023).

A literatura, todavia, se revela como um modo de conhecimento que concentra as adversidades e aspectos do que é ser humano. As temáticas que integram os livros literários e seus sentidos representam instrumentos psicológicos para que as pessoas criem sínteses coerentes tendo em conta a qualidade de sua apropriação literária, ressalta Superti (2023).

Superti (2023) argumenta, com base no pensamento vigotskiano, que a arte não provoca uma resposta instantânea, mas, sim, motiva uma modificação interna a partir das emoções e sentimentos, ou do impacto entre emoções objetivadas na composição da obra e as próprias emoções das pessoas que têm acesso a elas.

É significativa a maneira que Vigotski consegue instaurar à esfera da arte, da vivência estética uma perspectiva de conhecimento que valoriza os afetos e a imaginação no psiquismo (Silva et al., 2018). Em sua obra *Psicologia da Arte* (Vigotski, 2001), o autor argumenta que as emoções despertadas pela arte não se restringem a simples reações psicofisiológicas, mas

participam de uma acentuada recomposição da dinâmica psíquica, envolvendo processos simbólicos e subjetivos.

É relevante sinalizar que a pessoa não precisa experienciar toda e qualquer situação de maneira direta para ampliar ou enriquecer suas vivências. Isso ocorre por meio da interferência da linguagem, da narrativa, através do outro, um conceito que Vigotski denominou como “experiência alheia”. No decurso imaginativo, incontáveis elementos da realidade, conforme experimentados e narrados pelo outro, são aproveitados e (re) significados. Isso representa uma forma de experiência indireta ou mediada, apoiada na palavra do outro, em uma circunstância de imaginação criadora (Silva et al., 2018).

As formações da fantasia são concebidas por meio da criação de imagens que são acrescidas a fenômenos complexos da realidade e do funcionamento psíquico. Tal situação ocorre, por exemplo, quando lemos uma narrativa e não nos limitamos apenas a reproduzir experiências anteriores, mas frequentemente se apresenta como um recurso para elaborar outras combinações. A imaginação se apresenta dessa forma, como um recurso, para expandirmos nossa experiência, pois nos permite provar o que não vivemos pessoalmente, permitindo-nos incorporar conjunturas históricas, sociais e individuais de outras pessoas, segundo Silva et al. (2018).

Delari Junior (2013) destaca a importância de atuar junto com outras pessoas para transcendermos nossas dificuldades, não apenas durante o aprendizado inicial de habilidades como andar, falar, ler, mas ao longo de toda vida. Para superar desafios, precisaremos da orientação de pessoas mais experientes, e aprendemos com qualquer pessoa, seja ela criança ou alguém menos experiente. Essa cooperação é essencial para o desenvolvimento individual, desafiando a ideia de que nascemos egoístas, conforme propõe o humanismo liberal, ou altruístas, como sugerido pelo humanismo ingênuo.

Contrariando a perspectiva do liberalismo, a pessoa não se constitui de maneira solitária, mas sim em relação com a história coletiva. Esse processo é cumulativo, contraditório e constante, envolvendo a criação das particularidades humanas e da sociedade, ambas implicadas às circunstâncias de produção da vida, transformação da natureza por meio do trabalho e elaboração de instrumentos essenciais para a vida em sociedade, de acordo com Superti (2023).

Existe então o questionamento de como, um ser que é social por natureza se transforma em um ser singular? Vigotski (1996) apresenta como solução o conceito de vivência (*perejivanie*). Compreender a vivência como uma unidade significa não apenas reconhecer a relação entre a pessoa e o objeto, mas também compreender que ela não se origina nem da pessoa isoladamente nem do objeto (o ambiente objetivo e social), mas do cruzamento singular entre eles ao longo da história da pessoa (Martins, 2020).

Como saída para esta situação tão desafiadora Vigotski aponta a arte como caminho:

Não se pode nem imaginar que papel caberá à arte nessa refusão do homem, quais das forças que existem, mas não atuam no nosso organismo ela irá incorporar à formação do novo homem. Só não há dúvida de que, nesse processo, a arte dirá a palavra decisiva e de maior peso. Sem a nova arte não haverá o novo homem! (Vigotski, 2001, p. 329).

Os componentes que participam na contextura de uma obra de arte, por exemplo, são elementos da realidade, da experiência concreta e sensível da pessoa com a cultura. Para Vigotski, tais componentes são originais visto que passam por uma intrincada estruturação no pensamento, cristalizam-se na atividade criadora e ressurgem ao mundo de modo inusual. Essa imaginação cristalizada (objetivada na obra), carrega sob sua incumbência uma força ativa, qualificada para alterar a própria maneira de organização da realidade e da cultura (Silva et al., 2018).

A ideia de mudança, de que não se chega a um fim, se relaciona com a concepção de desenvolvimento humano proposto por Vigotski (1977). O autor aborda que, no decorrer da

vida, as pessoas passam por movimentos consecutivos de modificação. Pela relação com os outros e com si mesmo, aprendem, desenvolvem-se, são transformados, transformam o outro e a sua história de vida. Em outros termos, o ser humano, como integrante da natureza, só pode sobreviver por seu ininterrupto metabolismo com ela, sendo este consubstanciado em sua atividade vital, ou seja, no trabalho. Com essa compreensão, a história é o resultado dos modos pelos quais as pessoas produzem sua existência no decorrer do tempo, em um regime no qual o ponto principal é sua dimensão teleológica. Posto isso, o trabalho atuou e ainda permanece atuando expressamente na formação humana.

Se pelo trabalho o homem colocou a natureza sob seu domínio, pelo emprego de signos ele dominou a si mesmo, condição requerida pela própria atividade de trabalho. Os instrumentos técnicos de trabalho e o uso de signos inauguram, portanto, outra forma de relação homem-natureza, isto é, inauguram relações mediadas (Martins, 2020, p. 345).

A particularidade da formação do psiquismo humano ocorre devido a uma mudança na relação do humano com a natureza, especialmente com o desenvolvimento da linguagem e sistemas de signos, que permitiu a superação da fusão entre estímulo e resposta característica dos animais. Então, o signo passa a operar como estímulo de segunda ordem, retrocedendo sobre as funções psíquicas alterando suas aparições espontâneas em expressões volitivas, segundo Vigotski (1997) e Martins (2020).

Cada parte do sistema funcional mental-cerebral de uma atividade complexa, como a solução de uma adversidade, impacta nas outras de maneira correspondente e dinâmica (relações interfuncionais). Na ontogênese, o agrupamento de elementos mentais e suas regiões cerebrais referentes vão se alterando, não apenas na criança e no adolescente, mas também na pessoa idosa que adquire novas aptidões e habilidades ressalta Damasceno (2020).

Nesse contexto, as emoções são fundamentais para a compreensão do psiquismo humano. Segundo Vigotski, as emoções são funções psicológicas superiores, isto é, culturalizadas e suscetíveis a serem desenvolvidas, modificadas ou até mesmo a dar origem a novas

apresentações. Ao perceber as emoções dessa forma, o autor insere esse processo psicológico em relação com outros do psiquismo do ser humano, de acordo com Machado, Facci e Barroco (2011).

Vigotski trouxe nova perspectiva em relação às emoções na psicologia, não a abordando apenas da ordem do instintivo, elementar e patológico, mas como positividade epistemológica. Isso representa uma superação da tradicional abordagem negativa, comum em teorias que estudam o ser humano sem levar em consideração a sociedade (Sawaia, 2000).

Outra importante visão de Vigotski é a de que:

Aparecem costurando outros fenômenos psicológicos, como a imaginação e o pensamento, mas não como epifenômenos ou fenômenos auxiliares: assumem um papel ativo, que desencadeia ações e não somente são desencadeadas por elas. Eliminam-se, assim, as contradições entre o interno e o externo e entre imaginação e pensamento realista, para criar vínculos entre essas duas realidades emocionalmente experimentadas (Machado, Facci & Barroco, 2011, p.649-650).

Uma parcela da sociedade não consegue criar maneiras de expressar e sentir suas emoções, pois são privados dos elementos culturais. Para as mulheres, e principalmente para as mulheres empobrecidas, a negação da educação (uma importante via de acesso à cultura) era uma realidade.

A questão do gênero como elemento a ser considerado nas políticas públicas, assim como discorre Lima (2020), tornou-se tema de discussão em nosso país apenas em meados dos anos 1980, com a implantação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, o PAISM. Esse programa resultou de debates entre as mulheres (feministas e não feministas) junto as instâncias governamentais.

Esses debates abordavam as discrepâncias entre os sexos e como isso impactava o desequilíbrio no acesso aos bens e serviços em todos os domínios. O PAISM foi um movimento de mulheres que introduziu a categoria de gênero nas discussões políticas e acadêmicas, contribuindo para a construção de políticas públicas.

Como no livro, Fermina consegue estudar, é uma mulher pertencente a elite, mas sua educação era voltada ao outro (pai, marido, religião) e não para si mesma.

A filha estudava no Colégio da Apresentação da Santíssima Virgem, onde as senhoritas da sociedade aprendiam há dois séculos a arte e o ofício de serem esposas diligentes e submissas. Durante a Colônia e os primeiros anos da República só recebiam as herdeiras de sobrenomes ilustres. Mas as velhas famílias arruinadas pela independência tiveram que submeter-se à realidade dos novos tempos, e o colégio abriu as portas a todas as candidatas que pudessem pagar por ele, sem levar em conta seus pergaminhos, mas com a condição essencial de que fossem filhas legítimas de casais católicos (Márquez, 2009, p. 55).

A personagem só alcança certa autonomia sobre sua vida quando viúva e após a morte do pai. Como reflete: “Se nós viúvas temos alguma vantagem, é que já não resta ninguém que nos dê ordens”. (Márquez, 2009, p.325).

Em outro trecho, no entanto, vemos que na visão masculina ainda existia certas regras sociais a serem cumpridas. Em dado momento da narrativa Florentino revela os requisitos sociais que eram de costume para as viúvas, o pretendente pedir a mão da mulher para o filho.

Mas Florentino Ariza o ajudou a sair. Estava radiante, pois sabia que mais tarde ou mais cedo ia ter um encontro como aquele com o doutor Urbino Daza, para cumprir um requisito social inevitável: a petição formal da mão de sua mãe (Márquez, 2009, p.314).

Já aos homens, a educação era incentivada; eles trabalhavam com a escrita e com outras atividades, como vemos no fragmento abaixo:

Fermina Daza compartilhava com suas companheiras de colégio a ideia estranha de que o Portal dos Escrivães era um lugar de perdição, vedado, é claro, às senhoritas decentes. Era uma galeria de arcadas diante de um largo onde paravam os carros de aluguel e as carretas de carga puxadas por burros, e onde se tornava mais denso e ruidoso o comércio popular. O nome lhe vinha dos tempos da Colônia, porque ali se sentavam desde então os calígrafos taciturnos, de paletós de lã e meias mangas postizas, que escreviam por profissão toda classe de documentos a preços de pobre: requerimentos de agravo ou de súplica, arrazoados jurídicos, cartões de cumprimentos ou de luto, missivas de amor em qualquer das suas idades (Márquez, 2009, p.101).

No capitalismo, a formação da subjetividade e personalidade está intrinsecamente ligada a classe, ao gênero, ao período histórico e a localidade em que se vive, conforme fundamentado na teoria de Vigotski. Mas, para as mulheres, tem sido negado o direito à cidade e a circulação

pelo espaço social, uma situação retratada na obra analisada e nos capítulos anteriores deste trabalho.

Dessa forma, podemos observar como, de fato, se forma a subjetividade e a personalidade dessas mulheres no capitalismo, muitas vezes pela negação de direitos. Além disso, recai sobre elas o trabalho reprodutivo de cuidado doméstico, caracterizado como constante e interminável até a morte, o que resulta em pouco tempo disponível para acessarem a arte, se unir a outras mulheres e desenvolverem de modo mais potente suas vidas.

Essa esfera do lazer e descanso é negado para as pessoas no capitalismo, até mesmo a aposentadoria tem sido atacada e não representa mais o momento do ócio. Reconhecemos que pela divisão social do trabalho por gênero, os homens, na aposentadoria usufruem de mais tempo para se dedicarem ao descanso, no entanto, mesmo eles tem perdido essa característica.

No livro, vemos um trecho, no qual, o Doutor Juvenal Urbino, expressa a ideia de que descanso mesmo, só após a morte. Quantas vezes não reproduzimos essa máxima? É um discurso tão presente em nossas vidas e que é real! “Havia dito: Terei tempo de sobra para descansar quando morrer, mas essa eventualidade não figura ainda nos meus projetos.” (Márquez, 2009, p.4)

Encontramos ainda a temática social, muito relacionada a desigualdade, presente no livro intitulado *O amor nos tempos do cólera*, temos os fragmentos que retratam o esfacelamento da cidade colonial, a pobreza dos bairros dos escravos e a vida das prostitutas apresenta Romero (2009).

Na obra, ainda, o médico da cidade, filho do renomado Juvenal Urbino, membro da elite de sua época, pensava em moldar o espaço urbano:

Antes de chegar ao fundo de seus propósitos, o doutor Urbino Daza fez algumas divagações sobre a velhice. Achava que o mundo andaria mais rápido sem o estorvo dos anciãos. Disse: “A humanidade, como os exércitos em campanha, avança na velocidade do mais lento”. Previa um futuro mais humanitário, e por isso mesmo mais civilizado, de seres humanos isolados em cidades marginais a partir do

momento em que não pudessem mais cuidar de si mesmos, para lhes poupar a vergonha, os sofrimentos, a solidão espantosa da velhice (Márquez, 2009, p.313).

Temos como exemplo a comparação feita por Márquez (2009), na qual fica evidente como é a desigualdade e os diferentes aspectos presentes nos vários pontos da cidade, bem como o impacto disso sobre as pessoas:

Ao contrário da cidade vice-real, cujas casas eram de alvenaria, ali eram feitas de madeiras desbotadas e telhados de zinco, assentados em sua maioria sobre estacas para não serem atingidas pelas cheias das cloacas a céu aberto herdadas dos espanhóis. Tudo tinha um aspecto miserável e desamparado [...] (Márquez, 2009, p.13).

Em anos recentes tinham demolido a velha ponte de pedra dos espanhóis e construído uma de cimento com globos de luz, para dar passagem aos novos bondes de burro. No princípio, os moradores da Mangueira tinham que suportar um suplício que não se levava em conta no projeto, e que era dormir perto demais da primeira usina elétrica que teve a cidade, cuja trepidação era um terremoto contínuo. Nem o doutor Juvenal Urbino com todo seu poder conseguira que a mudassem para onde não estorvasse, até que intercedeu a seu favor sua comprovada cumplicidade com a Divina Providência. Uma noite a caldeira da usina arrebentou com uma explosão pavorosa, voou por cima das casas novas, atravessou metade da cidade pelos ares e fez desmoronar a galeria maior do antigo convento de São Julião o Hospitaleiro (Márquez, 2009, p.230).

Encontramos ainda na narrativa de Márquez que o Doutor Juvenal Urbino exercia sua profissão mesmo na velhice e transitava pela cidade livremente, tanto para trabalhar quanto para se divertir, como ir à casa de um amigo, participar de jogos ou ir aonde desejasse. Enquanto isso, sua esposa Fermina Daza e outras personagens femininas retratadas na obra tinham uma vida mais restrita ao lar, desempenhando seu papel social de cuidadoras. Por vezes, morriam no exercício de seus ofícios, tendo uma vida muito limitada. Quando saíam, quase sempre estavam acompanhadas por uma figura masculina ou de outra mulher, raramente saindo sozinhas.

Às quatro saía para visitar os doentes, depois de tomar uma grande caneca de limonada com gelo. Apesar da idade, resistia à idéia de receber os pacientes no consultório, continuando a atendê-los nas respectivas casas, como sempre tinha feito, desde os tempos em que a cidade era tão doméstica que se podia ir a pé a qualquer lugar (Márquez, 2009, p.9-10).

Por sugestão do tio Leão XII empregara uma mulher mais velha para se ocupar dela, mas a coitada andava sempre mais para dormindo que para acordada, e às

vezes dava a impressão de que também ela esquecia quem era (Márquez, 2009, p.214).

Gala Placídia, morta de boa velhice a serviço daquela que foi quase uma filha (Márquez, 2009, p.187).

As mulheres foram confinadas ao espaço doméstico, enquanto os homens têm liberdade para transitar pelo espaço público, como a narrativa destaca, isso é notório, no entanto, não se fala sobre os impactos disso no desenvolvimento. Estar no espaço doméstico pode limitar a vida das mulheres a atividades repetitivas, com poucos estímulos novos, impedindo a organização coletiva e causando sofrimento psíquico. Na trama, o personagem Florentino enriquece com seu trabalho, enquanto Fermina só alcança a ascensão social por meio de um casamento com um homem abastado, evidenciando que o acesso a bens e trabalho é mais facilitado para os homens.

A narrativa do livro ainda é brilhante ao desconstruir a ideia de amor romântico, mostrando que as relações nessa sociedade capitalista muitas vezes se configuram como negócios e são atravessadas por machismo, preconceito racial e etário, além de violências. A noção de cuidado por amor é apresentada, onde Gala Placídia é retratada como uma mulher trabalhadora idosa que morreu trabalhando, denunciando a condição das mulheres trabalhadoras sem direitos.

O autor soube apresentar esse fato sob o verniz de “normalidade” e “amor ao trabalho e cuidado” pregado pela alta sociedade, sem deixar de expor o horror desta situação, afinal, o mundo caótico da guerra, doenças, preconceitos e violência servia como pano de fundo.

Idosas e o sofrimento

Suicídio, um assunto tabu em nossa sociedade, é ainda mais delicado quando relacionado a pessoas idosas, podendo ser considerado um dos fatores que contribuem para tal situação a imagem negativa que foi atribuída à velhice e a exclusão social que as pessoas podem sofrer nesse período da vida. Romero (2009) analisa que o suicídio de Jeremiah de Saint-Amour

destaca o peso da velhice naquela sociedade. Ele não realiza tal ato porque está infeliz, mas sim, porque teme que sua alegria acabe.

Para promover o envelhecimento saudável, é preciso abordar o ageísmo e a gerontofobia, interligados na obra “O amor nos tempos do Cólera”. Nela, o autor trata do suicídio de uma personagem que não aceitava seu processo de envelhecimento, e percebemos que a visão negativa sobre esta condição humana pode afetar o psiquismo das pessoas, podendo levá-las a condições de adoecimento psíquico muito graves. Isso ocorre, pois muitas vezes, as pessoas deixam de circular pela cidade por medo de sofrer violências e humilhações, contribuindo para seu isolamento e uma espécie de morte simbólica, já que deixam de participar ativamente dos espaços sociais.

Mesmo a violência material também é uma realidade:

[...] ouviu uma notícia pavorosa: um casal de anciãos que repetia a lua-de-mel no mesmo lugar que quarenta anos antes fora assassinado a golpes de remo pelo barqueiro que os levava a passeio, para roubar o dinheiro que tinham: quatorze dólares (Márquez, 2009, p. 319).

Muitas pessoas idosas planejam não chegar à idade avançada, seja por meio da reclusão ou buscando o autoextermínio, devido aos preconceitos que a sociedade carrega, manifestando intolerância em relação aos mais velhos, como destaca Márquez (2009):

[...] Jeremiah de Saint-Amour tinha suspirado sem pensar: “Nunca hei de ser velho.” Ela o interpretou como um propósito heróico de lutar contra os estragos do tempo, mas ele foi mais explícito: tinha a determinação irrevogável de acabar com a vida aos sessenta anos (p.16).

Os sessenta anos, especialmente no ocidente, parece ter se tornado um marco, tendo em vista que usa-se o critério etário para definir a chegada da velhice. Espera-se que nessa idade, a pessoa já tenha alcançado todos os elementos que a sociedade capitalista considera como sendo uma pessoa vencedora, bem sucedida, como bens, família, um corpo malhado e saúde física e mental. “Uma voz distraída se ouviu no silêncio: ‘Nessa idade a gente já está meio podre em vida’” (Márquez, 2009, p.48).

Esse discurso de que na velhice a pessoa se encontra “podre” foi retratado no livro até mesmo com a escolha das palavras que causam sensações no leitor, sendo particularmente difícil ler alguns fragmentos. A figura de linguagem sinestesia foi observada em algumas passagens. A associação entre velhice e fim, decrepitude, também se fez presente: “[...] e numa idade em que não restava a ela e a Florentino Ariza nada mais que esperar da vida”. (Márquez, 2009, p.284).

Márquez ainda mostra que no senso comum da época, tinha-se o uso de dizer que “Louro velho não aprende a falar”. Em determinado momento Florentino gostaria de aprender a usar a moderna máquina de escrever e conseguiu. O que ocorreria se o personagem ouvisse isso e resolvesse nem tentar aprender o que desejava?

Por isso mesmo não tinha resposta. Tampouco Florentino Ariza tinha pensado no assunto até então, e resolveu correr o risco a fundo. Levou para casa uma das máquinas do escritório em meio às troças cordiais dos subalternos: “Louro velho não aprende a falar.” (Márquez, 2009, p.292).

Para a pessoa idosa tem sido designado, na maior parte das vezes, a noção de inatividade, de impossibilidade de desenvolver novas habilidades e de não se poder sequer pensar que possa conseguir viver outras e novas experiências, como os trechos acima do livro ilustram.

Para as pessoas, a vida e a morte não são experimentadas somente como fatos biológicos. De acordo com Vigotski (2001) e Chauí (2009), são situações simbólicas que têm e fazem sentido. Sendo assim, é crucial concebê-las em bases de afetos positivos para que o envelhecimento e a aposentadoria sejam contemplados como momentos saudáveis, sem que o significado da morte tome conta desse momento.

No entanto, o que se nota é a invisibilização de discussões sobre a velhice e morte e a busca por tornar esses assuntos como “desagradáveis” socialmente. Ou acontecimento que afetam sempre aos outros e não a nós mesmos:

Até então o doutor Juvenal Urbino e sua família tinham concebido a morte como um percalço que acontecia aos outros, aos pais dos outros, aos irmãos e cônjuges alheios e nunca aos próprios. Eram pessoas de vidas lentas, às quais ninguém via

envelhecer, nem adoecer e morrer, que se desvaneciam aos poucos no seu tempo, transformando-se em lembranças, brumas de outra época, até serem assimiladas pelo esquecimento (Márquez, 2009, p. 111).

Para Romero (2009), a decisão do fotógrafo de morrer em vez de viver a velhice opera como aspecto preciso do que a obra vai mostrar: o peso do tempo no percurso dos personagens e como seus dilemas são resolvidos ou não. O suicídio do fotógrafo adiciona uma camada à compreensão da narrativa, mesmo após sua morte, lembrando-nos de sua desistência.

Em um determinado fragmento, Gabriel Garcia Márquez, narra que, o doutor Juvenal Urbino, ao chegar na casa de Jeremiah de Saint-Amour e constatar o suicídio, aponta para o estudante de medicina que o acompanhava que, a maioria dos suicídios que ocorriam e que sabia eram motivados por amor, relacionamentos, assuntos relacionados a isso. Um suicídio que não era por essa razão, pode nos indicar uma mudança social.

Aquela sociedade estava passando, certamente, por transformações e ser uma pessoa idosa não era relacionado a algo positivo, sequer a aposentadoria era bem vista, tanto que temos os personagens relatando que não desejam se aposentar, pois isso seria uma denúncia de que o fim da vida estaria próximo.

Abaixo o trecho em que doutor Juvenal Urbino faz sua reflexão acerca do suicídio de seu amigo:

“Não faltará por aqui algum louco de amor que lhe dê a oportunidade um dia destes.” E só ao dizê-lo percebeu que entre os incontáveis suicídios que lembrava, aquele era o primeiro com cianureto que não tinha sido causado por um infortúnio de amor. Algo se alterou então na sua maneira de falar (Márquez, 2009, p. 5).

Não vemos esse suicídio como um ato individual, baseado apenas em aspectos biológicos e isolado. Pelo contrário, é fruto também de uma representação negativa da velhice, constituída culturalmente, socialmente e historicamente. Em um dado momento da narrativa, o doutor Juvenal Urbino diz que era para dizer aos jornais que o amigo tinha morrido de morte natural, denunciando que o suicídio era um tabu.

No fragmento abaixo vemos que o doutor estava disposto até a falar com as autoridades para que não colocassem no jornal que a morte do amigo foi por suicídio: “Mandou que se dissesse aos jornais que o fotógrafo tinha morrido de morte natural, embora achasse que a notícia não lhes interessava de nenhum modo”. Disse: “Se for necessário, falo com o governador.” (Márquez, 2009, p. 6).

Atualmente, observamos que no social, a pessoa idosa é oprimida, conforme revelam Caldas e Thomaz (2010). Por muito tempo, essa população foi valorizada e vista como contribuinte, ocupando um espaço social e dentro da família eram os responsáveis por transmitir histórias para a família. Entretanto, essa imagem se alterou radicalmente, tornando-se quase o oposto, com o advento do capitalismo, que prioriza o comércio e a produtividade dos jovens. A imagem da pessoa idosa mudou a ponto de ser considerada, em alguns casos, como abjeta.

No livro, o doutor Juvenal Urbino, após a constatação do óbito do amigo por suicídio, tentará compreender o que aconteceu. Faz uma reflexão de que a velhice seria a “guerra final” e que o amigo, que foi um soldado e que lutou na guerra não se abatia por nada: “Não teria podido viver sem averiguar mais tarde por que aquele soldado indômito, acostumado a se bater até a última gota de sangue, havia deixado por terminar a guerra final de sua vida” (Márquez, 2009, p.7).

A literatura me auxiliou a pensar a realidade cotidiana; o termo cólera, oriundo do título da obra, versa sobre a epidemia da peste do cólera e a guerra civil. Mas, nesse caso, ofereço ao termo o sentido de ser um impulso violento e uma ira à velhice, afinal, no livro e em muitos casos, ódio é direcionado para a velhice e para as pessoas idosas. Retomamos o início do livro, o suicídio de um personagem. Seria a velhice pior que o suicídio? Esse personagem teme a decrepitude. Mas e o suicídio? Não é tão tabu quanto à velhice?

Jeremiah de Saint-Amour antes de morrer, preocupou-se com as despesas do seu velório e com o pagamento de contas, o que evidencia como a velhice é muitas vezes percebida como um fim. Afinal, é preciso organizar todos os detalhes, considerando que a morte supostamente se aproxima. Além disso, este personagem foi sepultado na parte externa do cemitério, revelando o grande preconceito existente contra aqueles que tiravam a própria vida:

Era uma meia-verdade, mas eles a acreditaram completa porque ele lhes mandou levantar um ladrilho solto do pavimento e ali encontraram um caderno de contas muito usado onde estavam as chaves para abrir o cofre forte. Não havia tanto dinheiro como pensavam, mas havia de sobra para os gastos do enterro e para saldar outros compromissos menores (Márquez, 2009, p.7-8).

Debaixo dessa mesma copa, mas na parcela externa destinada aos suicidas, os refugiados do Caribe tinham sepultado à tarde anterior Jeremiah de Saint-Amour, e seu cão junto a ele, de acordo com sua vontade (Márquez, 2009, p. 39).

Portanto, vemos que as pessoas idosas tem sido colocadas em um posição que os tencionam frente a necessidade de lutar pelos seus direitos até mesmo em seus últimos dias e quando não conseguem, acabam adoecendo e por vezes morrendo.

As mulheres retratadas no livro *O amor nos tempos do cólera*

Se a linguagem, as obras de arte, e a escrita são instrumentos psicológicos, recorreremos à literatura para pensarmos sobre as mudanças que a linguagem pode operar no psiquismo das mulheres idosas que leem esta obra e que possam ser inseridas em espaços de debates. Na obra, é apresentada a personagem Fermina Daza, uma menina órfã de mãe, criada pelo pai e pela tia, instruída para ser boa esposa e religiosa.

Quando jovem Fermina se apaixona por Florentino Ariza, mas seu pai não concorda com o relacionamento, pois o rapaz era pobre e sem renome. Fermina foi enviada para outra cidade para se afastar desse pretendente. Ao retornar anos depois, reencontra Florentino e o rechaça, posteriormente conhece o médico da cidade, Juvenal Urbino, de família rica e tradicional, descrito como “um médico caro e excludente”. Ele se interessa por ela e a pede em casamento.

Eles vivem juntos, têm filhos e envelheceram. Quando Juvenal morre, já idoso, aos oitenta e um anos. Mesmo tratando-se de um belo romance, no qual a temática do amor tem destaque, a obra não se limita a isso, mas narra a guerra, o horror do cólera e a tragédia humana.

Na viuvez, Fermina, aos setenta e dois anos foi abordada por Florentino, que nesta ocasião estava com setenta e seis anos. Florentino escolheu o momento do velório de Juvenal Urbino para procurar Fermina.

Este momento foi embaraçoso para Fermina, um desrespeito com sua dor pela perda do esposo e na sua condição de mulher. Florentino ignorando o fato de que Fermina o rechaçou na juventude, em uma atitude machista a procura. Ainda cabe ressaltar, que no velório de Juvenal se faz presente de forma ativa, adiantando o velório, resolvendo tudo o necessário para em seguida ficar a sós com Fermina, como vemos no trecho abaixo:

Fermina Daza se despediu da maioria junto ao altar, mas acompanhou o último grupo de amigos íntimos até a porta da rua, para fechá-la ela própria, como era seu costume. Dispunha-se a fazê-lo com o último alento, quando viu Florentino Ariza vestido de luto no centro da sala deserta. Ficou satisfeita, porque há muitos anos o havia apagado de sua vida, e pela primeira vez tinha consciência de vê-lo depurado pelo esquecimento. Mas antes que pudesse lhe agradecer a visita, ele pôs o chapéu em cima do coração, trêmulo e digno, e arrebentou o abscesso que tinha sido o sustento de sua vida: — Fermina — disse — esperei esta ocasião durante mais de meio século, para lhe repetir uma vez mais o juramento de minha fidelidade eterna e meu amor para sempre (Márquez, 2009, p. 51).

Florentino apresentou atitudes machistas, mas que prevalecem no social, como ignorar o fato de que Fermina tinha ficado viúva a pouco, que precisava viver seu luto. Neste trabalho, nos capítulos anteriores, quando apresentamos a invisibilização da mulher idosa, falamos também sobre o quanto seus sentimentos são ignorados por todos, o desrespeito que Fermina enfrentou no momento em que foi abordada por Florentino apresenta o machismo.

Após todo esse fato, Florentino apresentou uma nova abordagem e conseguiu retomar seu relacionamento com Fermina e eles enfrentaram preconceitos por serem pessoas idosas que desejam se relacionar. A ideia que ainda prevalece de que as pessoas idosas são assexuadas ou que não desejam mais ter relacionamentos amorosos é questionada: “[...] faz um século me

cagaram a vida com esse pobre homem porque éramos demasiado jovens, e agora querem repetir a dose porque somos demasiado velhos” (Márquez, 2009, p. 325).

O livro começa com o suicídio de um homem que não desejava envelhecer e termina com duas pessoas idosas vivendo um relacionamento depois de mais de meio século. Nas palavras de Romero (2009), Juvenal Urbino é a personagem que carrega o peso do interdito e também aquele que se depara com o suicídio de uma pessoa que não queria ser idoso. Seu espanto é tamanho que faz contraponto a mensagem principal do livro, que mostra que a vida tem valor em qualquer idade, afinal, Florentino e Fermina só ficam juntos na velhice.

Esta história é uma obra escrita por um homem, narrador masculino, ainda que isso não esteja explicitamente indicado no texto. A questão é que o elemento masculino se desvela por inteiro no texto, enquanto o feminino é frequentemente apenas idealizado ou inferido. Fermina, personagem central do núcleo feminino, rompe convenções ao envelhecer. Na viuvez, ela se apresenta sem grandes sofrimentos, decide prosseguir com a vida da melhor forma possível, impõe limites à sua filha que era contra seus encontros com Florentino Ariza e, por fim, embarca em uma viagem romântica de navio, conforme revela Romero (2009).

O livro também destaca outras mulheres em papéis de protagonismo. Segundo Romero (2009), Trânsito Ariza é proprietária de seu negócio, um armarinho, e também atua como uma espécie de penhorista, obtendo seu sustento e de seu filho Florentino. Leona Cassiani, uma mulher negra, é chefe da companhia fluvial.

A narrativa ainda inova ao retratar a relação sexual entre Fermina e Florentino na velhice, situação incomum de ser narrada. Frequentemente há menção da sexualidade na velhice, mas em um contexto no qual um dos personagens é idoso e o outro é jovem. Ao descrever a cena, o escritor aponta uma nova concepção da sexualidade no terreno ficcional, não mais inserindo a presença de uma personagem jovem para que ocorra o desejo e o prazer, de acordo com Romero (2009).

A obra desafia tabus ainda presentes atualmente, ao mostrar uma mulher idosa sendo desejada. Fermina está velha e mesmo assim Florentino a procura, e em outro momento ela toma a iniciativa de buscá-lo.

Outro aspecto abordado é a traição de Juvenal quando Fermina está quase idosa. Como descreve Romero (2009), aos cinquenta e oito anos, Juvenal trai sua esposa, marcando para Fermina o início da velhice.

Na velhice, Fermina repensa sua existência e o que passou:

Mal dobrara o cabo da maturidade, desprovida por fim de qualquer ilusão, começou a vislumbrar a decepção de não ter sido nunca o que sonhava ser quando jovem, na praça dos Evangelhos, e sim algo que nunca ousara dizer sequer a si mesma: uma criada de luxo [...] Sempre se sentiu vivendo uma vida emprestada pelo marido: soberana absoluta de um vasto império de felicidade edificado por ele e só para ele. Sabia que ele a amava pra lá de tudo, mais do que ninguém no mundo, mas só para ele: a seu santo serviço (Márquez, 2009, p. 273).

Um dia, no cúmulo da exasperação, ela havia gritado: “Você nem repara como sou infeliz.” Ele tirou os óculos com um gesto muito seu, sem se alterar, inundou-a com as águas diáfanas de seus olhos pueris, e numa só frase atirou-lhe em cima o peso de sua sapiência insuportável: “Lembre sempre que o mais importante num bom casamento não é a felicidade e sim a estabilidade.” (Márquez, 2009, p. 301).

Utilizamos a explicação de Engels (2012) para compreender o peso do patriarcado sobre as mulheres. Segundo o autor, a patriarcado é uma herança histórica, não sendo uma opção individual. É mais antigo que o capitalismo, tendo início na Antiguidade, que elegeu o homem como ponto central da organização social e possuidor da propriedade privada, inclusive da mulher e dos filhos.

Notamos que o trabalho feminino invisibilizado e não remunerado de cuidadora do lar, dos filhos e do esposo foi refletido por Fermina, mas somente no período da velhice, afinal, é um trabalho constante, diário, repetitivo que toma a maior parte do dia das mulheres.

O capitalismo, por sua parte, enquanto explorador do trabalho, apreende o patriarcado para, apoiado nele, explorar o trabalho da mulher e tornar mais barato o valor da mercadoria. Basicamente, essa é a atribuição do patriarcado no capitalismo: explorar a mulher como uma

mercadoria, tornando-a um instrumento para a produção barata de outras mercadorias e, conseqüentemente, aumentar o capital. Acrescido a isso, no patriarcado nos moldes do capitalismo, observamos a naturalização do trabalho gratuito feminino, segundo Engels (2012).

Fermina expressa o quanto o patriarcado influencia na vida das mulheres. Além disso, ela expressa suas emoções, o que nos remete a Vigotski, quando este elabora que a manifestação fisiológica das emoções é determinada socialmente. Segundo Machado, Facci e Barroco (2011) mesmo o aspecto biológico das emoções não é perdurável, pois se compreende o sistema nervoso como em constante formação e modificação.

Vigotski (2004) acredita que existem relações complexas entre o cognitivo e o emocional, atadas à aprendizagem, que se encontra conectada com as regras e os valores culturais. Ou seja, a apresentação fisiológica das emoções é também determinada socialmente. Para demonstrar isso, Vigotski (2004) exemplifica com a visão de uma cobra, que tem potencial para causar comportamento de fuga, caso a cobra seja correlacionada culturalmente com o risco, como ocorre na maioria das regiões ocidentais, ou o contrário, caso em outra cultura ela não tenha essa representação, como nas culturas orientais. O aspecto social do sentimento, por sua vez, está relacionado à sua qualidade de signo intersubjetivo, interiorizado e convertido em signo intrassubjetivo (Zavialoff, 1998; Vigotski, 2004).

Acreditamos que, assim como exemplificado por Vigotski, acima, podemos pensar que se as mulheres idosas assimilaram intrassubjetivamente como a velhice é concebida culturalmente no Brasil encontraremos signos como assexualidade, “problema” das políticas públicas, depressão, viuvez, solidão, por exemplo, ou seja, mais aspectos negativos.

Ancoramo-nos nessa idéia da psicologia histórico-cultural de que existe uma criação social da velhice e da mulher idosa e dessa identidade. Vigotski (1929/2000) estudou que a conformação da subjetividade é influenciada pelas determinações materiais. Sawaia (2001), a partir disso, expõe que o sofrimento das pessoas que defrontam com o processo de exclusão

forja-se como um sistema afetivo que se constitui na especificidade histórica de nosso tempo, no entrecho das relações sociais e intersubjetivas, sendo conhecido aqui enquanto “sofrimento ético-político”. Portanto, a ética, a política e a afetividade são propostas para se debater sobre a constituição de uma pessoa concreta que sente, pensa e age na experiência rotineira da desigualdade social.

O sofrimento ético-político não deve ser desassociado da dialética exclusão/inclusão. Ele é decorrente da inclusão perversa pela exclusão social, desigualdade e injustiça social, juntamente com o modo de socialização no capitalismo, mediado pela mercadoria. O sofrimento ético-político não se trata de qualquer classe de sofrimento; contudo, é aquele que tem origem nas afetações germinadas pela vivência da questão social dominante de cada período histórico. Em outras palavras, esse sofrimento tem origem nas relações sociais causadas pelo modo de produção capitalista e somente será extinto com o fim deste sistema. Com isso, estar exposto à vulnerabilidade e riscos sociais, desigualdade, causam sofrimento, medo e humilhação, segundo Sawaia (2001).

Esse sofrimento ético-político institui-se pela maneira como as pessoas diariamente experienciam ao serem submetidas a situações indignas de existência, como a opressão, a fome, a exploração e a deslegitimação social, principalmente por serem tratadas como inferiores, subalternas, sem valor, anexo inúteis da sociedade. Ele expõe a parte ética da vivência diária da desigualdade social, da recusa colocada socialmente às perspectivas da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de seu ciclo histórico e que é por eles mesmos produzido, de se deslocar pelo espaço público e de demonstrar desejo e afeto, expõe Sawaia (2001).

É um sofrimento que amputa a vida, atravancando a capacidade humana de ampliá-la, pois, as pessoas ficam circunscritas a ter contato com muitas injustiças, aborda Sawaia (2001). Alude ao sofrimento/paixão, fabricado nos maus encontros designados pela servidão, heteronomia e

injustiça. Além da desigualdade social, o lugar social das pessoas é permeado por relações de poder desumanizadoras, conforme Sawaia (2009). O sofrimento ético-político, graças as afetações que produzem memórias, é passado por meio das gerações, delongando o ciclo da desigualdade e da inclusão perversa, versa Sawaia (2001).

Utilizamos a discussão do sofrimento ético-político para pensar as políticas públicas, pois estas têm sua centralidade na mulher, e muitas vezes são locais onde as idosas da classe baixa buscam acessar seus direitos. No entanto, mesmo nesses espaços, observamos muito preconceito e discriminação. A velhice pobre fica muitas vezes à margem de qualquer política pública.

Conforme Vigotski (1977/2004) e Sawaia (2010), ponderar sobre as políticas públicas e os direitos humanos é considerar também a pessoa e sua subjetividade, analisando sua construção no mundo. Da mesma maneira que as células mantêm as propriedades fundamentais do organismo vivo, a pessoa e sua subjetividade conservam os elementos básicos dos problemas sociais.

Nessa dialética objetividade/subjetividade, ressaltamos que Vigotski (1929/2000) apostou em perceber o psiquismo como “drama”, disposto nas tensões entre a potência de obstinar-se na própria existência e as forças que a negam. Afinal, “cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais” (Vigotski, 1927/1996, p. 368).

Na obra aqui analisada, apesar de Fermina não ser uma idosa proletária, ela nos auxilia a pensar, pois entra para uma família burguesa, tomada como modelo ideal pelo capitalismo. Federici (2017) e Santos (1996) apontam que a família burguesa, como um paradigma dominante, se transfigura em um núcleo. O homem passa a simbolizar o Estado, e sua tarefa primordial é fiscalizar as “classes subalternas”, a mulher e a prole. A família burguesa, por volta

dos séculos XVII e XVIII, apresentou-se como quase um “microEstado” ou “microIgreja”, fechada em si mesma.

Fermina sofre certa discriminação por não ter vindo de uma família burguesa tradicional; suas cunhadas e sogra não a deixam esquecer-se disso: “(...) tarde demais, desconfiava de que, por trás da sua autoridade profissional e seu fascínio mundano, o homem com quem se casara era um fraco sem redenção: um pobre-diabo avalentado pelo peso social de um sobrenome” (Márquez, 2009, p.206).

Ainda, a personagem não era aceita nesse lugar social que a sogra fazia questão de mostrar que não era dela:

Sentia-se enlouquecer nas noites dilatadas pelos gritos das loucas no manicômio vizinho. Tinha vergonha do costume de pôr a mesa de banquetes todos os dias, com toalhas bordadas, serviços de prata e candelabros de funeral, para que cinco fantasmas jantassem uma xícara de café com leite e bolinhos de queijo. Detestava o terço ao entardecer, as posturas afetadas à mesa, as críticas constantes à sua maneira de pegar o talher, de andar com essas passadas misteriosas de mulher da rua, de se vestir como no circo, e até seu jeito matuto de tratar o marido e de dar de mamar ao filho sem tapar o seio com a mantilha. Quando fez os primeiros convites para o chá das cinco da tarde, com biscoitinhos imperiais e geléias de flores, de acordo com uma moda recente na Inglaterra, dona Blanca se opôs a que em sua casa fossem bebidos remédios para suar a febre em lugar do chocolate com queijo frito e roscas de pão de iúca. Não lhe escaparam nem os sonhos. Certa manhã em que Fermina Daza contou que sonhara com um desconhecido que passeava nu semeando punhados de cinza pelos salões do palácio, dona Blanca a interrompeu com segura:—Uma mulher direita não pode ter essa classe de sonhos (Márquez, 2009, p. 207).

Sabemos que o autor observou a realidade da época para escrever sobre seus personagens; nas entrelinhas, apresenta a ordem social e as relações sociais da época, inclusive como os gestos femininos eram “domesticados” para servir a um ideal. Vemos semelhanças com a modernidade, a saber, a mulher sendo colocada na função de mãe, esposa exemplar, cuidadora do lar e da família, responsável pelo bem-estar físico e psicológico dos filhos, marido e de outros familiares. No entanto, Fermina, mesmo sendo criada e educada para a submissão, não o é em alguns momentos. Porém, em certas situações, o peso da ordem social recai sobre ela e ela não consegue expressar suas emoções.

Até mesmo as mulheres já em situação de escravidão eram lidas como “domesticadas”:

Tinha obsessões de escrava. Logo que encontrava um tempo livre ia para o quarto de serviço para passar a roupa branca, que deixava perfeita, que guardava nos armários com flores de alfazema, e não só passava e dobrava a que acabava de lavar como também a que tivesse perdido seu esplendor pela falta de uso (Márquez, 2009, p. 129).

Na obra de Márquez, encontramos partes que já denunciavam a precarização e violências a que estavam submetidas as pessoas negras e pobres na América Latina e também as mulheres: “(...) O cólera se encarniçou muito mais contra a população negra, por ser a mais numerosa e pobre (...)” (Márquez, 2009, p.110);

Em outro trecho:

“(...) Foi na mesma tarde, alarmado pela possibilidade de que a peste tivesse entrado no santuário da cidade velha, já que todos os casos até então tinham ocorrido nos bairros marginais, e quase todos entre a população negra” (Márquez, 2009, p.113).

Em um exercício imaginativo, poderíamos reescrever o trecho acima dessa forma: “ a Covid-19 se encarniçou muito mais contra a população negra, idosa e pobre na América Latina”, justamente devido às condições desfavoráveis de existência a que essas pessoas estão submetidas.

Vemos nestes fragmentos que a população negra e de baixa renda, vivia (e ainda vive) em contextos de empobrecimento, miserabilidade, marginalizados, conforme a obra mesmo apresenta. Essa falta de condições materiais afetou a todos e ainda é um cenário que persiste.

Viviam com o mínimo possível e não conseguiam ter acesso a lazer, cultura, escolarização, o que perdura até nos dias de hoje. São as grandes mazelas e feridas sociais expostas, como pondera Vigotski, que só seriam superadas por meio da superação desse sistema social explorador.

Passaram primeiro os corpos de dois homens, um deles sem cabeça, em seguida o de uma menina de poucos anos cujos cabelos de medusa ficaram ondulando na esteira do navio. Nunca soube, porque nunca se sabia, se eram vítimas do cólera ou da guerra (Márquez, 2009, p.141).

A violência contra a mulher:

Não só as duas mulheres que se ocupavam dele, como o próprio Florentino Ariza, se espantavam de ver como estava mudado. Apenas dez anos atrás tinha atacado uma de suas criadas atrás da escada principal da casa, vestida e em pé, e em menos tempo que um galo filipino a deixou em estado de graça. Teve que presenteá-la com uma casa mobiliada para que ela jurasse que o autor de sua desonra era um vago noivo dominical que sequer a havia beijado, e os pais e tios dela, bons macheteiros de safra, obrigaram os dois a casar (Márquez, 2009, p. 318).

(...) Se você souber alguma vez de um tipo grande e forte que violou uma pobre negra da rua no Cais dos afogados [...] (Márquez, 2009, p. 110).

Ele a entregava às empregadas para que a levassem à sessão de cinema da tarde, aos coretos do parque infantil, às tómbolas de beneficência, ou inventava para ela programas dominicais com outras companheiras do colégio para não ter que levá-la ao paraíso escondido atrás de seus escritórios, onde ela queria voltar sempre desde que a levou pela primeira vez. Não percebia, nas nebulosas de sua nova ilusão, que as mulheres podem se tornar adultas em três dias (Márquez, 2009, p. 295-296).

Vemos também a violência sexual de Florentino para com as mulheres, inclusive as idosas.

A mulher é colocada como objeto, usadas pelos homens da narrativa. Além do machismo apresentado no livro, nota-se que as mulheres são exploradas durante sua existência, sendo expostas as mais diversas violências, correndo mais perigo no espaço público, sendo enganadas e traídas pelos companheiros, e sofrendo ataques misóginos.

Era ainda uma menina em todos os sentidos, com aparelho nos dentes e raladuras de escola primária nos joelhos, mas ele vislumbrou de pronto a classe de mulher que ia ser em breve, e a cultivou para si num lento ano de sábados de circo, de domingos de parques com sorvetes, de tardes infantis com que ganhou sua confiança, ganhou seu carinho, levando-a pela mão com uma suave astúcia de avô bondoso até seu matadouro clandestino (Márquez, 2009, p.272).

Ela não desviou o olhar. Pelo contrário: manteve-o com tamanho descaramento que ele não podia pensar senão o que pensou: negra, jovem e bonita, mas puta sem sombra de dúvida. Descartou-a da sua vida, porque não podia conceber nada mais indigno do que pagar pelo amor: não o fez nunca (Márquez, 2009, p.180).

Ainda vemos como eram as relações matrimoniais, a divisão das tarefas domésticas:

Era um marido perfeito: nunca apanhava nada no chão, nem apagava a luz, nem fechava a porta. Na escuridão da manhã, quando faltava um botão na roupa, ela o ouvia dizer: “A gente devia ter duas mulheres, uma para querer bem, outra para pregar botão.” (Márquez, 2009, p.222).

Desde o primeiro momento percebeu que não tinha a menor idéia de onde estava nada, sobretudo na cozinha, e as criadas deixaram que revirasse tudo para encontrar cada coisa, pois também jogaram o jogo (Márquez, 2009, p.222).

O cotidiano narrado em minúcias nos trouxe uma visão geral das relações sociais dentro de uma sociedade capitalista, baseada na exploração das pessoas, sobretudo das mulheres. Atualmente, apesar da mulher ter se inserido no mercado de trabalho, vemos que quando idosa, ainda continua exercendo papéis de cuidado e convivendo, quando idosas empobrecidas, com as mais diversas adversidades.

Um mergulho em detalhes da narrativa

Como exemplo, temos estes trechos que através de diálogos, personagens e situações, revelam como é habitar, se desenvolver e como é a velhice neste tempo histórico e nesta localidade, o que nos faz refletir sobre nossa história e nossa velhice.

O livro todo é permeado pelo envelhecimento e por pessoas em processo de envelhecimento e mudanças, refletindo sobre suas existências e buscando alterar algumas condições a que estavam submetidas.

Temos o fenômeno da feminização da velhice quando é retratado que os homens das narrativas falecem, mas as mulheres sobrevivem e até se tornam longevas: “Quando Hildebranda morreu, quase centenária em sua fazenda de Flores de Maria [...]” (Márquez, 2009, p.132).

Temos na narrativa a demonstração de certa desvalorização do próprio território latino-americano e da cultura produzida neste local:

Era também um leitor atento das novidades literárias que lhe mandava pelo correio seu livreiro de Paris, ou das que lhe despachava de Barcelona seu livreiro local, embora não acompanhasse a literatura da língua castelhana com tanta atenção quanto a francesa. (Márquez, 2009, p. 9).

A solidão na velhice e a segregação social ou descartabilidade:

Previa um futuro mais humanitário, e por isso mesmo mais civilizado, de seres humanos isolados em cidades marginais a partir do momento em que não pudessem mais cuidar de si mesmos, para lhes poupar a vergonha, os sofrimentos, a solidão espantosa da velhice. Do ponto de vista médico, segundo ele, o limite podia ser o dos sessenta anos. Mas enquanto se chegava a esse grau de caridade, a única solução eram os asilos, onde os anciãos se consolavam uns aos outros, se identificavam em seus gostos e suas aversões, em suas mágoas e tristezas, a salvo das discórdias naturais com as gerações seguintes. Disse: "Os velhos, entre velhos, são menos velhos" (Márquez, 2009, p. 180).

Reis (2011), apoiado na teoria de Vigotski, propõe que no período de desenvolvimento da velhice existe uma nova crise que se caracteriza no idoso por este não ser mais um trabalhador. Em meio a essas mudanças, mesmo que cansada dos anos de trabalho, a pessoa pode sentir-se anulada por não se reconhecer mais como produtiva. Ocorre uma incompatibilidade entre deixar o trabalho e, ao mesmo tempo, a necessidade de produzir, de precisar do dinheiro para as necessidades e para poder ainda ser consumidor. Importante ressaltar, como mostra Santos (2019), que a infância nas sociedades capitalistas se apresenta como sendo um treinamento para o mundo adulto do trabalho.

Por mais que as crianças têm sido educadas para o mundo adulto do trabalho e as idosas para a inatividade, aposentadoria, cuidado doméstico, algo nos escapa e observamos pessoas buscando modificar esses paradigmas. Ainda temos as mulheres que trabalham em casa, não recebem salário e não param de trabalhar, como fica a situação das mesmas?

Assim pensamos:

Para Vigotski, a criança se constitui em sujeito da linguagem, em sujeito na construção do primeiro comportamento simbólico. Agamben (2005) concretiza essa perspectiva: a infância é tanto ausência, quanto busca a linguagem; só um infante se constitui em sujeito da linguagem e é na infância que se dá essa descontinuidade especificamente humana entre natureza e cultura. Na perspectiva de Vigotski cada criança resolve o problema dessa descontinuidade na forma de um "drama". Quer dizer na sua própria atividade cada criança resolve o problema de relacionar e unir numa forma autêntica e irrepetível três processos na sua vida: o processo da evolução dos seres humanos, o processo histórico da sua sociedade e o processo da sua biografia (Fichtner, 2010, p.28).

Assim também ocorre com os adultos e idosos, não apenas no campo do mundo do trabalho, mas em diversas áreas, incluindo os relacionamentos.

O texto ainda mostra o preconceito associado aos relacionamentos das pessoas idosas, o preconceito etário quanto aos relacionamentos amorosos: “— O amor é ridículo na nossa idade — gritou — mas na idade deles é uma porcaria” (Márquez, 2009, p.324).

Interessante notar que Fermina não manteve o namoro com Florentino quando jovem, mas, idosa quis retomar tal relação. Vigotski (1935/2010) revela que um mesmo aspecto da realidade é significado de formas distintas em diferentes épocas da vida, apresentando papéis diversos para as diferentes pessoas de diversas idades. Tal situação ocorre porque a personalidade e o grau de consciência da pessoa sobre a realidade se alteram.

Temos ainda a mulher idosa desempenhando o papel de cuidadora do companheiro: “E justo na época em que ele mais precisava dela, porque ia adiante dela com dez anos de desvantagem tateando só entre as névoas da velhice, e com as desvantagens piores de ser homem e mais fraco” (Márquez, 2009, p. 224).

A obra também aponta questionamentos sobre a maternidade, papel que a mulher ocupa toda a vida e que continua a impactar mesmo na velhice:

Refugiou-se no filho recém-nascido. Ela o sentira sair do seu corpo com o alívio de se livrar de algo que não era seu, e tinha sofrido com o próprio espanto ao comprovar que não sentia o menor afeto por aquele bezerro nonato que a parteira lhe mostrou em carne viva, sujo de sebo e de sangue, e com a tripa umbilical enrolada no pescoço (Márquez, 2009, p. 206).

E a resignificação da maternidade: “[...] aprendeu a conhecê-lo, se conheceram, e descobriu com uma grande emoção que os filhos não são queridos por serem filhos e sim pela amizade que surge quando os criamos.” (Márquez, 2009, p. 207).

As descrições destacam a velhice como pesada e com aspectos negativos, principalmente para as mulheres. Entretanto, para os homens não era visto como tão negativo, sendo por vezes até desejável que um jovem parecesse ter mais idade do que tinha: “Depois de muitos exames, o médico tinha dito: ‘São coisas da idade’.” (Márquez, 2009, p. 219).

Mas nenhum homem da época teria afrontado o ridículo de parecer jovem na sua idade, ainda que fosse ou acreditasse ser, nem todos teriam tido o atrevimento de

confessar sem pejo que ainda choravam às escondidas devido a uma desfeita do século anterior. Era uma época ruim para ser jovem: havia um modo de se vestir para cada idade, mas o modo da velhice começava pouco depois da adolescência, e durava até a tumba. Era, mais que uma idade, uma dignidade social. Os jovens se vestiam como seus avós, se faziam mais respeitáveis com óculos prematuros, e a bengala era muito bem vista a partir dos trinta anos. Para as mulheres só havia duas idades: a idade de casar, que não ia além dos vinte e dois anos, e a idade de ser solteiras eternas: as esquecidas (Márquez, 2009, p. 260).

Por outro lado, ele próprio não conseguia escapar à noção de velhice do seu tempo, o que tornava apenas natural que ao ver Fermina Daza tropeçar à saída do cinema fosse abalado pelo raio pânico de que a puta da morte ia acabar ganhando sem remédio sua encarniçada guerra de amor (Márquez, 2009, p.261).

O cabelo curto lhe assentava bem, com uma curva de asa nas faces, mas não era mais cor de mel e sim de alumínio, e os formosos olhos lanceolados tinham perdido meia vida de luz por trás de suas lunetas de avó (Márquez, 2009, p.256).

A partir desse momento, Florentino Ariza a viu com outros olhos. Também para ela passavam os anos. Sua natureza feraz murchava sem glória, seu amor perdurava em soluços, e suas pálpebras começavam a mostrar a sombra das velhas tristezas. Era uma flor de ontem (Márquez, 2009, p. 200).

Além dos elementos negativos e descritos com palavras fortes e impactantes, trazemos a reflexão acerca das palavras usadas por Márquez, trazidas para descrever como a pessoa idosa nesse mundo tomado pelo cólera era afastada, isolada, assim como a pessoa que estava com essa doença.

O livro apresenta também o estigma sobre a figura da mulher viúva, seja ela idosa ou não:

Era certo: aquela mulher formosa, inteligente, de uma sensibilidade humana nada comum em seu meio, tinha sido durante quase quarenta anos a alma e o corpo do seu paraíso social. A viuvez a perturbara a ponto de não se acreditar que fosse a mesma, e a tornara balofa e ácida, e inimiga do mundo (Márquez, 2009, p.206).

Era proposto que a mulher se anulasse em “respeito” a seu companheiro falecido:

Num de seus arrancos de simplificação, ela mandara para as cavalariças a radiola com que o marido a presenteara num de seus aniversários, e que ambos tinham pensado em dar ao museu por ter sido a primeira que chegou à cidade. Nas sombras do seu luto tinha resolvido não tornar a usá-la, pois uma viúva da sua linhagem não podia escutar música de espécie nenhuma sem ofender a memória do morto, mesmo que apenas na intimidade (Márquez, 2009, p.319).

Mesmo com as convenções sociais Fermina busca dar vazão a seus sentimentos após ficar viúva e refletir sobre sua vida:

Uma vez que queimou a roupa do marido, Fermina Daza percebeu que o pulso não lhe havia tremido, e com o mesmo impulso continuou armando a fogueira de tempos em tempos, atirando tudo às chamas, o velho e o novo (Márquez, 2009, p. 302).

E mais, sobre ela pesava os preconceitos de uma classe, foi o que sabia Florentino quando tentava conquistar o amor de Fermina na velhice. Também ela foi considerada uma mulher que obteve a plenitude completa na existência, marido, casal de filhos, riqueza, renome, isso fez com que Florentino buscasse formas de a conquistar:

[...] tudo tinha que ser diferente para suscitar novas curiosidades, novas intrigas, novas esperanças, numa mulher que vivera em sua plenitude uma vida completa. Tinha que ser uma ilusão desatinada, capaz de lhe dar a coragem de jogar no lixo os preconceitos de uma classe que não tinha sido a sua original, mas acabara por ser mais que de outra qualquer (Márquez, 2009, p. 294).

O luto vivido na viuvez por Fermina também foi retratado:

Tudo que era do esposo lhe atiçava o pranto: os chinelos de borlas, o pijama debaixo do travesseiro, o espaço sem ele no espelho da penteadeira, o cheiro pessoal dele em sua própria pele. Abalou-a um pensamento vago: “As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas.” (Márquez, 2009, p.51-52).

A velhice associada com aspectos negativos:

A velhice é frequentemente percebida como um período do desenvolvimento no qual ocorre uma suposta queda de todas as funções, uma concepção amplamente difundida pelo senso comum, sendo a pessoa considerada mesmo “derrubada”: “(...) no entanto, nenhum outro lugar revelava a solenidade meticulosa da biblioteca, que foi o santuário do doutor Urbino antes que a velhice o derrubasse” (Márquez, 2009, p. 29-30).

A crítica social de que o poder continua concentrado nas mãos dos mesmos dominantes do passado fica implícita nesta citação, sugerindo a luta de classes:

— Vou fazer cem anos, e já vi mudar tudo, até a posição dos astros no universo, mas ainda não vi mudar nada neste país—dizia.—Aqui se fazem novas constituições, novas leis, novas guerras a cada três meses, mas continuamos na Colônia (Márquez, 2009, p.267).

O sistema patriarcal que é imposto na vida das mulheres desde a infância até a velhice, sendo “transferida” a responsabilidade do pai para o marido:

Ela própria não estava consciente do quanto amadurecera na viagem, até que entrou na casa fechada e empreendeu de pronto a tarefa heróica de torná-la de novo habitável, com a ajuda de Gala Placídia, a criada preta, que voltou à sua antiga senzala logo que lhe avisaram do regresso. Fermina Daza não era mais a filha única, ao mesmo tempo mimada e tiranizada pelo pai, e sim a dona e senhora de um império de poeira e teias de aranha que só podia ser recuperado graças à força de um amor invencível (Márquez, 2009, p.97).

Existem trechos nos quais o racismo é explicitado, e a mulher negra é apresentada como a criada e inferiorizada: “e o pior de tudo, porra: com uma preta. Ele corrigiu: —“Mulata”, mas a essa altura toda precisão era de sobra: ela havia acabado. —É a mesma praga — disse — e só agora eu entendo: era cheiro de preta” (Márquez, 2009, p. 251).

A mulher idosa é retratada como cuidadora de outra mulher idosa; no entanto, os homens não são colocados nesse papel de cuidador: “Por sugestão do tio Leão XII empregara uma mulher mais velha para se ocupar dela, mas a coitada andava sempre mais para dormindo que para acordada, e às vezes dava a impressão de que também ela esquecia quem era” (Márquez, 2009, p.214).

No trecho acima, temos o trabalho de cuidado sendo desempenhado por uma mulher idosa, não foi mencionada na obra a sua idade, apenas tratada como “mais velha”, o que nos mostra uma invisibilização destas mulheres pobres que desempenhavam essas atividades domésticas de cuidado. Nos questionamos se essa perspectiva atual de ser “*ageless*”, sem idade, não seria fator de mais exploração das mulheres, afinal, essa noção vai ao contrário das políticas públicas que ainda se pautam na idade e podem mascarar dados acerca das idosas trabalhadoras as sugando até a morte.

A ciência antienvelhecimento, bem alinhadas com o capitalismo, busca transformar não apenas os *ageless* em pessoas cada vez mais jovens, como parece que procuram propiciar alterações econômicas, viabilizando até mesmo que as pessoas com mais de cem anos recuperem as condições físicas para permanecerem trabalhando e, com isso, poderão

exterminar os onerosos sistemas de aposentadorias. Essa proposta parece estar cada vez mais próxima, destaca Zhavoronkov (2013).

Na obra, doutor Juvenal Urbino encara as mudanças sociais com receio, desconfiava dos medicamentos comerciais, do aumento das cirurgias e das mudanças na alimentação: Era capaz de saber o que tinha um doente só pelo seu aspecto, e cada vez desconfiava mais dos medicamentos comerciais e via com alarme a vulgarização da cirurgia. Dizia: “O bisturi é a prova maior do fracasso da medicina.” Achava que dentro de um critério estrito todo remédio era veneno, e que setenta por cento dos alimentos correntes apressavam a morte. (Márquez, 2009, p.10).

A negação da aposentadoria em: “(...) embora se negasse a aposentadoria, estava consciente de que só o chamavam para atender a casos perdidos, mas considerava que isso também era uma forma de especialização” (Márquez, 2009, p.214).

O fragmento destacado acima aborda o médico Juvenal, que rejeitava a ideia da aposentadoria, talvez porque, conforme dissertamos até aqui, na época em que o livro foi escrito e ainda atualmente, a velhice e a aposentadoria eram vistas de maneira negativa. A transição do papel social de trabalhador para o de aposentado não era amplamente discutida; era uma mudança brusca, saindo de uma rotina estruturada no “mundo do trabalho” para a ociosidade.

No contexto do capitalismo, essa transição tem sido cada vez mais vista como um pecado, especialmente em uma sociedade hiperestimulada que exige performances de “vencedor” o tempo todo, quase exigindo dos seres humanos que sejam “máquinas” de trabalhar e produzir.

A psicologia histórico-cultural e a produção vigotskiana são permeadas pela consciência de classe. Dessa forma, não é possível utilizar essa teoria sem entender os efeitos da luta de classes ao psiquismo, que já estão em questão na tese central da formação social da consciência. São direcionadas ações para a suplantação da sociedade capitalista e das deformações humanas que promove, aponta Superti (2023).

Com a convergência de forças desempenhada pela burguesia, ocorreu a Revolução Industrial e o estabelecimento do capitalismo como o sistema econômico mais explorador da força de trabalho das pessoas que já ocorreu ao longo da história. É por meio da exploração regulada no trabalho assalariado que se encontra a raiz que coloca o lucro acima da vida, promovendo para a maioria das pessoas a pobreza material e subjetiva, a desigualdade social e o sofrimento psíquico, de acordo com Superti (2023).

Em outras palavras, como evidenciado acima, não suplantamos as forças de produção capitalista; pelo contrário, ela se apropria cada vez mais da velhice, buscando negar a mesma. No entanto, seguimos neste embate, trazendo arte e literatura para as discussões da psicologia. Em nosso recorte de pesquisa, refletimos sobre a mulher idosa e também a mulher idosa trabalhadora, suas vivências e suas emoções, seja na obra de arte, seja na realidade objetiva, abordando os processos de inclusão e exclusão aos quais estamos inseridas.

Superti (2023) destaca que, na obra vigotskiana, a importância de superar o capitalismo, mesmo estando no interior das contradições desse sistema. Ele ressalta que tais mudanças não seriam possíveis sem o incentivo da consciência da classe trabalhadora e sua efetivação na luta política e na assunção do poder. Entre nossos desafios, observamos que, conforme relata De Souza (2022), na América Latina as políticas neoliberais ganharam mais relevância, resultando na redução da participação do Estado na efetivação de políticas públicas, na abertura de fundos públicos para a iniciativa privada, em modificações na previdência, no aumento do empobrecimento de diversas camadas sociais, com maior ênfase nos grupos mais discriminados.

Acreditamos na potência de pensar a vida da mulher idosa com esse aporte teórico, tendo em vista que, apesar do movimento do capitalismo para inserir as pessoas idosas no mercado de trabalho, nas políticas públicas ou no grupo de consumidores, na maior parte das vezes, elas são excluídas da sociedade.

Além disso, não podemos desconsiderar que existe uma grande parcela da população na informalidade, perdendo direitos, desempregada, em um contexto de extrema precarização do trabalho e convivendo com o fenômeno da uberização. Esse sistema, juntamente com o racismo estrutural e patriarcado, a depender da classe social, gênero, raça, etnia, geração, descarta as pessoas e as exclui das cidades, dos espaços sociais, espaços digitais/tecnológicos, sendo um importante elemento de adoecimento e morte.

Para Cedro et al. (2022) torna-se necessário criar condições materiais para que a pessoa idosa se sinta produtiva. No entanto, as pesquisas acerca do desenvolvimento na velhice são pouco expressivas, e o foco tem sido colocado sobre o adoecimento. A saída do mercado de trabalho para a aposentadoria não precisa ser compreendida como algo ruim, mas sim como um recomeço, um período de novos planejamentos e opções.

Tendo em vista, como afirma Reis (2011), que, no capitalismo, o trabalho oferece renda e estrutura uma rotina na vida, englobando relações afetivas e criatividade, proporcionando acesso à independência e sendo considerado uma pessoa produtiva. No momento da velhice, a pessoa acaba rompendo com todos esses elementos agregados ao trabalho.

Quando discorreu sobre a periodização do desenvolvimento humano, Vigotski (1996) afirmou que a crise pode propiciar neoformações. A transição de um estágio de desenvolvimento para outra precisa que ocorra a negação do que já existe, procurar novas formas de relação com o real, criar outra atividade guia e alcançar comportamentos de determinado período.

A constante reinvenção de si e de sua existência, as neoformações são situações enfrentadas frente a marginalização, vulnerabilização e violência em que vivem a camada mais empobrecida da sociedade,

No trecho abaixo vemos uma descrição da precarização da cidade e espaços públicos, situação desafiadora para a população que frente a essa realidade buscava garantir sua sobrevivência:

O mar parecia de cinza, os antigos palácios de marqueses estavam a ponto de sucumbir à proliferação dos mendigos, e era impossível encontrar a fragrância ardente dos jasmims por trás das emanações mortais dos esgotos abertos. Tudo lhe pareceu mais mesquinho do que quando partira, mais indigente e lúgubre, e havia tantas ratazanas famintas na lixeira das ruas que os cavalos do carro tropeçavam assustados. Do longo caminho do porto até sua casa, no coração do bairro dos Vice-Reis, não viu nada que lhe parecesse digno de suas saudades. Derrotado, virou a cabeça para que a mãe não o visse, e se pôs a chorar em silêncio (Márquez, 2009, p. 105).

Apresenta o feminicídio em:

(...) nessa mesma noite Olímpia Zuleta se despiu na frente do marido sem se lembrar do letreiro, e ele não disse uma palavra, nem se alterou sua respiração, nada, se limitando a ir ao banheiro pegar a navalha de barba enquanto ela punha a camisola e a degolou de um talho (Márquez, 1995, p. 217).

O número de feminicídios (morte de mulheres por sua condição de gênero) aumentou em nosso país. Temos raízes históricas que culminaram na desigualdade de gênero, racismo e opressão de classe, aspectos esses formadores da sociedade brasileira, sendo a luta feminista uma forma de protesto contra o sistema capitalista no Brasil e o patriarcado que aqui impera.

Destacamos que a condição da mulher que não pertence a elite no país tem sido a de trabalhadora em tempo integral, violentadas de forma extrema, exploradas sexualmente e tendo sua força de trabalho precarizada, sublinha Pacheco e Dias (2023).

O doutor Juvenal Urbino, após o suicídio de seu amigo fotógrafo pensa sobre a morte. Até mesmo nesse momento de possível finitude vemos diferenças marcantes relacionadas ao gênero, as mulheres convivem mais com a insegurança e medo da morte por feminicídio. Já os homens, por vezes convivem somente com o medo da morte:

Não era o medo da morte. Não: o medo estava dentro dele há muitos anos, convivia com ele, era outra sombra sobre a sua sombra, a partir da noite em que acordou perturbado por um sonho mau e ficou consciente de que a morte não era só uma probabilidade permanente, como havia achado sempre, e sim uma realidade imediata (Márquez, 2009, p. 32).

A ideia de que “o homem teria mais valor que a mulher”, sendo o “varão” muito valorizado também se apresentou na obra:

O doutor Urbino levou sempre em boa conta esse e muitos outros percalços de sua imagem pública, e ninguém era mais consciente do que ele próprio de ser o último protagonista de um nome em extinção. Seus filhos eram dois fins de raça sem nenhum brilho. Marco Aurélio, o varão, médico como ele e como todos os primogênitos de cada geração, não tinha feito nada notável, sequer um filho, passados os cinquenta anos. Ofélia, a única filha, casada com um bom bancário de Nova Orleans, tinha chegado ao climatério com três filhas e nenhum varão (Márquez, 2009, p.46).

A destruição ambiental, social/cultural e humana também foi abordada na obra:

A degradação ambiental e a extinção dos animais que mostra o pano de fundo do capitalismo e da ideia de progresso impacta sim a vida de nossas mulheres idosas, à medida que evidenciam uma invasão estrangeira (aqui apresentada como sendo dos Estados Unidos da América) e uma destruição de tudo que é nosso, precarizando ainda mais a existência nesse território:

Florentino Ariza, com efeito, estava surpreso com o que havia de mudado, e mais ainda estaria no dia seguinte, quando a navegação ficou mais difícil, e percebeu que o rio pai, o Magdalena, um dos maiores do mundo, não passava de uma ilusão da memória. O capitão Samaritano explicou como o desmatamento irracional tinha acabado com o rio em cinquenta anos: as caldeiras dos navios tinham devorado a selva emaranhada de árvores colossais que Florentino Ariza sentia como uma opressão na primeira viagem. Fermina Daza não veria os bichos de seus sonhos: os caçadores de peles dos curtumes de Nova Orleans haviam exterminado os jacarés que fingiam de mortos com as fauces abertas durante horas e horas nos barrancos da margem para surpreender as borboletas, os louros com suas algaravias e os micos com seus gritos de doidos tinham ido morrendo à medida que acabavam as frondes, os peixes-boi de grandes tetas de mãe que amamentavam as crias e choravam com vozes de mulher desolada nas pontas de areia eram uma espécie extinta pelas balas blindadas dos caçadores de prazer (Márquez, 2009, p. 333).

Um caçador da Carolina do Norte, com sua documentação em regra, tinha desobedecido as suas ordens e destroçado a cabeça de uma mãe de peixe-boi com um disparo certo de sua Springfield, e a cria tinha ficado enlouquecida de dor chorando aos gritos sobre o corpo estendido. O comandante tinha feito subir para bordo o órfão, para cuidar dele, e deixou o caçador abandonado na praia deserta junto do cadáver da mãe assassinada. Passou seis meses no cárcere, devido a protestos diplomáticos, e quase perdeu sua licença de navegante, mas saiu disposto a repetir o feito sempre que houvesse ocasião. Contudo, aquele passou a ser um episódio histórico: o peixe-boi órfão, que cresceu e viveu muitos anos no parque

de animais raros de São Nicolau das Barrancas, foi o último que se viu no rio.— Cada vez que passo por essa praia — disse — rogo a Deus que aquele gringo volte a embarcar no meu navio, para que eu volte a deixá-lo (Márquez, 2009, p. 333).

O livro aborda questões ainda marginalizadas e invisibilizadas, como a perda de lugar social e do mundo do trabalho, feminicídio, traição conjugal, suicídio, preconceito etário, solidão, entre outros temas densos, sendo apresentados com uma rica possibilidade de acessar o contexto histórico, político e social da realidade latino-americana que perdura ainda nos dias correntes.

Critica o social, mostra a luta de classes e traz a velhice como protagonista, uma temática que ainda nos dias de hoje se mostra como “vergonha”, “segredo”, “tema que não se deve falar muito”. O autor apresenta de forma satírica sua preocupação com a humanidade e com sua pátria, mostrando a tradição e cotidiano. Na trama diversos valores sociais são abordados, mostrando os conflitos deste território e de seu povo.

Porém, acreditamos que a velhice é também tempo de criação. De acordo com Vigotski (2009) e Pott, Neves e Souza (2022), as pessoas possuem capacidade de criar, e isso foge da ideia de que existiriam gênios e que a criação seria obra apenas deles.

Na busca por contribuir com a mudança de paradigma sobre a velhice, principalmente das mulheres dos extratos sociais mais baixos, ressaltamos os aspectos acima que denunciam e apresentam de alguma forma como é ser mulher e mulher idosa na América-Latina, além do contexto social que mantém certos privilégios a uns e nega o direito a outros.

Por meio das descrições do autor, vemos como é o cotidiano em uma cidade deste continente e pensamos que ao ler o texto, as pessoas podem se identificar, aprender e refletir, buscando na realidade mudanças que só apreenderam por meio do contato com a obra.

A arte, neste contexto, surge inicialmente como o instrumento mais poderoso na luta pela existência, e não se pode admitir nem a ideia de que o seu papel se reduza a comunicar sentimentos, sem implicar nenhum poder sobre esse sentimento (Vigotski, 2001, p.310).

Ao explorar a relação entre a arte e a vida, Vigotski (1925/1972) afirma que um dos atributos primordiais da arte é que ela retira o seu material da vida, porém, devolve algo novo, com capacidade de elucidar e de modificar o que a desencadeou. Um artista consegue converter um sentimento, inicialmente individual, em algo superior a ele, em uma generalização competente para condensar alguma característica da realidade: por meio da arte um sentimento individual se transforma em coletivo (Santos et al., 2018).

De forma similar aos instrumentos de trabalho que modificam a natureza externamente, Vigotski (2000a, 2000b) confere ao signo, ou às variadas formas de linguagem simbólicas construídas pelas pessoas, a função de instrumento psicológico, que tem a atribuição de alterar internamente a natureza de nossas funções psíquicas de imediatas para mediadas. É o funcionamento mediado da percepção, da memória, ou seja, das funções psíquicas, que as constituem como superiores, em contraste aos elementares, que são imediatas, retrata Tuleski (2019).

Portanto, a teoria de Vigotski nos possibilitou depreender que sempre é possível aprender e transformar. Com isso, essa abordagem nos auxiliou a interrogar o quanto a mulher idosa é colocada como sendo uma pessoa que pode se encontrar estagnada, que repetirá hábitos, sem abertura para a novidade.

Contudo, enxergamos por uma ótica diferente, considerando-as como indivíduos capazes de ressignificar suas vidas e encontrar diferentes sentido para o seu devir, principalmente se tiverem contato com a arte. Que possamos mudar essas visões tão limitadas acerca da velhice e entender que a longevidade é um fato extraordinário, revolucionário, e que caminhamos para um futuro feminino em que muitas transformações podem ocorrer.

Considerações finais

Neste trabalho, tivemos como objetivo geral apreender os processos psicossociais que perpassam a vida da mulher idosa e a caracterizam, para isso, iniciamos com a introdução discutindo sobre diversos elementos que impactam a vida da nossa população feminina idosa, como renda, preconceito etário, violências, políticas públicas, entre outros, para assim situarmos o assunto.

No capítulo de número um, buscamos relacionar o primeiro objetivo específico com a discussão deste. Este objetivo específico versou sobre apresentar a vida da mulher idosa em nosso país, relacionando com esse momento do desenvolvimento.

No capítulo de número dois falamos sobre o direito à cidade, relacionando com o segundo objetivo específico: analisar os desafios e potencialidades enfrentados pelas idosas em relação ao território que habitam. A pauta do direito à cidade é necessária para as pessoas idosas, pois, a cidade é uma construção coletiva e que abrange elementos como a garantia de moradia, transporte, trabalho, segurança, saneamento básico, lazer, acessibilidade a essa população. Nossas cidades cresceram marcadas com desigualdades e exclusão, e precisamos rever este contexto.

O capítulo de número três se dedica ao terceiro objetivo específico, que fala sobre compreender a velhice feminina por meio da literatura. Foi o capítulo que mais trouxemos a obra “O amor nos tempos do Cólera” e que buscamos relacionar com a teoria Histórico-Cultura, perpassamos assuntos como o feminicídio, suicídio, racismo, aposentadoria, machismo e outros.

Vigotski apresenta em suas pesquisas argumentos que mostram que as funções psicológicas superiores dos seres humanos se formam por meio da intrincada relação dos fatores biológicos, próprios ao Homo Sapiens, e dos culturais, que evoluíram ao decorrer de

dezenas de milhares de anos da história do ser humano, segundo Vigotski, Luria e Leontiev (2010).

Na concepção da psicologia histórico-cultural, a psique humana não é dada, tampouco seu desenvolvimento, definido por etapas que depreendem o seu apogeu. Trata-se de uma formação social em sua origem e marcada tanto pelos adventos históricos do ser humano quanto pelas chagas próprias do que socialmente criamos, segundo Zanella (2005). Curiosamente, Márquez, em sua narrativa, também foge da ordem cronológica linear e faz uso da distorção do tempo, tanto que o autor inicia a narrativa com a morte.

Vigotski, ao descontinuar, em sua obra, com certas ideias características da modernidade, como o entendimento do tempo enquanto linear e congruente com o progresso, ou seja, de desenvolvimento psíquico em linha reta, ligado à idade cronológica, insere-se em uma tendência iniciada pelos processos revolucionários de supor a linguagem como um processo social e coletivo, um sistema semiótico de significados no qual se ampara a consciência humana (Parker, 2014).

Quando me questionei sobre a velhice da mulher, segundo a perspectiva de Vigotski, novas perguntas surgiram com certa urgência e certamente a idade cronológica não foi o que mais chamou atenção, mas sim, quais discursos eram produzidos de acordo com a classe, gênero, etc: quão grande é o abismo entre as mulheres idosas de classe social mais empobrecida e as outras idosas de outras classes?

Essa pergunta e uma parte das respostas para ela vieram dos incômodos que me acompanharam ao longo de minha trajetória de pesquisa e trabalhos com idosas no campo da psicologia.

Enquanto as mulheres idosas da elite permanecem circulando pelo espaço público e podendo usufruir de descanso e lazer (podendo inclusive ler obras como *O amor nos tempos do cólera*) as idosas empobrecidas permanecem trabalhando e sua renda acaba sendo de importância

fundamental para auxiliar sua família e comunidade. Mesmo quando não tem família, acabam exercendo seu autocuidado de forma mais solitária, tendo em vista que as políticas públicas em nosso país ainda não dão conta do cuidado.

O cólera na obra representa uma doença que revela as péssimas condições sanitárias da época e a miséria na América Latina, nosso local de moradia. Seria também essa uma região abandonada, na qual o ódio e as guerras são muito presentes? Como viver a velhice em um lugar assim? Como amar esse lugar? Como valorizá-lo? Como conviver com tanta falta? Os ricos, como Juvenal, no auge da epidemia de cólera, iam a Paris, enquanto os pobres sucumbiam aos horrores que ocorriam naquele território. Como conviver com o sistema patriarcal que ataca a existência das mulheres?

A estudiosa francesa Simone de Beauvoir (1917-1985), em sua obra clássica “A velhice”, retoma a ‘fonte da juventude’ nas artes e cultura, principalmente no Renascimento. O corpo envelhecido passou do ‘desagradável’ ao ‘asqueroso’, sendo agredido, aviltado e desvalorizado, destacando-se que isso é direcionado especialmente ao corpo das mulheres, compreendido pela cultura misógina como sendo apenas objeto de satisfação dos desejos dos homens.

De acordo com Romero (2009):

[...] é O amor nos tempos do cólera um dos romances mais significativos sobre a sexualidade na velhice. Ao colocar dois idosos na condição de sujeitos desejantes e fazê-los, efetivamente, se relacionarem sexualmente, Gabriel García Márquez abriu uma outra perspectiva para o tema, rompendo com as concepções moralizantes que influenciavam inclusive a pesquisa científica, conforme é possível verificar nos estudos surgidos principalmente a partir do século XIX (Romero, 2009, p. 32).

Mesmo sendo um livro que, por um lado, aborda o amor em todas as idades e de um possível recomeço mesmo na velhice, acreditamos que existe uma crítica quanto a isso. Como mostra Romero (2009), no final da história, o navio retorna para a cidade, mas não pode atracar no porto; foi impedido pelas medidas sanitárias, pois carregava a bandeira do

cólera. Sendo assim, a doença seria uma metáfora que ressalta que foi necessário que Fermina e Florentino “saíssem do mundo” para viver esse amor.

No cotidiano, não ocorre o mesmo? As pessoas idosas não são “convidadas” a sair do mundo do trabalho? Do mundo da família? Ou mesmo existe um discurso social de que o “o melhor está por vir? Nessa ilusão capitalista de que um dia, com muito esforço, seremos capazes de mudar nossa realidade econômica e ascender a uma classe social mais alta?

Portanto, a pesquisa acerca da pessoa idosa na modernidade não se desvincula de como tem sido produzida a mão de obra disciplinada e do entendimento que a classe dominante tem sobre a noção de indivíduo, que perpassa a noção de ser livre independente e autônomo. Com isso, concluímos que o lugar social da pessoa idosa precisa ser pensado em relação ao modelo das forças produtivas vigentes, e ainda em relação com a cultura e modos de produção.

O livro pode transmitir a mensagem de que na velhice existiu um ganho, que a espera valeu a pena, mas indagamos, trazendo essa reflexão para nossas idosas que vivem em condições de miserabilidade, quais ganhos terão na velhice?

Apoiamo-nos na concepção de Vigotski, que afirmava que não deveríamos desprezar a psicologia mediante o que estava sendo exposto; no entanto, poderíamos galgar novos horizontes sem obrigatoriamente repudiar as descobertas científicas constituídas no interior da ideologia burguesa, traz Silva (2015).

Sendo assim, não negamos as descobertas científicas de que o envelhecimento do ser humano pode trazer condições que o impedem de trabalhar, de se reproduzir, entre outras diversas limitações. No entanto, ressaltamos que o desenvolvimento não se apoia apenas no corpo biológico, mas também no social. O que a sociedade tem feito para acolher os idosos? Para ajudá-los a superar as limitações que o corpo pode trazer? É nessa perspectiva que trabalhamos.

A psicologia histórico-cultural viabiliza uma visão da pessoa idosa que não seja fragmentada, baseando-se na matriz teórico metodológica materialista para superar a visão positivista. Além disso, essa teoria compreende o desenvolvimento humano como um processo contínuo de automovimento, no qual ocorre constantemente o surgimento de algo novo, não presente em estágios anteriores, aponta Cedro et al. (2022). Em acréscimo, Reis (2011) destaca a importância de pensar a velhice com foco em sua materialidade, algo que se encontra escasso nas pesquisas recentes.

Enquanto a ideologia liberal valoriza a competição como agente do progresso humano, a tradição à qual Vigotski se ampara não sustenta que o ser humano só progride quando outro é dominado. Pelo contrário, acredita que para nos constituirmos, precisamos do outro. De acordo com Prestes (2010), Vigotski empenhou-se em compreender a função da arte na sociedade e na vida das pessoas, afirmando que “a arte é o social em nós”, no sentido de que ela tem a função a ultrapassar do sentimento individual e sua característica criativa permite o deslocamento de uma vivência em comum. Segundo Vigotski (1999), “há muito tempo se externava a idéia segundo a qual a arte parece completar a vida e ampliar as suas possibilidades” (p.313).

Como esboça Federici (2017), o indivíduo é concebido na modernidade como sendo o senhor e escravo de si, racional, apartado de seu corpo-máquina-organismo. Esse ser humano é produto da racionalização da natureza humana, conformada na modernidade, que buscava formar, desenvolver e sujeitar a mão de obra.

Acreditamos que a arte, especialmente a literatura, pode auxiliar a pessoa a se reaproximar de si mesma, de seus sentimentos, e apresenta elementos que nos ajudam a combater a exploração e opressão social, além de retratar uma época. A arte tem o poder de potencializar nossa sensibilidade, perceber o sofrimento do outro e buscar o bem comum, sendo, portanto, um instrumento cultural que deveria nos acompanhar em todos os momentos e desde o início

do nosso processo de desenvolvimento. Além disso, grandes obras são criadas, muitas vezes, por pessoas adultas e idosas, como é o caso do livro intitulado “O amor nos tempos do cólera” que foi escrito quando seu autor tinha mais de meio século de vida.

A partir da discussão apresentada, à medida que a vida tem sido prolongada, a Psicologia se depara com o desafio de estudar mais sobre o desenvolvimento humano e precisa auxiliar na quebra do paradigma vigente, que tende a valorizar aqueles que produzem e que fornecem lucros. Precisamos trazer em nossos estudos uma visão não naturalizada sobre as pessoas idosas. É necessário, como mostrou Vigotski, tomar consciência de nossas ações, de nossa história pessoal e social, para assim conseguirmos mudar nossas vidas e sociedade.

Referências

- Abrantes, A. A., & Bulhões, L. (2016). Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice* (pp. 241-265). Autores Associados.
- Abreu, M., Ferreira, V., Ávila, M. B., & Falquet, J., (Orgs.). (2014). *O patriarcado desvendado: Teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu*. Edições SOS Corpo.
- Aita, E. B., & Tuleski, S. C. (2021). O conceito de inconsciente para Vigotski: primeiras aproximações. *Fractal: Revista de Psicologia*, 33, 62-71.
- Alano, N. D. A. (2020). A relação entre arte e vida no longa-metragem *Gabbeh*, de Mohsen Makhmalbaf: a perspectiva bakhtiniana em cena. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 15, 154-180.
- Albuquerque, D. D. S., Amancio, D. A. R., Gunther, I. D. A., & Higuchi, M. I. G. (2018). Contribuições teóricas sobre o envelhecimento na perspectiva dos estudos pessoa-ambiente. *Psicologia USP*, 29, 442-450.
- Alencar, N. D. A., Aragão, J. C. B., Ferreira, M. D. A., & Dantas, E. H. M. (2010). Avaliação da qualidade de vida em idosas residentes em ambientes urbano e rural. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13, 103-109.
- Almeida, M. R. (2018). *A formação social dos transtornos do humor* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Repositório Institucional Unesp. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153333>
- Altman, M. (2014). Envelhescência: um fenômeno da modernidade à luz da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(1), 203-206.

- Alvarenga, L. N., Kiyon, L., Bitencourt, B., & Wanderley, K. D. S. (2009). Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(4), 796-802.
- Alves, H. P. F. (2006). Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 23(1), 43-59.
- Arruzza, C.; Bhattacharya, T. (2020). Teoría de la reproducción social. Elementos fundamentales para un feminismo marxista. *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, 16, 37-69.
- Barreto, K. M. L. (2012). *Envelhecimento, mobilidade urbana e saúde: Um estudo da população idosa* [Tese de doutorado, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz]. Repositório Institucional da Fiocruz. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/10461>
- Barroco, S. M. S., & Superti, T. (2014). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: Contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & Sociedade*, 26, 22-31.
- Barros, R. D. B., & Castro, A. M. (2002). Terceira idade: O discurso dos experts e a produção do “novovelho”. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 4, 113- 124.
- Batista, A. S., Jaccoud, L. B., Aquino, L., & El-Mor, P. D. (2008). *Envelhecimento e dependência: desafios para organização da proteção social*. MPS.
- Bertini, F. M. A. (2014). *Mudanças urbanas e afetos: Estudo de uma cidade planejada* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17081>
- Biroli, F. (2019). *Gênero e desigualdade: Limites da democracia no Brasil*. Boitempo.
- Bonadiman, C. S. C., Passos, V. M. D. A., Mooney, M., Naghavi, M., & Melo, A. P. S. (2017). A carga dos transtornos mentais e decorrentes do uso de substâncias psicoativas no Brasil: Estudo de Carga Global de Doença, 1990 e 2015. *Revista Brasileira de*

- Epidemiologia*, 20, 191-204.
- Bomfim, Z. Á. C. (2003). *Cidade e afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17277>
- Bosi, E. (2003). Memória da cidade: Lembranças paulistanas. *Estudos Avançados*, 17(47).
- Braga, E. D. S., & Smolka, A. L. B. (2020). Memória e sentido na narrativa de crianças: Inspirações vigotskianas para a pesquisa na escola. *Cadernos Cedes*, 40(111), 185-197. <https://doi.org/10.1590/CC231666>
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Brasil. (2003). *Estatuto da Pessoa Idosa: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm
- Brasil. (2011). *Projeto de Lei nº 1.118, de 2011*. Câmara dos Deputados.
- Caldas, C. P., & Thomaz, A. F. (2010). A velhice no olhar do outro: uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. *Revista Kairós-Gerontologia*, 13(2).
- Calvino, I. (1993). *Por que ler os clássicos*. Companhia das Letras.
- Camarano, A. A. (2013). O novo paradigma demográfico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18, 3446-3446.
- Camarano, A. A., Carvalho, D. F., & Kanso, S. (2019). Saída precoce do mercado de trabalho: aposentadoria ou discriminação? *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 3183-3192.
- Camarano, A. A., & Fernandes, D. (2018). Condições de empregabilidade do trabalhador mais velho. In J. A. De Negri, B. C. Araújo, & R. Bacelette (Eds.), *Desafios da nação: artigos de apoio* (Vol. 2, pp. 193-229). Ipea.
- Carvalho, J. A. M., & Andrade, F. C. D. (2000). Envejecimiento de la población brasileña: Oportunidades y desafíos. In Comisión Económica para América Latina y el Caribe

- (CEPAL) (Ed.), *Anales del 1º Encuentro Latinoamericano y Caribeño sobre las Personas de Edad* (pp. 81-102). Cepal. <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/5951>
- Catão, F. F., & Rocha, K. K. R. (2019). Public policies and human rights for seniors in living together care services. *Psicologia em Revista*, 25(2), 909-923.
- Catão, M. F. (2001). *Projeto de vida em construção: na exclusão/inserção social*. Universitária - UFPB.
- Ceccon, R. F., Vieira, L. J. E. D. S., Brasil, C. C. P., Soares, K. G., Portes, V. D. M., Garcia Júnior, C. A. S., & Carioca, A. A. F. (2021). Envelhecimento e dependência no Brasil: Características sociodemográficas e assistenciais de idosos e cuidadores. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 17-26.
- Cedro, W. L. et al. (2022). A velhice: Uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia histórico-cultural. *Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas*, 2(1), 55-69.
- Centeio, H., Dias, S., Rito, S., Santinha, G., Vicente, H., & Sousa, L. (2010). Aveiro: Cidade amiga das pessoas idosas!?. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13, 369-381.
- Chauí, M. (2009). *Convite à filosofia* (13ª ed.). Ática.
- Cockell, F. F. (2014). Idosos aposentados no mercado de trabalho informal: Trajetórias ocupacionais na construção civil. *Psicologia & Sociedade*, 26, 461-471.
- Cockell, F. F., & Peticarrari, D. (2011). Retratos da informalidade: A fragilidade dos sistemas de proteção social em momentos de infortúnio. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(3), 1709-1718.
- Côrte, B., Khoury, H. T. T., & Mussi, L. H. (2014). Suicídio de idosos e mídia: o que dizem as notícias? *Psicologia USP*, 25, 253-261.
- Costa, E. M. S. (1998). *Gerontodrama: a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos*

sobre o envelhecimento e a terceira idade. Agora.

- Costa, M. O. (2022). *Interfaces da psicologia e da educação nos processos de envelhecimento: Entre horizontes e jornadas* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.48.2022.tde-23052022-095727>
- Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais* (2a ed.). Artmed.
- Damasceno, B. P. (2020). Contribuições dos estudos de autores soviéticos para a psicologia e a neurociência cognitiva contemporâneas. *Cadernos Cedes*, 40, 156-164.
- De Souza, M. P. R. (2022). Psicologia Escolar, políticas educacionais e os impactos da pandemia de Covid-19: reflexões a partir do enfoque histórico-cultural. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 6(1), 40-53.
- Debert, G. G. A. (2002). Antropologia e o Estudo dos Grupos e das Categorias de Idade. In: *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 4, p. 113-124, 2002.
- Delari Junior, A. (2013). Princípios éticos em Vigotski: Perspectivas para a psicologia e a educação. *Nuances: Estudos sobre Educação*, 24(1), 45-63. <https://doi.org/10.14572/nuances.v24i1.2153>
- Delboni, B. S., Joaquim, S. B., Ploner, K. S., & Cyrino, L. A. R. (2013). Gerascofobia – o medo de envelhecer na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 10(2).
- Drumond, E. (2019). *Aquarius e Gloria: sentidos do envelhecimento feminino em filmes produzidos no Brasil e no Chile na década de 2010*. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde.
- Elkonin, D. B. (1987). Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la

- infancia. In V. Davidov, & M. Shuare (Orgs.), *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (Antología)* (pp. 104-124). Progreso.
- Engels, F. (2012). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Expressão Popular.
- Facci, M. G. D., & Anache, A. A. (2022). A periodização do desenvolvimento na psicologia histórico-cultural: fundamentos para a prática pedagógica? *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3641>
- Facci, M. G. D., & Reis, C. W. (2020). A velhice sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (2ª ed., pp. 293-318). Autores Associados.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Faria, P. M. F., Dias, M. S. D., & Camargo, D. D. (2019). Arte y catarsis para Vigotski em Psicología del Arte. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(3), 152-165.
- Featherstone, M., & Hepworth, M. (1991). The mask of age in gand the post-modern life course (pp. 389-404). In M. Featherstone, & B. S. Hepworth (Orgs.), *The body: social process and cultural theory*. Sage.
- Federici, S. (2004). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação originária*. São Paulo: Elefante.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação originária*. São Paulo: Elefante.
- Feitosa, M. Z. D. S., Sousa, L. C. A., Paz, A. F. C., Barreto, E. H. F. L., & Bonfim, Z. A. C. (2018). Afetividade, território e vulnerabilidade na relação pessoa-ambiente: Um olhar ético político. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30, 196-203.
- Felix, Y. T. M., & Catão, M. F. (2013). Envelhecimento e aposentadoria por policiais

- rodoviários. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 420-429.
- Fernandes-Eloi, J., & Costa Lourenço, J. R. (2019). Suicídio na velhice – Um estudo de revisão integrativa da literatura. *CES Psicología*, 12(1), 80-95.
- Ferreira, C. R., Isaac, L., & Ximenes, V. S. (2018). Cuidar de idosos: Um assunto de mulher? *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*.
- Ferreira, M. C. G. et al. (2017). Social representations of older adults regarding quality of life. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70(4), 806-813.
- Ferreira, O. G. L., Maciel, S. C., Costa, S. M. G., Silva, A. O., Moreira, M. A. S. P. (2012). Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. *Texto & Contexto Enfermagem*, 21(3), 513-518.
- Fichtner, B. (2010). O surgimento do novo nos gestos de crianças – um “diálogo impossível” entre Benjamin e Vigotski. *Poiesis Pedagógica*, 8(2), 18-32.
- Fiocruz. (2022). Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. *Observatório Covid-19*, 2022.
- França, L. H. D. & Vaughan, G. (2008). Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses frente à aposentadoria. *Psicologia em Estudo*, 13, 207-216.
- Giddens, A. (2008). Sociologia do corpo: Saúde, doença e envelhecimento. In *Sociologia* (6ª ed., pp. 144–169). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Góis, C. W. L. (2008). *Saúde comunitária: Pensar e fazer*. Hucitec.
- Goldenberg, M. (2013). *A bela velhice*. Record.
- Gomes, S. R. (2008). *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Editora Fiocruz.
- Gramsci, A. (2001). *Cadernos do cárcere: Volume 4 – Temas de cultura: Americanismo e fordismo* (C. N. Coutinho, Ed. e Trad.; L. S. Henriques & M. A. Nogueira, Co-eds.). Civilização Brasileira.
- Guerra, V. M., Scarpati, A. S., Duarte, C. N. B., Silva, C. V. D., & Motta, T. A. (2014). Ser

- homem é... Adaptação da Escala de Concepções da Masculinidade. *Psico-USF*, 19, 155-165.
- Gutierrez, D. M. D., Minayo, M. C. D. S., Sousa, A. B. L., & Grubits, S. (2021). Os adultos mais velhos tentam suicídio por atenção? *Saúde e Sociedade*, 29, e190659.
- Haddad, E. G. M. (1986). *A ideologia da velhice*. Cortez.
- Harvey, D. (2012). O direito à cidade. *Lutas sociais*, (29), 73-89.
- Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes: Do direito à cidade e à revolução urbana*. Martins Fontes.
- Hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. WMF Martins Fontes.
- Iacub, R. (2007). *Erótica e velhice: Perspectivas do Ocidente*. Vetor Editora.
- IBGE (2015). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. <http://www.ibge.gov.br/home/>
- Kalache, A. (2014). Respondendo à revolução da longevidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3307.
- Kilomba, G. (2016). A máscara. *Caderno de Literatura em Tradução*, 16, 171-180.
- Lancman, S., Szelwar, L. I., & Jardim, T. A. (2006). Sofrimento psíquico e envelhecimento no trabalho: Um estudo com agentes de trânsito. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 17(3), 129-136.
- Leal, M. D. C., Gama, S. G. N. D., Pereira, A. P. E., Pacheco, V. E., Carmo, C. N. D., & Santos, R. V. (2017). A cor da dor: Iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 33.
- Lebrão, M. L.(2007).O envelhecimento no Brasil: Aspectos da transição demográfica e epidemiológica. *Saúde Coletiva*, 4(17), 135-140.
- Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade*. Centauro.
- Lima, E. D., Medrado, B., Lyra, J., & Quirino, T. R. (2020). Masculinidades na publicidade

- governamental sobre saúde do homem no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(2), 155-174.
- Lima, P. M. R., Coelho, V. L. D., & Günther, I. A. (2011). Envolvimento vital: Um desafio da velhice. *Geriatrics & gerontology*, 261.
- Luborsky, M., & Leblanc, I. (2003). Cross-cultural perspectives on the concept of retirement: Ananalytic redefinition. *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, 18(4), 251-327.
- Lustoza, R. Z. (2009). O discurso capitalista de Marx a Lacan: Algumas consequências para o laço social. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12, 41-52.
- Macêdo, G. M., & Bonfim, Z. A. C. (2003). Protagonismo social da psicologia no campo da circulação humana. In M. V. O. Silva (Org.), *II Seminário Nacional de Psicologia e Políticas Públicas: Políticas públicas, psicologia e protagonismo social* (pp. 85-114). Conselho Federal de Psicologia. <https://site.cfp.org.br/publicacao/ii-seminrio-nacional-de-psicologia-e-polticas-pblicas/>
- Machado, L. V., Facci, M. G. D., & Barroco, S. M. S. (2011). Teoria das emoções em Vigotski. *Psicologia em Estudo*, 16, 647-657.
- Maciel, T. F., & Moura, L. B. A. (2023). Pressupostos epistemológicos das cidades amigas das pessoas idosas: Revisão de escopo. *Acta Paulista de Enfermagem*, 36, eAPE00202.
- Maia, F. D. O., Duarte, Y. A. D., & Lebrão, M. L. (2006). Análise dos óbitos em idosos no Estudo SABE. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 40, 540-547.
- Manna, R. E., Leite, J. C. A., Aiello- Vaisberg, T. M. J. (2018) Imaginário coletivo de idosos participantes da rede de proteção e defesa da pessoa idosa. *Saúde e Sociedade*.
- Marçal, C. (2017). *As emoções e sentimentos na literatura infantil: perspectiva vigotskiana* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná]. Repositório Institucional UNIOESTE. <https://tede.unioeste.br/handle/tede/2946>
- Maricato, E. (2013). É a questão urbana, estúpido! In: E. Maricato et al. *Cidades rebeldes:*

- Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (pp. 32-46). Boitempo: Carta Maior.
- Marques, R. (2022). Notas sobre a reforma previdenciária brasileira no contexto do neoliberalismo e da América Latina. *Brazilian Journal of Political Economy*, 20, 146-157.
- Márquez, G. G. (2009). *O amor nos tempos do cólera* (A. Callado, Trad.). Record.
- Martin-Baró, I. (1997). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2, 7-27.
- Martins, E. (2013). Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico cultural do envelhecimento. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(1), 215-236.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812013000100014&lng=pt&tlng=pt
- Martins, L. M. (2020). O que é a psicologia concreta: contribuições de Lev. S. Vigotski. *Interação em Psicologia*, 24(3).
- Martins, L. M., Abrantes, A. A., & Facci, M. G. D. (2020). Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice. Autores Associados.
- Melo, M. D. F., & Medeiros, L. (2018). A Psicologia Social e a luta contra a pobreza nossa de cada dia. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13(2), 1-6.
- Minayo, M. C. D.S. (2019). O imperativo de cuidar da pessoa idosa dependente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 247-252.
- Minayo, M. C. D. S., & Coimbra Jr., C. E. (2002). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Fiocruz.
- Minchoni, T. (2019). *Coletivo Sarau do Binho: Insurgência (po)ética nas tramas afetivas do território* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Molon, S. I. (2011). Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicologa*

em Estudo, 16(4), 613-622.

Montaleone, T. V., & Witter, C. (2017). Prática baseada em evidências em psicologia e idosos.

Conceitos, estudos e perspectivas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 48- 61.

Moreira, L. E., & Oliveira, R. G. D. (2022). Maternidade e política: Tempos, contratempos e

revoluções. *Psicologia & Sociedade*, 34, e236930. [https://doi.org/10.1590/1807-](https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34236930)

[0310/2022v34236930](https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34236930)

Moreira, V., & Nogueira, F. N. N. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida

do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 19, 59-79.

Moser, C. O. N., & Mcilwaine, C. (2006). Latin American urban violence as a development

concern: Towards a framework for violence reduction. *World Development*, 34(1), 89-

112.

Motta, A. B. (2000). Relações de família dos mais idosos. In *Anais do 24º Encontro Anual da*

ANPOCS (p. 103). Petrópolis, RJ.

Motta, A. B. (2005). Viúvas: O mistério da ausência. *Estudos interdisciplinares sobre o*

envelhecimento, 7.

Moura, J. F., & Sarriera, J. C. (2019). Impactos das diferentes formas de mensuração da

pobreza nas variações do índice de bem-estar pessoal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*,

35.

Moura, L. B. D. A., & Maciel, T. F. (2020). Cidade amiga da pessoa idosa: Uma utopia para a

Brasília metropolitana na década do Covid-19. *Revista do CEAM*, 6(1), 50-63.

Oliveira, A. M. D., Varallo, F. R., Rodrigues, J. P. V., & Pereira, L. R. L. (2022). Protocolo da

implantação do cuidado farmacêutico na geriatria: estratégia para segurança na

assistência à saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 43.

Oliveira, R. N. (2021). *Serviço Social, classe, gênero e raça: Tendências teórico-*

metodológicas e as possíveis contribuições da Teoria Unitária [Tese de doutorado,

- Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44654>
- Organização Mundial de Saúde [OMS] (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília.
- Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS]. (2021). *Decade of healthy ageing 2020-2030*. Disponível em: <https://social.desa.un.org/sdn/decade-of-healthy-ageing-2021-2030>
- Pacheco, E. M., & Dias, M. T. G. (2023). A luta das mulheres por políticas sociais: Avanços e retrocessos. *Serviço Social & Sociedade*, 146, 263-283.
- Pacheco, F. P., & Bonfim, Z. A. C. (2022). Atividade comunitária, estima de lugar e conscientização: Uma análise da participação social do movimento Resistência Vila Vicentina. *Interações (Campo Grande)*, 23, 247-261.
- Parker, I. (2014). *Revolução na psicologia: Da alienação à emancipação*. Alínea Editora.
- Paulinelli, R. (2018). A cidade, o território e a vida em condomínios: Possibilidades de uma (in)experiência do comum. In B. B. Sawaia (Org.), *Afeto & comum: Reflexões sobre a práxis psicossocial* (pp. 37–53). Editora da Universidade Federal do Amazonas.
- Penna, E., & Araujo, F. R. R. (2021). Adultescência: a caminho da maturidade no mundo contemporâneo. *Junguiana*, 39(1), 167-178.
- Pimentel, A. (2001). O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de pesquisa*, (114), 179-195.
- Pimentel, W. R. T. et al. (2018). Quedas entre idosos brasileiros residentes em áreas urbanas: ELSI-Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 52.
- Pires-de-Mello, A. C. (2013). História de vida de D. Pinah sob a ótica da narrativa individual e do At-9. *Revista Angelus Novus*, 175-190.
- Pott, E. T. B., Neves, M. A. P., & Souza, V. L. T. D. (2022). Contribuições da imaginação ao processo de desenvolvimento e à educação: Uma análise a partir da psicologia histórico-

- cultural. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26.
- Pozza, L. P., & Magiolino, L. L. S. (2018). Vigotski e a tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca: a crítica de leitor como leitura dissonante. *Linha Mestra*, 12(36), 805-809.
- Prestes, Z. R. (2010). *Quando não é a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: Repercussões no campo educacional* (Tese de doutorado, Universidade de Brasília). Repositório Institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6094>
- Provinciali, R. M. (2005). *O convívio com HIV/AIDS em pessoas da terceira idade e suas representações: Vulnerabilidade e enfrentamento* [Dissertação de mestrado não publicada]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Purin, G. T., & Sawaia, B. B. (2018). Em busca de uma concepção psicossocial de território na convergência entre política, comunalidade e afeto. In B. B. Sawaia (Org.), *Afeto & comum: Reflexões sobre a práxis psicossocial* (pp. 29-36). Editora da Universidade Federal do Amazonas.
- Rabelo, D. F., & Neri, A. L. (2015). Tipos de configuração familiar e condições de saúde física e psicológica em idosos. *Cadernos de Saúde Pública*, 31, 874-884.
- Reis, C. W. (2011). *A atividade principal e a velhice: Contribuições da psicologia histórico-cultural* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UEM.
- Rivière, A. (2002). *La psicología de Vygotsky*. A. Machado Libros.
- Rodrigues, N. O., Neri, A. L. (2012). Vulnerabilidade social, individual e programática em idosos da comunidade: dados do estudo FIBRA, Campinas, SP. *Ciências da Saúde Coletiva*, 17(8), 2129-2139.
- Rodrigues, R. N., & Johansen, I. C. (2022). Nota dos editores: para além da resiliência. *Revista*

Brasileira de Estudos de População, 39.

- Romero, M. R. Z. (2009). *Erotismo, velhice e conhecimento em O amor nos tempos de cólera* [Dissertação de mestrado, Universidade de Santa Cruz do Sul]. Repositório Institucional da Unisc. <https://repositorio.unisc.br/handle/11624/1131>
- Rosa, E. M. et al. (2012). Violência urbana, insegurança e medo: Da necessidade de estratégias coletivas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32, 826-839.
- Rozendo, A. D. S. (2022). Ageless: Uma experiência emergente de (anti)envelhecimento.
- Santos, B. R. (1996). *A emergência da concepção moderna de infância e adolescência: Mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Biblioteca Digital da PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18409>
- Santos, M. (1977). Sociedade e espaço: A formação social como teoria e método. *Boletim Paulista de Geografia*, (54).
- Santos, M. A. S., et al. (2015). Non-communicable hospital morbidity trends in Brazil, 2002-2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24, 389-398.
- Santos, L. A. D. C., Faria, L., & Patiño, R. A. (2018). O envelhecer e a morte: Leituras contemporâneas de psicologia social. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 35.
- Santos, P. M. V. D. (2019). *Das infâncias naturalistas à infância histórica: Um estudo à luz da crítica de L. S. Vigotski à psicologia infantil* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório da UFG. <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/23426>
- Sawaia, B. B. (2000). A emoção como locus de produção do conhecimento: Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In *Anais da III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural: A cultura, a dimensão psicológica e a mudança histórica e cultural* (pp. 1-25). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.
- Sawaia, B. B. (2001). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade*

social (2ª ed.). Vozes.

- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia e Sociedade*, 21(3), 364-372.
- Schwertner, M. R., & Bodnar, R. (2018). Trapos que aconchegam: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (56), 1–10. <https://doi.org/10.1590/2316-4018569>
- Scorsolini-Comim, F. (2021). Para além dos manuais: reflexões sobre o ensino de Psicologia do Desenvolvimento nas ciências da saúde. *Reflexão e ação*, 29(2), p. 147-159.
- Secco, C. L. T. R. (1999). As rugas do tempo na ficção. *Cadernos IPUB*, (10), 9-33.
- Silva, D., Magiolino, L. L. S., Sawaia, B. B., Albuquerque, R., & Busarello, F. (2018). *Afeto & comum: Reflexões sobre a práxis psicossocial*. Alexa Cultural.
- Silva, E. A. R.; Elali, G. A. (2015). O papel das praças para o envelhecimento ativo sob o ponto de vista dos especialistas. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(2), 382-396.
- Silva, G. C. N., Almeida, V. L., Brito, T. R. P. D., Godinho, M. L. S. D. C., Nogueira, D. A., & Chini, L. T. (2018). Violência contra idosos: Uma análise documental. *Aquichan*, 18(4), 449-460.
- Silva, L. A. M. da (2004). Sociabilidade violenta: Por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade & Estado*, 19(1), 53-84.
- Silva, L. R. F. (2009). Autonomia, imperativo à atividade e “máscara da idade”: prerrogativas do envelhecimento contemporâneo? *Revista Psicologia & Sociedade*, 21(1), 128-134.
- Silva, M. D. C., & Chariglione, I. P. F. S. (2024). Envelhecimento e pessoas com deficiência nas perspectivas Vigotskiana e life-span. *Revista Psicopedagogia*, 41(124), 151-162.
- Silva, R. I. M. (2015). *Sobre psicologia e ideologia na obra de L. S. Vigotski* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Universidade Estadual de Maringá Repositório Institucional. <https://repositorio.uem.br/jspui/handle/1/1497>

- Silva, S. L. A. et al. (2009). Avaliação de fragilidade, funcionalidade e medo de cair em idosos atendidos em um Serviço Ambulatorial de Geriatria e Gerontologia. *Fisioterapia e Pesquisa*, 16(2), 120-125.
- Simões, J. A. (2004). Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras* (pp. 415-447). Garamond.
- Siqueira, C. L. D. O. (2019). *Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento*. <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc>
- Sousa, N. F. D. S., Lima, M. G., & Barros, M. B. D. A. (2021). Desigualdades sociais em indicadores de envelhecimento ativo: estudo de base populacional. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 5069-5080.
- Sousa, N. F. D. S., Lima, M. G., Cesar, C. L. G., & Barros, M. B. D. A. (2018). Envelhecimento ativo: Prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. *Cadernos de Saúde Pública*, 34.
- Souza, F. F., & Dainez, D. (2022). Defectologia e Educação Escolar: implicações no campo dos Direitos Humanos. *Educação & Realidade*, (47), e116863. <https://www.scielo.br/j/edreal/a/4hWG3gGsrzKdpwN3PmgZLbS/>
- Sthal, H. C., Berti, H. W., Palhares, V. C. (2010). Caracterização de idosos internados em enfermaria de pronto-socorro quanto à vulnerabilidade social e programática. *Escola de Enfermagem Anna Nery*, 14(4), 697-704.
- Superti, T. (2023). *Psicologia da arte vigotskiana e ensino de literatura: reflexões estético-científicas para o trabalho educativo da/o professora/o* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista (Unesp)]. Repositório Institucional
- Superti, T., & Vygotski, M. D. A. (2013). *A Psicologia da Arte: do objeto, do método e das*

- contribuições para a humanização do homem* [Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá]. Repositório Institucional.
- Teixeira, J. (2015). Mecanismos linguísticos em publicidade: a construção dos conceitos de perfeição e de eternidade (pp. 175-199). In M. A. Marques, & X. M. S. Rei (Orgs.), *Novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português*. Universidade do Minho.
- Teixeira, S. M. D. O., & Martins, J. C. D. O. (2018). O suicídio de idosos em Teresina: fragmentos de autópsias psicossociais. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30, 262-270.
- Tuleski, S. C. (2019). A unidade do psiquismo humano para Vigotski e a desagregação desta na esquizofrenia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35424. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35424>
- Valsiner, J. (2000). *Culture and human development*. Sage Publications.
- Vasconcelos, D. (2004). A sexualidade no processo de envelhecimento: novas perspectivas – Comparação transcultural. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 413-419.
- Veras, R. P., & Oliveira, M. (2018). Envelhecer no Brasil: A construção de um modelo de cuidado. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 1929-1936.
- Vigotski, L. S. (1977). *Las emociones y su desarrollo en la edad infantil*. Visor.
- Vigotski, L. S. (1995). Obras escogidas: problemas de desarrollo de la psique. Tomo III. In *Obras escogidas: problemas de desarrollo de la psique*. Tomo III (p. 383).
- Vigotski, L. S. (1927/1996). O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. Em L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 203-420). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1927).
- Vigotski, L. S. (1996). *Obras escogidas* (Tomo IV). Visor.
- Vigotski, L. S. (1997). *Obras Escogidas* (Tomo I). Visor.
- Vigotski, L. S. (1998). *Psicologia da arte*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da arte*. (P. Bezerra, Trad.). Martins Fontes. Original

publicado em 1965.

Vigotski, L. S. (2000a). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores (L. Kuper, Trad.). In *Obras escogidas* (Vol. 3, 2ª ed., pp. 11-347). Visor.

Vigotski, L. S. (2000b). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 21(71), 21–44.
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>

Vigotsky, L. S. (2001). *Psicologia da Arte*. Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2004). *Teoría de las emociones. Estudio histórico-psicológico*. Akal. (Original publicado em 1932).

Vigotski, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem* (2ª ed.). Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2010). Quarta aula: A questão do meio na pedologia (M. P. Vinha, Trad.). *Psicologia USP*, 21(4), 681-701. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>
(Original publicado em 1935)

Vigotski, L. S., Luria, A. R., & Leontiev, A. N. (2010). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (M. da P. bVillalobos, Trad.). Ícone Editora.

Xavier, L. P. (2013). *O amor nos tempos do cólera e a tradução do espaço para o contexto do cinema* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional da UFC. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8126>

Zanella, A. V. (2005). Sujeito e alteridade: Reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, 17, 99-104.

Zavialoff, N. (1998). Introduction. In L.S. Vigotski, *Théorie des émotions: étude historico-psychologique* (pp. 5-83). L'Harmatan.

Zhavoronkov, A. (2013). *The Ageless Generation: How advances in biomedicine will transform the global economy*. Palgrave.